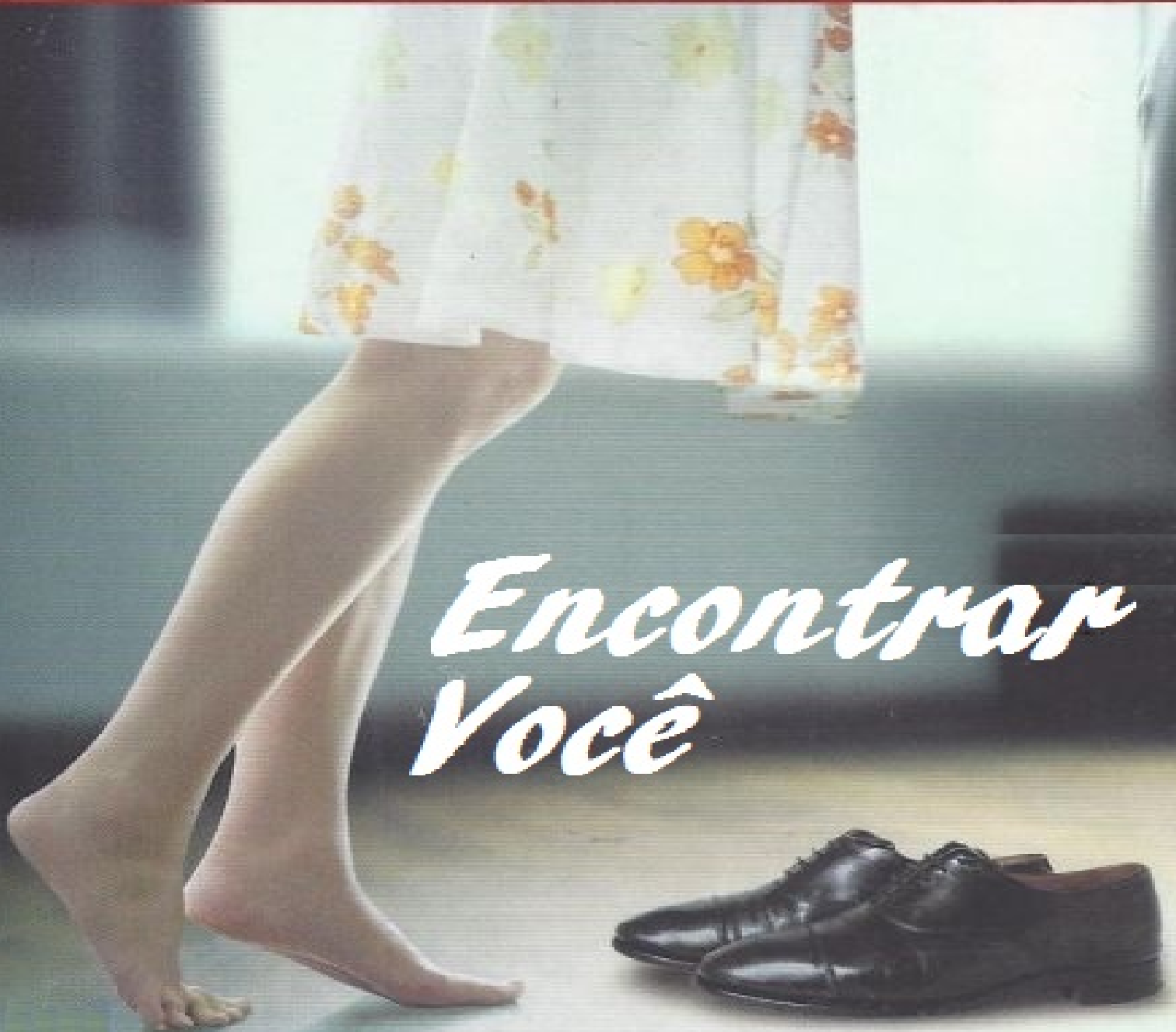


Marc Levy

*Encontrar
Você*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MARC LEVY

[1961]

ENCONTRAR VOCÊ

Título original francês

VOUS REVOIR

[2005]

“A lei da gravidade não é responsável por as pessoas se apaixonarem.”

ALBERT EINSTEIN

SINOPSE

Em "Encontrar Você", Marc Levy traz de volta os personagens que encantaram o mundo na história de amor sobrenatural de seu romance de estréia "E Se Fosse Verdade...". Lauren, curada do acidente que a deixou à beira da morte, é agora uma grande neurocirurgiã. A identidade do homem que encontrou sentado a sua cabeceira assim que voltou do coma, no entanto, ainda permanece um mistério. E todos, inclusive a mãe, se recusam a responder suas perguntas. Enquanto isso, após uma temporada na França, o arquiteto Arthur resolve retornar a São Francisco. Se a vida oferecesse uma segunda chance aos dois, será que, apesar de todos os riscos, eles saberiam aproveitá-la? Encontrar Você é o novo livro do francês Marc Levy, que mantém os toques de aventura, humor e magia que o transformaram num dos mais populares escritores do planeta.

PRÓLOGO

Arthur pagou a conta na recepção do hotel. Ainda lhe sobrava algum tempo para dar uma volta pelo bairro. O recepcionista entregou-lhe o recibo, que ele guardou no bolso da jaqueta. Atravessou o pátio e subiu pela Beaux A118. Os paralelepípedos, recém-molhados por grandes jatos de água secavam-se sob os primeiros raios de sol. Na rua Bonaparte, as vitrines começavam a se animar. Arthur vacilou diante de uma pastelaria e continuou seu caminho. Um pouco mais acima, o campanário branco da igreja St.-Germain-des-Prés, recortava-se contra as cores do dia que nascia. Caminhou até a praça Fürstenberg, ainda deserta. Cumprimentou a jovem florista, que acabava de subir a persiana metálica, vestida com um avental branco que lhe emprestava o ar encantador de uma química em seu laboratório. Alguns ramalhetes desordenados que ela frequentemente compunha, adornavam os 3 aposentos do pequeno apartamento que Arthur ocupava havia somente dois dias.

A florista retribuiu o cumprimento, sem saber que não tornaria a vê-lo.

Quando entregou as chaves ao porteiro na véspera do fim de semana, fechou as portas a vários meses de vida no exterior, e ao projeto arquitetônico mais audacioso que já tinha realizado: um centro cultural franco americano.

Talvez regressasse um dia, em companhia da mulher que ocupava seus pensamentos. Mostraria a ela as ruas estreitas daquele bairro de que tanto gostava, e juntos, caminhariam pelas margens do Sena, onde gostava de passear, mesmo nos dias de chuvas, tão comuns na capital. Sentou-se num banco para redigir a carta que guardava no coração. Quando estava quase terminada, colocou-a no envelope do papel de Rives sem fechar e o pôs no bolso. Verificou as horas e retornou ao hotel. O táxi não tardaria, seu avião iria decolar em 3 horas.

Naquela mesma noite, ao término da longa ausência que ele mesmo havia se imposto, estaria de volta à sua cidade.

Capítulo 1

O céu da baía de São Francisco era de um vermelho intenso. Pela janela do avião, o Golden Gate emergia sob um denso nevoeiro. A aeronave inclinou-se verticalmente em Tiburón, foi perdendo altitude rumo ao sul e virou novamente sobrevoando a Ponte de São Mateus. No interior, dava a impressão que iria deslizar em direção às salinas que resplandeciam com mil brilhos

O automóvel Saab colou-se entre dois caminhões e cortou três pistas em diagonal, ignorando os sinais de farol de alguns motoristas descontentes. Deixou a Highway 101 e pegou a pista que conduzia ao aeroporto internacional de São Francisco. Perto da ladeira, Paul diminuiu a velocidade para verificar a rota nos letreiros indicativos. Blasfemou, depois, por ter-se equivocado e deu marcha-ré durante mais de cem metros, procurando a entrada do estacionamento

Na cabina do piloto, o comissário de bordo anunciava uma altitude de setecentos metros. A paisagem mudava. Uma quantidade enorme de torres, que rivalizavam em modernidade, recortavam a luz do sol poente. O ruído surdo do trem de aterrissagem não tardou a se fazer ouvir.

No interior do Terminal, o painel luminoso indicava que o vôo AF 007 acabava de aterrissar. Paul saiu pela escada rolante e se precipitou para o corredor. O piso de mármore era escorregadio e ele derrapou na curva, conseguindo agarrar-se na manga de um comandante de vôo que caminhava em sentido contrário; quase não teve tempo de se desculpar e retornou à sua louca corrida.

O aerobus A 340 de Air France avançava lentamente sobre a pista, e seu estranho “focinho” se aproximou dos vidros do Terminal. O ruído das turbinas se transformou num grande barulho e o túnel articulado se estendeu até a fuselagem.

Paul, atrás do balcão de chegadas internacionais, abaixou-se e apoiou as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego. As portas se abriram e a primeira remessa de passageiros dispersou-se pelo vestíbulo.

Longe, uma mão se agitava no meio da multidão; Paul abriu caminho e caminhou ao encontro de seu melhor amigo.

— Não se apresse tanto — disse-lhe Arthur, enquanto o abraçava.
Um dono de quiosque os olhava enternecido.

— Chega! — insistiu Arthur.

— Senti saudades de você — disse Paul, encaminhando-se com ele até os elevadores que conduziam ao estacionamento, com o olhar de gozação do amigo sobre ele.

— O que significa esta camisa havaiana? Você pensa que é Magnum?

Paul olhou-se no espelho e fez uma careta enquanto abotoava um botão da camisa.

— Fui arejar sua nova moradia em Delahayse Moving — continuou Paul. Seus objetos pessoais foram entregues ontem pela companhia de mudança. Arrumei um pouco, como pude. Você comprou Paris inteira ou deixou pelo menos duas ou três coisas nas lojas?

— Obrigada por você se ocupar disso; o apartamento é bom?

— Já vai vê-lo, acredito que você goste, e além disso não fica longe do escritório.

Desde que Arthur terminara a imponente construção do centro cultural, Paul fizera todo o possível para que ele voltasse a San Francisco. Nada podia compensar o vazio deixado em sua vida com a partida daquele a quem amava como a um irmão.

— A cidade não mudou muito — disse Arthur.

Participo de um importante projeto.

— Queria ir com você! — disse Arthur.

Com essa cara de fuso horário? Prefiro que você fique em casa! Amanhã, virei cedo para levá-lo para comer. — Paul abraçou Arthur e repetiu até que ponto se alegrava com sua volta. Construímos duas torres entre as ruas Quatorze e Dezessete, um hotel e oficinas, e, você diz que a cidade não mudou?

— Como vai o escritório?

— Deixando os problemas com seus clientes parisienses, tudo vai mais ou menos bem. Maureen volta de férias dentro de duas semanas, deixou um bilhete no escritório, está impaciente para revê-lo.

Enquanto duraram as obras de Paris, Arthur e sua ajudante conversavam várias vezes por dia, e ela administrara todos os assuntos pendentes.

Paul estava prestes a passar a saída da autopista e traçou uma nova diagonal em busca da estrada que se comunicava com a rua Três. Um concerto de buzinas saudou sua perigosa manobra.

— Sinto muito — disse, olhando pelo retrovisor.

— Oh, não se preocupe; uma vez que você tenha conhecido a praça de l'Etoile, nada mais pode amedrontá-lo.

— O que é?

— O maior circuito de carros de corrida do mundo. E é grátis!

Arthur tinha aproveitado o sinal do cruzamento da Avenida Van Esse para abrir a capota elétrica. A mesma abriu com um chiado terrível.

— Não consigo separar-me dele — disse Paul —, tem um pouco de reumatismo, mas este carro aguenta.

Arthur abaixou a janela e aspirou o ar vindo do mar.

— Que tal Paris? — perguntou Paul, cheio de entusiasmo.

— Muitos parisienses!

— E as parisienses?

— Tão elegantes como sempre!

E você e as parisienses? Você teve aventuras?

— Arthur fez uma pausa antes de responder.

— Ainda não me curei, se é o sentido de sua pergunta.

— Refiro-me a histórias sérias. Você se apaixonou por alguém?

— E você? — perguntou Arthur.

— Solteiro!

El Saab fez um giro pela Rua Pacific para subir até o norte da cidade. No cruzamento de Fillmore, Paul estacionou.

— Aqui estamos. Este é seu novo lar, doce lar; espero que você goste, do contrário, poderemos retornar à imobiliária. A própria pessoa deve escolher a moradia.

Arthur o interrompeu: gostaria do lugar, estava certo que sim.

Atravessaram o vestíbulo do pequeno imóvel carregando a bagagem. O elevador os levou ao terceiro andar. No corredor, ao passar diante do apto 3B, Paul lhe disse que havia conhecido sua nova vizinha, “uma belezura”, sussurrou, enquanto abria a porta em frente.

Desde o salão, a vista abrangia os telhados do Pacífico Heights. A noite estrelada entrava na casa. Os empregados da empresa de mudança tinham colocado de qualquer maneira, sem ordem ou encaixe, os móveis que vieram da França e, subido a mesa de desenho, que se encontrava em frente à janela. As caixas de livro estavam vazias, e, seu conteúdo já adornava as estantes da biblioteca.

Arthur, mudou os móveis, colocando o sofá de frente para a cristaleira e empurrando uma das duas poltronas até a pequena lareira.

— Vejo que você continua sendo meticuloso como sempre.

— Está melhor assim, não?

— Está perfeito — contestou Paul —. Você gosta, agora?

— Sinto-me em casa!

— Aqui você está, de volta à sua cidade, em seu bairro, e, com um pouco de sorte, em sua vida.

Paul o acompanhou aos demais aposentos. O dormitório era grande e há está mobiliado com uma grande cama, dois criado-mudos e uma cômoda. Um raio de lua filtrava-se pela janela do banheiro contíguo e Arthur o abriu de imediato; havia uma bela perspectiva.

Paul ficava receoso de ter que deixá-lo na mesma noite de sua chegada, mas tinha aquela reunião de trabalho; no estúdio, deu uma volta e assinalou as paredes da casa.

— Ah! Aqui neste apartamento tem uma coisa formidável na qual ainda não tinha reparado.

— O quê? — perguntou Arthur.

— Não tem um só quadro!

No coração de São Francisco, um Triumph verde circulava velozmente pela Avenida Potrero. John Mackenzie, o vigia do estacionamento do San Francisco Memorial Hospital, deixou seu jornal. Reconhecia aquele ruído de motor tão especial que fazia o carro da jovem médica, enquanto franqueava a rua Vinte e Dois. Os pneus do carro fizeram-se ouvir diante da guarita. Mackenzie desceu de seu banco e olhou o capô, encaixado debaixo da barreira, quase até a altura do para-brisas.

Você tem que operar urgentemente o decano, ou está fazendo isso para me deixar nervoso? perguntou, sacudindo a cabeça.

— Uma pequena descarga de adrenalina não pode causar qualquer dano a seu coração; você deveria me agradecer, John. Deixe-me entrar, agora, por favor?

— Esta noite não há qualquer vaga reservada para você.

— Esqueci-me de um manual de neurocirurgia na escrivaninha. É só um minutinho.

— Entre seu trabalho e este bólido, vai acabar se matando, doutora. A 27, ao fundo, à direita, está livre

Lauren agradeceu sorrindo, a barreira se elevou e ela pisou de imediato no acelerador, provocando um novo cantar de pneus. O vento

levantou várias mechas de seu cabelo, deixando descoberta em sua frente a cicatriz de um antigo ferimento.

Sozinho no salão, Arthur começava a se familiarizar com o lugar. Paul tinha instalado uma pequena rede estéreo em uma das prateleiras da biblioteca.

Ligou o rádio e começou a esvaziar a últimas caixas empilhadas. Ao toque da campainha, Arthur atravessou o corredor. Uma senhora encantadora lhe estendeu a mão.

— Sou Rose Morrison, sua vizinha!

Arthur convidou-a a entrar, mas ela recusou.

— Ficaria encantada de bater um papo com você — disse —, mas tenho uma noite bem apertada. Enfim, vamos esclarecer: nada de rap, techno, de vez em quando ritmos e blues, mas somente do bom, e, quanto ao Hip Hop, já veremos. Se você precisar de qualquer coisa, toque minha campainha, e insista; estou surda como uma parta!

A Senhora Morrison saiu. Em seguida Arthur, divertido, parou uns instantes no corredor, antes de recomeçar o trabalho.

Uma hora mais tarde, as câimbras no estômago, lembraram-no de que não havia ingerido nada desde a comida no avião. Abriu a geladeira, sem grandes esperanças, e descobriu, surpreso, uma caixa de leite, uma barra de manteiga, um pacote de torradas, um pote de patê fresco e um bilhete de Paul desejando-lhe bom proveito.

A Emergência estava lotada. Macas, cadeiras de rodas, poltronas, bancos... Até o menor dos espaços estava ocupado. Por trás dos vidros da recepção, Lauren consultava a lista de entradas. Apenas tivera tempo de marcar na grande lousa branca, o nome dos pacientes que já haviam recebido tratamento, quando outros os sucediam.

— Aconteceu um terremoto e eu não soube? perguntou à recepcionista, com ironia.

— Sua chegada foi providencial. Estamos sobrecarregados.

— Estou vendo! O que aconteceu? — quis saber Lauren.

— O reboque de um caminhão arrebentou e caiu bem em cima da vitrina de um supermercado. Vinte e três feridos, sendo dez, gravemente. Sete estão nas cabinas atrás de mim, três no raio X, e, avisei aos da reanimação para que nos enviem reforços — prosseguiu Beth, enquanto lhe entregava um pilha de fichas.

— Começa uma bela noite! — concluiu Lauren, enquanto colocava uma bata.

Entrou na primeira sala de emergência.

A jovem que parecia dormir sobre a mesa de pesquisa, teria uns trinta anos. Lauren consultou rapidamente sua ficha. De seu olho esquerdo escorria um fio de sangue. A corajosa interna pegou o pequeno aparelho luminoso no bolso da bata e levantou as pálpebras da paciente, mas as pupilas não reagiram à luz. Apalpou as extremidades azuladas e tornou a deixar suavemente, a mão da jovem. Aplicou o estetoscópio na base do pescoço, e depois a cobriu com um lençol. Olhou o relógio de parede, anotou algo na ficha e saiu do aposento em direção ao box vizinho. Na folha do histórico que deixara em cima da cama, estabeleceu a hora do falecimento como 20 horas e 21 minutos; a hora de uma morte deve ser tão precisa quando a de um nascimento.

Arthur inspecionou todos os cantos da cozinha, abriu as gavetas e apagou o fogo baixo onde deixara a água que já fervia. Saiu de casa e bateu na porta de sua vizinha. Não obtendo resposta, ia dar meia volta, quando ela a abriu.

— Você acha que isto é chamar alto? — disse a senhora Morrison.

— Não queria incomodá-la; poderia me arrumar um pouco de sal?

A senhora Morrison o olhou, consternada.

— Custa-me acreditar que os homens continuam utilizando tais truques para tocarem a campainha!

Quando Arthur a fitou com expressão inquieta, ela caiu em sonora gargalhada.

— Teria que ver seu rosto!! Entre! Os temperos estão no cesto junto ao corredor de pratos — disse ela —, apontando a pequena cozinha contígua ao salão. Pegue tudo o que você precisar: estou muito ocupada.

E tornou a sentar-se rapidamente no grande sofá em frente ao televisor. Arthur passou para o outro lado e olhou, intrigado, a cabeleira branca da Sra. Morrison, agitando-se por trás das costas do sofá.

— Meu filho, fique ou vá embora, faça o que quiser, mas sem ruído. Dentro de um minuto, Bruce Lee dará um golpe de karatê incrível e aplicará uma boa surra neste chefinho da quadrilha que está começando a me enervar.

Ela fez um gesto para que se instalasse na poltrona próxima, mas, em silêncio.

— Quando terminar esta cena, pegue o prato de carne fria na geladeira e venha assistir ao resto do filme comigo; você vai adorar! Além do mais, uma cena para dois, é bem melhor do que uma cena para um só!

O homem deitado na mesa do hospital estava com múltiplas fraturas nas pernas; e a julgar pela palidez de seu rosto, “padecer” era a palavra adequada.

Lauren abriu a caixa de primeiros socorros e pegou uma ampola e uma seringa.

— Não suporto injeções — gemeu o paciente.

Você está com as pernas feridas e... com medo de uma agulha? Os homens nunca deixam de me surpreender.

— Que injeção é?

— O remédio mais velho do mundo contra a dor.

— É tóxico?

— A dor provoca estresse, taquicardia, hipertensão e sequelas irreversíveis na memória... Acredite-me: é mais nociva que algumas miligramas de morfina.

— Na memória?

— Qual sua profissão, Sr Kowack?

— Sou mecânico.

— Então, proponho um acordo: confie em mim no que diz respeito a sua saúde e no dia que eu levar meu Triumph em sua oficina, o senhor poderá fazer tudo o que quiser com ele.

Lauren introduziu a agulha no catéter e apertou a seringa. Ao liberar o alcaloide no sangue, livraria France Kowack de seu suplício. O líquido opaco penetrou na veia e quando atingiu o tronco cerebral, inibiu a dor. Lauren sentou-se no banco com rodas e secou-lhe a fronte, enquanto controlava sua respiração. Estava tranquila.

— Chamam este produto de morfina, por causa de Morfeu. Agora, descanse. Você teve muita sorte.

Kowack levantou os olhos em direção ao céu.

— Estava fazendo minhas compras — murmurou —. Fui atropelado por um caminhão na seção de congelados e tenho as pernas despedaçadas.

— Que bom que não estava na cabina ao lado!

A cortina da sala abriu. O professor Fernstein reclamava estar tendo um dia ruim.

— Você não tinha folga neste fim de semana? — perguntou..

A crença é uma questão religiosa! — Contestou Lauren, bruscamente —. Passei por aqui um momento apenas, mas como pode ver, não falta trabalho — acrescentou prosseguindo seu exame.

— Raramente falta trabalho em um setor de Emergência. Se você arrisca sua saúde, está arriscando a saúde de seus pacientes. Quantas horas de plantão você fez esta semana? Nem sei porque faço esta pergunta, você é capaz de responder-me que quando se faz o que gosta, as horas não contam — disse Fernstein, furioso, saindo do box.

É um saco! — resmungou Lauren, aplicando o estetoscópio sobre o peito do mecânico, que a olhava aterrorizado —. Fique tranquilo, estou em plena forma, e ele é sempre assim.

— Eu me ocuparei dele — disse Betty, dirigindo-se a Lauren. — Precisamos de você. Estamos totalmente com falta de pessoal.

Lauren levantou-se e pediu à enfermeira que telefonasse para sua mãe. Iria ficar toda a noite no hospital e alguém teria que cuidar de sua cadelinha Kali.

A Sra Morrison estava lavando os pratos e Arthur tinha adormecido no sofá.

— Creio que já está na hora de você ir dormir.

— Também o creio — disse Arthur espreguiçando-se —. Obrigado pelo filme.

— Bem-vindo à Rua Pacific, 212. Geralmente, sou muito discreta, mas se você precisar de algo, pode bater em minha porta.

Quando se dirigia para a porta, Arthur reparou num cãozinho branco e preto que estava deitado sob a mesa.

— É Pablo — falou a senhora Morrison —. Vendo-o assim, parece que está morto, mas ele adora dormir: é sua atividade preferida. Está na hora de acordá-lo para levá-lo a um passeio.

— A senhora quer que eu o leve?

— Vá dormir: no estado em que você se encontra, temo que se saírem, eu vá encontrar os dois, pela manhã, roncando ao pé de uma árvore.

Arthur cumprimentou-a e voltou para casa. Gostaria de limpá-la mais um pouco, mas o cansaço foi maior.

Deitado na cama, com a cabeça apoiada nas mãos, olhava através da porta entreaberta do dormitório. As caixas empilhadas no salão fizeram-no recordar-se de uma noite, em outros tempos, quando morava no último andar de uma casa vitoriana, não longe dali.

Passavam duas horas da madrugada e a enfermeira chefe estava procurando Lauren. O centro de Emergência, finalmente, tinha se esvaziado. Aproveitando o momento de calma, Betty decidiu abastecer as caixas de primeiros socorros das salas. Avançou pelo corredor e descerrou a cortina da última cabina. Em cima da cama, Lauren dormia o sono dos justos. Betty tornou a fechar a cortina e se foi, balançando a cabeça.

Capítulo 2

Arthur acordou ao meio-dia. A carícia do sol entrava pela janela do salão. Preparou um desjejum ligeiro e ligou para o celular de Paul.

— Alô, Baloo — disse seu amigo ao atender —, vejo que você aproveitou ao máximo.

Paul propôs que saíssem para comer, mas Arthur tinha outros programas em mente.

— Resumindo — disse Paul —, posso escolher entre deixar você ir a Carmel andando, ou levá-lo de carro.

Não! Eu queria passar na oficina de seu padrasto, pegar meu Ford, e nós dois poderíamos ir juntos.

— O carro não saiu desde a aquela noite, faz tempo; você quer passar o fim de semana na estrada esperando um guincho?

Mas Arthur assinalou que aquela fubica tinha conhecido sonhos melhores, e, ademais, conhecendo a paixão do padrasto de Paul por automóveis antigos, estava certo que deveria ter tratado de seu carro.

— Meu velho Ford dos anos sessenta tem uma saúde melhor do que o seu cabriolé pré-histórico.

Paul consultou a hora; dentro de minutos chamaria a oficina, Arthur só teria que encontrar-se ali com ele.

Às três, os dois amigos estavam na frente do estabelecimento. Paul girou a chave na fechadura e entrou. Em meio aos veículos de polícia, para conserto, Arthur acreditou ter reconhecido uma velha ambulância dormindo sob uma lona. Aproximou-se e levantou uma de suas extremidades. Tinha um certo ar nostálgico. Arthur rodeou o furgão, vacilou e acabou abrindo a porta traseira. No interior da cabina, sob uma espessa camada de poeira, uma maca lhe trouxe tantas lembranças, que Paul teve que elevar o tom de voz para arrancar Arthur de seu sonho.

— Esqueça a cabaça e venha aqui; você vai ter que tirar três carros para pegar seu Ford; já que vamos a Carmel, não vamos perder o pôr do sol!

Arthur deixou a lona em seu lugar, acariciou o capô e murmurou: Até a vista, Daisy.

Quatro tentativas no pedal do acelerador, apenas três engasgos e o motor do Ford começou a roncar. Depois de outras manobras, e de outras

tentativas de Paul, o carro saiu da oficina e se dirigiu ao norte da cidade para pegar a estrada que margeia o Pacífico.

— Você continua pensando nela? — perguntou Paul.

Como resposta, Arthur abaixou a janela; um vento suave entrou no veículo.

Paul deu pequenos golpes no retrovisor.

— Um, dois, um, dois, três. Ah, sim, funciona; espere, vou tentar novamente... Você continua pensando nela?

— Às vezes — respondeu Arthur.

— Com frequência?

— Um pouco pela manhã, um pouco ao meio-dia, um pouco à tarde e um pouco à noite

— Você fez bem indo para a França para esquecê-la: parece completamente curado! E nos finais de semana, você também pensa nela?

— Não disse que isso estivesse me impedindo de viver. Você queria saber se eu pensava nela e eu respondi, isto é tudo. Tive aventuras, se você ficar mais tranquilo sabendo; e agora, mude o assunto, este não me agrada.

O carro circulava pela baía de Monterrey e Paul contemplava as praias do Pacífico, que desfilavam do outro lado do cristal; os quilômetros seguintes transcorreram em silêncio.

— Espero que você não tenha intenção de tornar a vê-la — aventurou-se.

Arthur nada disse e se fez um novo silêncio.

Alternavam-se praias e restingas, pelo caminho. Paul desligou o rádio porque trepidava cada vez que passavam entre dois quebra-molas.

— Acelere, ou vamos perder o pôr do sol!!

— Temos duas horas de vantagem, e, desde quando você tem uma alma tão bucólica?

— Para mim, não importa o crepúsculo. O que me interessa são as garotas que estão na praia!

O sol se punha e seus raios filtravam-se entre as prateleiras de uma pequena biblioteca que ocultava uma janela no ângulo do salão. Lauren dormira grande parte da tarde. Olhou o relógio e foi ao banheiro. Lavou o rosto, abriu o armário e ficou em dúvida diante de uma calça de jogging. Tinha apenas o tempo suficiente para correr até a marina, se quisesse chegar a tempo para o plantão da noite, mas precisava tomar ar.

Vestiu-se. Tanto pior se não jantava: seus horários eram absurdos, e beliscaria algo a caminho. Apertou a tecla da secretária telefônica. Uma mensagem de seu noivo lembrava-a que naquela noite deveriam assistir à projeção do último documentário que ele tinha realizado. Apagou a mensagem antes de que a voz de Robert tivesse tempo sequer de dizer a hora do programa.

Havia um quarto de hora que o Ford tinha saído da estrada. Os contornos da propriedade recortavam-se ao longe, sobre a colina; Arthur virou no desvio e pegou a direção de Carmel.

— Temos todo o tempo do mundo, mas antes, vamos deixar as sacolas — disse Paul

Arthur recusou-se a dar meia volta; tinha outra coisa na cabeça.

— Deveria ter comprado pinças para fazer a filtragem — continuou Paul —. Supondo que mesmo que consigamos abrir caminho entre as teias de aranha, a casa terá um cheiro de mofo, não?

— Há momentos em que me pergunto se você irá crescer algum dia. A casa tem sido limpa regularmente, inclusive há lençóis novos nas camas. Na França existem telefones, você sabia? E também, administradores, Internet e televisão. Só na cafeteria da Casa Blanca acredita-se que os franceses não têm água corrente!

Seguiu por um caminho que levava ao alto de uma colina: diante deles apareceu o gradil de ferro forjado do cemitério.

Enquanto Arthur descia do carro, Paul ocupou o assento do motorista.

— Diga-me, nesta casa mágica que se mantém em boas condições enquanto você não está, não existe também um acordo entre o forno e a geladeira para que preparemos a janta?

— Não, para isso, nada foi previsto.

— Bom, então vou fazer umas compras antes que as lojas fechem. Virei buscá-lo — disse Paul, com voz alegre; além do mais, prefiro deixar que você desfrute de uns momentos de intimidade com sua mãe.

Havia uma mercearia dois quilômetros dali. Paul prometeu retornar logo. Arthur viu-o distanciar-se no automóvel, entre nuvens de poeira, deu a volta e caminho até o umbral da cerca. A luz era suave e a alma de Lili parecia planar ao redor, como tantas vezes, desde sua morte. No final do atalho, encontrou a lápide iluminada pelo sol.

Arthur fechou os olhos; o jardim rescendia a menta. Começou a falar em voz baixa...

“Lembro-me de um dia no jardim das rosas. Eu devia ter seis ou sete anos. Era o início de nosso último ano. Você saiu da cozinha e se instalou embaixo do alpendre. Não a vi. Antoine tinha saído para o mar, assim eu aproveitava sua ausência para fazer o que me tinha sido proibido. Cortava as roseiras com suas tesouras de poda, demasiado grandes para minhas mãos. Você saiu de onde estava e desceu os degraus da escada para proteger-me do perigo de um ferimento. “ Ao ouvir seus passos, pensei que você fosse gritar, porque eu tinha traído a sua confiança; pensei que você fosse me tirar a ferramenta como se tira uma medalha de quem não a merece. Mas, nada disso aconteceu; você se sentou perto de mim e me fitou. Logo, pegou minha mão e a guiou ao longo do corte. Com a voz enternecida por um sorriso, você me disse que sempre precisava cortar por baixo do botão, pois do contrário, correria o risco de ferir a rosa; e um homem jamais deve ferir uma rosa; não foi assim? Mas, quem pensa naquilo que fere os homens?

“Nossos olhares se cruzaram. Você passou a mão sob meu queixo e me perguntou se eu me sentia sozinho. Balancei a cabeça para negar, com toda a força, que faz falta para afugentar uma mentira. Nem sempre você podia alcançar-me no abismo de nossas diferenças de idade. Mamãe, você acredita num destino que nos impele a reproduzir os mesmos comportamentos de nossos pais?

“Recordo suas palavras na última carta que você me deixou. Eu também renunciei, mamãe.

“Não imaginava que alguém pudesse amar como eu a amei. Acreditei nela como se acredita num sonho. Quando se desvaneceu, eu desapareci com ela. Pensei que agia por valentia, por abnegação, mas poderia ter me negado a escutar a todos aqueles que me ordenaram que não voltasse a vê-la. Sair de um coma é como nascer outra vez. Lauren necessitava ter sua família ao seu lado. E sua única família era sua mãe e um noivo, com o qual ela continuou. Quem sou eu para ela, senão um desconhecido? De qualquer modo, não serei eu que a fará descobrir que todos os que a rodeiam, concordaram em deixá-la morrer. Eu não tenho o direito de quebrar o frágil equilíbrio de que tanto necessitava.

“A mãe dela me suplicou que não lhe contasse que também ela havia renunciado à filha. O neurocirurgião me jurou que isto provocaria um choque tão grande, que talvez ela não se recuperasse do mesmo. Seu noivo,

que voltou a entrar em sua vida, foi a última barreira que se ergueu entre eu e ela.

“Sei o que você está pensando. A verdade está em outra parte, o medo é múltiplo. Me fez falta o tempo para admitir que tive medo de não saber conduzi-la até o final de meus sonhos; medo de não estar à sua altura; medo de que ela não quisesse realizá-los comigo; medo, finalmente, de não ser o homem que ela esperava; medo de admitir que ela havia me esquecido.

“Mil vezes pensei em buscá-la, mas também, nessas vezes, fiquei com medo de que ela não acreditasse em mim, medo de não saber reinventar nossos risos, medo de que ela já não fosse mais aquela a quem amei, e, sobretudo, medo de perdê-la de novo; para isso não teria tido forças. Parti, então, para o estrangeiro, para ficar longe dela. Mas não existe distância grande o suficiente, quando se ama alguém. Bastava encontrar uma mulher, na rua, parecida, para que eu acreditasse que a estava vendo; ou que minha mão rascunhasse seu nome numa folha de papel, para fazê-la aparecer; que fechasse meus olhos, para ver os seus; ou que ficasse em silêncio, para ouvir sua voz. E, durante este tempo, concretizei o projeto mais bonito de minha carreira. Construí um centro cultural com a fachada ladrilhada: parece um hospital!

“Ao ir para o exterior, também estava fugindo de minha própria covardia. Pedi arrego, mamãe, e se você soubesse quanto me reprovoo... Vivo na contradição desta esperança... de que a vida torne a nos colocar um em frente ao outro, sem saber se eu me atreveria a falar com ela. Agora, tenho que dar um passo adiante, sei que você vai compreender o que estou a ponto de fazer com sua casa e não vai ligar. Não se preocupe, mamãe: não me esqueci que a solidão é um jardim onde nada cresce. Ainda que hoje eu viva sem ela, já não estou só, pois ela existe em algum lugar.

Arthur acariciou o mármore branco e se sentou na pedra, ainda impregnada do calor do dia. Na parede, junto ao túmulo de Lili, cresce uma videira que a cada ano dá uvas, que os pássaros de Carmel bicam

Arthur ouviu um ruído; virou-se e viu Paulo que estava sentado diante de uma esteira, a alguns metros de distância. Seu amigo, também, começou a falar em tom confidencial.

— Isto não está nada bem, não é, senhora Tarmachov? Sua sepultura se encontra em estado vergonhoso! Já faz muito tempo, mas não é minha culpa, a senhora sabe? Por causa de uma mulher cujo fantasma frequentava,

essa besta aí, decidiu abandonar seu melhor amigo. Mas, aqui estou, nunca é tarde demais, e trouxe todo o necessário

De um sacola de mercearia, Paul retirou uma escova, sabão líquido e uma garrafa de água, começando a esfregar energicamente a pedra.

Pode-se sabe o que você está fazendo? -perguntou Arthur — Por acaso você conhece a senhora Tarmachv?

— Morreu em 1906!

— Paul, você não pode deixar de fazer uma estupidez nem por dois segundos? Estamos em um lugar de recolhimento!

— Pois eu me recolho, limpando!

— O túmulo de uma desconhecida?

— Não é uma desconhecida, meu amigo — disse Paul, enquanto se erguia — Com a quantidade de vezes que você me obrigou a acompanhá-lo ao cemitério para visitar sua mãe, não vai me fazer uma cena por simpatizar um pouco com sua vizinha!

Paul enxaguou a pedra, que tinha recuperado sua brancura e contemplou, satisfeito consigo mesmo, o trabalho realizado. Arthur o olhou, consternado, e se levantou também.

— Dê-me as chaves do carro! Até a vista, senhora Tarmachov! — disse Paul —. Não se preocupe: com a intransigência dele, devemos nos ver pelo menos duas vezes antes do Natal. De qualquer maneira, agora já está limpa até o outono.

Arthur pegou seu amigo pelo braço.

— Eu tinha coisas importantes para dizer.

Paul se encaminhou com ele até a grande porta de ferro forjada do cemitério.

— Muito bem, vamos embora; comprei uma costela de boi de dar água na boca!

No atalho, onde Lili repousava de frente para o oceano, viram a sombra de um velho jardineiro que recolhia os cascalhos. Os dois amigos caminharam até o automóvel, estacionado mais embaixo. Paul consultou o relógio; o sol não tardaria a se ocultar por trás da linha do horizonte

— Quem dirige? Você ou eu? — perguntou Paul.

— O velho Ford de minha mãe? Você está de brincadeira. Antes, foi uma exceção.

O automóvel entrou pela estrada que descia ao largo da colina.

— Pouco me importa dirigir o seu velho Ford.

— Então, por que você sempre me pede?

— Estou de saco cheio!

Você quer fazer a costela de boi no fogão a lenha?

— Não, eu estava pensando em assá-la na biblioteca.

— E se depois da praia, fôssemos ao porto comer umas lagostas? —

Propôs Arthur.

O horizonte estava cobrindo-se de uma seda cor de rosa que trançava largas faixas, parecendo unir o oceano com o céu.

Lauren correra até parar, exausta. Estava se recuperando, enquanto comia um sanduíche, sentada em frente ao pequeno porto desportivo. Os mastros dos veleiros balançavam-se sob uma ligeira brisa. Robert apareceu com as mãos nos bolsos.

— Eu sabia que a encontraria aqui.

— Você adivinhou ou mandou que me seguissem?

— Não preciso ser um adivinho — disse Robert, sentando-se no banco —. Eu a conheço, você sabe. Quando você não está no hospital ou na cama, está correndo.

— Fujo!

— Você também foge de mim? Não respondeu às minhas chamadas.

— Robert, não tenho vontade de retornar a esta conversa. Meu estágio termina no outono, e, ainda tenho muito trabalho a fazer, se quiser conseguir o título.

— Você só é ambiciosa quando se trata de seu trabalho. As coisas mudaram desde o seu acidente.

Lauren jogou o resto do sanduíche em uma lixeira e se levantou para amarrar os cordões dos tênis.

— Preciso me aliviar; você ficará aborrecido se eu continuar correndo?

— Venha — disse Robert, segurando-a pela mão.

— Onde?

— Ao menos uma vez, poderia levá-la ou não?

Saiu do banco para levá-la até o estacionamento, debaixo de seu braço protetor. Instantes mais tarde, o carro percorria a Pacific Heights.

Os dois amigos haviam se sentado na parte extrema do cais. As ondas tinham reflexos oleosos e o céu, agora, era cor de fogo.

— Estou me metendo onde não sou chamado, mas se você não o notou, o sol se põe exatamente do outro lado — disse Arthur a Paul, que

dava de ombros e contemplava a praia.

Pois, seria bom você se meter! O seu sol tem todos os números para estar aí amanhã de manhã, enquanto que estas duas garotas ali, já não é tão certo que estejam.

Arthur observou as duas jovens, que sentadas na areia, riam

Uma rajada de vento levanto o cabelo de uma delas, e a outra tirou a areia que havia entrado em seus olhos.

— É uma boa ideia, a das lagostas — exclamou Paul, dando uma palmada no joelho de Arthur —. Como muita carne, e, um pouco de pescada me fará bem.

As primeiras estrelas se elevavam no céu da baía de Monterrey. Na praia, vários casais aproveitavam aquele instante de paz.

— São crustáceos — replicou Arthur, abandonando o cais.

— Que mentirosas, as lagostas! Não foi isso o que me disseram! Enfim, a moça da esquerda, sem dúvida é o seu tipo, parece um pouco com a senhorita Casper(Fantasmilha); eu vou abordar a da direita — acrescentou Paul, enquanto se afastava.

— E seu amigo paga a conta cada vez que você convida uma mulher para jantar? — gracejou Mathilde...

— Com algumas variáveis e com frequência, ornando o meu papel, sim — disse Arthur.

Mathilde permaneceu fitando-o.

— Você está com saudade de alguém, não é verdade? Está escrito em seus olhos, com letras enormes — disse ela.

— Somente lugares assim, pouco movimentados fazem ressurgir certas lembranças.

— Eu precisei de seis longas semanas para recuperar-me de minha última separação. Dizem que para curar um caso desses, leva-se a metade do tempo que ele durou. E logo, acordamos uma manhã e o peso do passado desaparece como por encanto. Você não imagina até que ponto você se sente pronto. Respeito isso, agora, sou livre como o ar.

Arthur deu uma volta na mão de Mathilde, como se quisesse ler as linhas de sua palma.

— Você tem muita sorte. — disse

— E você? Desde quando dura sua convalescença?

— Anos!

Vocês estiveram juntos tanto tempo assim? — perguntou a jovem, com voz cheia de ternura.

— Quatro meses!

Mathilde Berkane baixou o olhar e cortou bruscamente sua lagosta.

— Você tem a chave? — perguntou Robert, procurando nos bolsos —. Deixei a minha no escritório.

Ela foi a primeira a entrar no apartamento. Sentiu vontade de se refrescar e deixou Robert no salão. Sentado no sofá, em seguida ouviu o ruído da ducha.

Robert empurrou suavemente a porta do dormitório. Atirou uma por uma suas peças de roupa em cima da cama e avançou furtivamente para o banheiro. O espelho estava coberto de vapor. Abriu a cortina e entrou no box.

— Você quer que eu massageie seus ombros?

Lauren não contestou. A sensação no ventre era agradável. Robert colocou as mãos em sua nuca e fez uma massagem em seus ombros, antes de abraçá-la com ternura. Ela abaixou a cabeça e abandonou-se às suas carícias

Robert estava estirado sobre a cama e enfiava as mãos nos bolsos dos jeans.

O que você procura? — perguntou Lauren, enquanto secava o cabelo com uma toalha.

— Meu maço...!

— Você não pretende fumar aqui...

— De chicletes! — disse Robert, mostrando com orgulho a caixinha que tirava do bolso das calças.

— Depois, os embrulhe em um papel, antes de jogá-los, fora. É asqueroso.

Vestiu calças compridas e uma camisa azul com o emblema San Francisco Memorial Hospital.

— Não deixa de ser curioso — replicou Robert, com as mãos por trás da cabeça —. Você passa o dia vendo coisas horríveis no hospital e diz que meus chicletes lhe causam nojo.

Lauren colocou a bata e ajustou a gola diante do espelho. A ideia de reencontrar-se com seu trabalho e com o ambiente de Emergências, devolveu o seu bom-humor.

Pegou as chaves sobre a cômoda e saiu do dormitório; deteve-se no meio do salão e voltou. Olhou Robert deitado, nu, sobre sua cama.

— Não fique com cara de carneiro degolado; no fundo, você somente precisa levar uma mulher pelo braço, para o plantão dessa noite. Na realidade, você só pensa em você...; eu não tenho vez!

Fechou a porta de sua casa e foi ao estacionamento. Minutos mais tarde, saiu pela noite, ao volante do Triumph. Os faróis se acenderam um a um, em Green Street, como se quisessem saudar a rua. A ideia fez Lauren sorrir.

O maître os havia instalado diante das janelas. Onega gostava da história que Paul contava. A adolescência compartilhada com Arthur no internato, os anos de faculdade, os primeiros passos no escritório de arquitetura que juntos haviam fundado. Esta narrativa lhe permitiria entreter suas convidadas até o final da ceia. Arthur, silencioso, tinha o olhar perdido no oceano. Quando o garçom lhes serviu as lagostas, Paul cutucou-o por debaixo da mesa.

— Você parece que está em outro lugar — sussurrou Mathilde, que estava a seu lado.

— Você pode falar mais alto: ele não ouvirá! Sinto muito, você tem razão, eu estava um pouco distraído, mas é que acabo de fazer uma longa viagem e esta história que ele conta, eu já decorei: eu também participei de tudo.

Capítulo 3

O velho Ford subia a costa sob uma lua avermelhada que iluminava toda a baía de Monterrey. Paul não tinha pronunciado palavra desde que levaram as duas moças ao hotel onde estavam hospedadas. Arthur desligou o rádio e se deteve na área de estacionamento que havia junto ao jardim. Desligou o motor e apoiou o queixo nas mãos. A sombra da casa recortava-se mais abaixo. Abriu a janela para que entrasse o perfume de menta silvestre vindo das colinas.

— Por que você está com essa cara? — perguntou Arthur.

— Você me toma por um imbecil?

Paul deu um soco na prancha...

— E este automóvel? Você também pensa em desfazer-se dele? Vai se livrar de todas as suas recordações?

— De que você está falando?

— Agora compreendo sua artimanha: “passemos primeiro pelo cemitério, depois pela praia e vamos comer lagostas... “ Você acreditava que de noite eu não veria a placa de “VENDE-SE” quando você tomou tal decisão?

— Há várias semanas, mas ainda não recebi qualquer oferta a contento.

— Eu disse para você que virasse a página sobre uma mulher, e não que queimasse a biblioteca de seu passado. Se você se separar da casa de Lili, irá se arrepender. Um dia você vai querer passear por aqui, vai tocar a campainha, uns desconhecidos vão convidá-lo a visitar sua própria casa e, quando o acompanharem de volta à porta do que foi sua infância, você vai se sentir só, muito só.

Arthur colocou Ford em marcha e o motor pegou logo. O portal verde da propriedade estava aberto.

— Você empaca mais do que uma mula! — resmungou Paul enquanto saía do carro.

— Você conheceu muitas?

No céu não havia nuvens. À luz da lua, Arthur adivinhou a paisagem que o rodeava. Subiram pela escadaria de pedra que bordeava o caminho. Na metade do caminho, Arthur sentiu, à sua direita, os restos do roseiral. O jardim estava abandonado, mas uma variedade enorme de perfumes mesclados despertavam, a cada passo, uma grande lembrança de recordações olfativas.

A casa adormecida estava tal como a havia deixado naquela manhã compartilhada com Lauren. A fachada com as persianas fechadas havia envelhecido um pouco mais, mais as telas estavam intactas.

Paul avançou até a escada, subiu os degraus e chamou Arthur.

— Você tem as chaves?

— Estão na imobiliária. Espere-me aí, tem uma cópia por aqui.

— E você vai atravessar as paredes para buscá-la?

Arthur não respondeu. Dirigiu-se à janela da esquina e retirou, sem vacilar, um pequeno calce encaixado sob o postigo, que girou sobre as dobradiças. Logo levantou a armação da janela, desencaixou-a ligeiramente e a deslizou sobre seus trilhos. Já podia entrar na casa.

O pequeno escritório estava oculto pela escuridão. Arthur não precisava de qualquer luz para se orientar. Sua memória de criança permanecia intacta e conhecia cada canto. Evitando olhar a cama, aproximou-se do armário, abriu a porta e se ajoelhou. Bastou estender o braço para sentir sob a mão o couro da pequena maleta negra que encerrava os segredos de Lili. Abriu os fechos e levantou lentamente a tampa. A essência dos dois perfumes que Lili misturava em um grande frasco de cristal amarelo, com tampa de prata envelhecida, ainda escapava do interior da maleta. Mas não era somente a lembrança de sua mãe que apertava seu coração.

Arthur pegou a chave que se encontrava onde a tinha deixado, no dia em que fechou a casa pela última vez. Foi justamente depois da partida do inspetor de polícia, que devolvera Lauren ao hospital de onde ele e Paul a haviam sequestrado para salvá-la de uma morte certa.

Arthur saiu do escritório. No corredor, acendeu a luz. O assoalho chiou sob seus passos. Introduziu a chave na fechadura, girou-a. Paul entrou na casa.

— Você se dá conta? Magnum e MacGyver sob o mesmo teto!

Quando entraram na cozinha, Arthur abriu a chave do gás, sob o corredor de pratos e sentou-se na grande mesa de madeira. Perto do fogão, Paul vigiava a cafeteira italiana que estremecia sobre o queimador. O aroma suave envolveu o local. Paul pegou duas xícaras na estante de madeira escura e sentou-se de frente para o amigo.

— Fique com estas paredes e tire esta mulher de sua cabeça; ela já causou danos suficientes.

— Não retorne a este assunto!

— Não sou eu que fica com cara de enterro enquanto janta com duas gatas dos sonhos — replicou Paul, servindo-se do café.

— Dos seus sonhos, não dos meus!

Paul se revoltou.

— Já é hora de que você ajeite sua vida. Você tem um apartamento novo, um trabalho que o apaixonou, um sócio genial e as meninas que eu paquero, me olham, cruzando os dedos para que seja você quem as chame de novo.

Você se refere à que devorava você com os olhos?

— Não estou falando de Onega, mas da outra! Já é hora de você se divertir.

— Mas, eu me divirto, Paul; pode ser que não tanto quanto você, mas me divirto. Lauren já não faz parte de minha vida, porém, faz parte de mim. Além do mais, eu já disse a você que isto não me impede de viver; hoje, foi nossa primeira noite juntos, desde meu regresso e não jantamos sozinhos, que eu saiba.

Paul girava a colherzinha na xícara, sem parar...

— Você não põe açúcar no café... — disse Arthur, colocando a mão sobre a mão do amigo.

No meio da madrugada clara,, na intimidade da cozinha de uma velha casa, à beira-mar, os dois amigos se fitaram em silêncio.

— Quando penso na história tão absurda que vivemos, me dá vontade de aplicar-lhe umas palmadas para que você desperte de uma vez por todas — disse Paul

— E, se lhe ocorresse a loucura de vê-la novamente, o que iria dizer a ela? Quando você me contou o que tinha experimentado, ou o que estava experimentando, fiz com que o radiografassem... sou seu melhor amigo! Ela é médica e se você lhe tivesse contado a verdade, será que não o colocaria numa camisa de força: com ou sem a máscara de Hannibal Lecter? Você fez o que deveria fazer, e eu o admiro por isso. Você teve a valentia para protegê-la até o final.

— Acho melhor ir dormir, estou cansado — disse Arthur, enquanto se levantava.

Já estava no corredor quando Paul o chamou e Arthur colocou a cabeça na porta.

— Sou seu amigo, você sabe. — disse Paul.

Arthur saiu pela porta de trás e rodeou a casa. Acariciou a armação oxidada do gradil e olhou em redor. Os tacos do piso estavam separados; os da fachada, descamados pelo ardor do verão e pelo rigor do inverno; e o jardim, abandonado, tinha um aspecto triste. O vento que acabava de chegar, provocou-lhe um calafrio. Pegou dentro do bolso da jaqueta a carta que havia escrito em Paris, sentado num banco da praça de Fürstenberg, tinha escrito a última página. Tornou a guardá-la no bolso.

O nevoeiro do Pacífico estendia seu véu noturno até a cidade. Na barra deserta do Café Parisian, em frente à entrada de Emergência do hospital, Lauren lia o menu do dia.

— Pode-se saber o que você faz sozinha aqui a estas horas da noite? perguntou o dono do bar, enquanto lhe servia uma soda.

— Uma pausa, por exemplo?

— Foi uma noite cheia, a julgar pelo desfile de ambulâncias! — ele disse, enquanto secava alguns copos —. Isso de salvar o mundo está certo, mas você já pensou em ter vida própria?

Lauren inclinou-se para fazer-lhe uma confidência. confidencia.

— Diga-me uma coisa: sou o objeto de todas as conversas ou foi aqui que Fernstein jantou esta noite?

— Está sentado ali— confessou, assinalando um dos extremos da sala...

Lauren abandonou o tamborete e foi reunir-se ao professor no compartimento que ele ocupava.

— Se você continuar fazendo essa cara, volto ao balcão e janto sozinha — disse Lauren, enquanto colocava o copo na mesa.

— Sente-se e pare de falar besteiras.

— Sua repreensão de ontem, diante de meu paciente não era necessária. Às vezes, você me trata como se eu fosse sua pequena filha caçula.

— Você é mais, é minha criação. Depois do acidente, eu a costurei toda. A refiz...

— Obrigada por ter me deixado os parafusos em ambos os lados do crânio, professor.

— Saiu melhor do que Frankenstein, exceto, talvez, pelo caráter. Você aceita compartilhar este prato de crepes com um velho curandeiro?

— Se for uma ordem, sim!

— Quantos pacientes tratamos esta noite? — perguntou Fernstein, empurrando seu prato até ela.

— Uma centena — disse, servindo-se de uma generosa porção tortas —. E você? O que ainda faz aqui? Não creio que você precise fazer tantos extraordinários para chegar ao fim do mês.

— Bela pontuação para um sábado — replicou Fernstein com a boca cheia.

Por trás da vitrina do café, um velho professor de medicina e sua aluna jantavam, cúmplices, saboreando os dois os instantes de calma que lhes oferecia o final da noite.

Em frente, no serviço de Emergência, suas ausências ainda seriam ignoradas durante algumas horas. A luz de um farol que brilhava na rua deserta, apagou-se. Acabava de nascer uma manhã de céu pálido.

Arthur tinha adormecido na varanda, até que o dia nascente envolvesse o lugar com sua doçura. Abriu os olhos e contemplou a casa, que parecia dormir placidamente. Mais abaixo o oceano beijava a areia, arrematando o trabalho da noite. A praia tinha recuperado seu aspecto liso e imaculado. Levantou-se e inspirou, profundamente, o ar fresco da manhã. Precipitou-se ao interior da casa, atravessou o vestíbulo e subiu a escada com pressa. No piso acima, bateu na porta e entrou, ofegante no quarto de Paul.

— Você está dormindo?

Paul levantou-se sobressaltado. Olhou e viu Arthur pela porta entreaberta.

— Volte a dormir agora mesmo! Esqueça-se de que eu existo até que o ponteiro pequeno deste despertador assinale um numero decente, digamos onze. Então, e somente então, você vai tornar a me fazer esta estúpida pergunta.

Paul virou-se e sua cabeça desapareceu debaixo do grande travesseiro. Seu amigo deixou a casa, mas uma vez no corredor, pensou melhor e retornou.

— Você quer que eu compre pão para o desjejum?

— Fora! — gritou Paul.

Lauren acionou o comando à distância da garage e desligou o motor, depois de ter estacionado o carro. Kali detestava o Triumph e latia quando ouvia os barulhos do motor. Entrou no prédio pelo corredor interno, subiu de quatro em quatro os degraus da escadaria principal e abriu a porta de seu apartamento.

O relógio, em cima da lareira, marcava seis e meia da manhã. Kali saiu do sofá para dar as boas vindas à sua dona e Lauren a abraçou. Depois das carícias, a cadelinha retornou à almofada e Lauren foi à cozinha preparar um chá. Um bilhete de sua mãe na porta da geladeira dizia que já tinha levado Kali para passear. Vestiu-se com a parte de cima de um pijama muito grande para ela e se enfiou debaixo da colcha. Dormiu imediatamente.

Capítulo 4

Paul desceu as escadas, com sua bagagem na mão, e lhe disse que o esperaria do lado de fora. Sentou-se no assento dianteiro do Ford, olhou ao

redor e começou a assoviar. Discretamente, mudou de lugar, e se colocou atrás do volante.

Arthur fechou a porta de entrada. Entrou no escritório de Lili, abriu o armário e olhou a maleta de couro negro que continuava na estante. Acariciou os fechos de cobre e guardou o envelope que tinha no bolso dianteiro antes de colocar a chave no lugar.

Saiu pela janela. Quando encaixou o calço da persina, pode ouvir sua mãe reclamando, pois cada vez que os dois faziam compras na cidade, Antoine se esquecia de consertar o postigo. E, viu Lili novamente no jardim, dando de ombros, e, dizendo que depois de tudo, as casas também tinham direito a reparos. Este pedacinho de madeira na pedra era testemunha de um tempo que jamais desapareceria totalmente.

— Vamos! — disse a Paul ao abrir a porta.

Entrou no carro e franziu o nariz.

— Que cheiro estranho, não?

Arthur arrancou. Um pouco mais adiante, Paul abaixou a janela, e jogou na lixeira situada na saída uma embalagem plástica com a marca de um açougue, que segurava com as pontas dos dedos. Faltava muito para a hora de comer. À tarde, estariam em Sao Francisco.

Lauren esticou os braços em direção ao teto. Saiu da cama e do quarto, de má-vontade. Como de costume, preparou primeiro a comida da cadelinha, e depois a sua. Sentou-se na galeria do salão, onde o sol da manhã entrava pela janela. Dali podia admirar o Golden Gate, que se estendia como um travessão entre as duas bordas da baía, as casinhas presas nas colinas de Zorzalito e até Tiburón e seu pequeno porto pesqueiro. Só as sirenas anunciando os grandes cargueiros que zarpavam, misturadas aos gritos das gaivotas, marcavam o compasso daquela languidez de domingo pela manhã.

Depois de devorar grande parte do copioso desjejum, deixou as vasilhas no lava pratos e foi ao banheiro. O volumoso jato d'água da ducha, que jamais limparia as cicatrizes de seu pé, acabou de despertá-la.

— Kali, deixa de dar voltas assim, agora eu vou passear com você.

Lauren envolveu-se com uma toalha na cintura, deixando nu, o peito livre. Sem se maquiar, abriu o armário, vestiu a roupa de baixo, jeans, uma camiseta. Trocou-a por uma blusa, tornou a trocar pela camiseta. Consultou o relógio: tinha ficado com sua mãe, na Marica por cerca de uma hora. Kali continuou a dormir sobre a almofada de cor crua. Lauren se sentou ao lado

dela, com um grosso manual de neurocirurgia sobre a toalha que estava na mesa de centro e mergulhou na leitura, mordiscando um lápis.

O Ford estacionou diante do numero 27 do Boulevard Cervantes. Paul pegou a maleta no assento traseiro e desceu do veículo.

— Você que ir ao cinema à noite? perguntou, inclinando-se até a porta de Arthur.

— Impossível, tenho um compromisso.

— Homem ou mulher? — perguntou Paul, radiante.

— Jantar e televisão para dois!

— Isso é que é uma boa notícia. E com quem, se não estou sendo indiscreto?

— Você está!

— O quê?

— Sendo indiscreto!

O carro distanciou-se em direção à rua Fillmore. No cruzamento com a Union Street, Arthur parou para ceder a vez a um caminhão que havia chegado ao cruzamento antes dele. Um Triumph oculto, atrás do reboque, aproveitou para ultrapassar, sem se deter; o carro verde ia até a Marina. Um cão amarrado ao cinto, no assento dianteiro, ladrava com louco. O caminhão atravessou o cruzamento e o Ford subiu pela colina de Pacific Heights.

O balanço do rabo demonstrava que Kali estava feliz. Cheirava a grama, com grande seriedade, procurando outro animal que tivesse pisado o terreno antes dela. De vez em quando, levantava a cabeça e corria para reunir-se à sua família. Depois de ficar entre as pernas de Lauren e da Sra. Kline, colocou-se outra vez em marcha, para inspecionar outro pedaço de terra. Quando demonstrava um carinho excessivo aos casais que passeavam ou aos seus filhos, a mãe de Lauren a repreendia.

— Você viu que ela parece sentir dor nas ancas? — disse Lauren, vendo Kali afastar-se.

— Está ficando velha! Igual a nós, não sei se você se deu conta que envelhecemos.

— Seu humor está estupendo! Você perdeu a partida de bridge?

— Você está brincando? Ganhei de todas as avós! Só me preocupo por você.

— Você pode ter certeza de que isto é inútil: estou bem, tenho um trabalho que adoro, já quase não sinto dores de cabeça e sou feliz.

— Sim, você tem razão, eu deveria ver as coisas pelo lado bom. Esta semana, você conseguiu duas horas livres, para se ocupar com você mesma; isso é bom!! Lauren apontou um casal que caminhava diante delas pelo cais do porto.

— É parecido? — perguntou à sua mãe.

— Com quem?

— Não sei porque, mas ontem tornei a pensar nele. E deixe de descartar este tema, cada vez que toco nele.

A senhora Kline suspirou.

— Não tenho nada a dizer-lhe, querida. Não sei quem era esse indivíduo que vinha vê-la no hospital. Era amável, muito educado, sem dúvida, um paciente que gostava de estar ali.

— Os pacientes não passeiam pelos corredores do hospital vestidos com uma jaqueta de tweed. Além do que, revisei a lista de todas as pessoas hospitalizadas na ala do edifício durante aquele período, e nada faz sentido.

— Você fez isso? Que cabeça dura! O que você procura exatamente?

— O que você me oculta, pensando que eu seja uma idiota. Quero saber quem era, porque estava lá todos os dias.

— E para quê? Tudo isso faz parte do passado.

Lauren chamou Kali que estava se distanciando muito.

Kali deu meia volta e olhou para sua dona antes de voltar correndo.

— Quando eu saí do coma, ele estava ali; a primeira vez que consegui mover a mão, ele a pegou entre as suas para me tranquilizar. Ao menor sobressalto, em plena noite, ele estava ali... Uma manhã me prometeu que me contaria uma história incrível e logo desapareceu...

— Este homem é um pretexto para que você ignore sua vida como mulher e pense somente em seu trabalho. Você o transformou numa espécie de príncipe azul. É fácil amar alguém, quando não o podemos alcançar: assim, não se corre qualquer risco.

— Pois creia, isso foi o que você conseguiu durante os vinte anos de sua vida ao lado de papai.

— Se você não fosse minha filha, eu lhe daria uma bofetada bem merecida.

— Você é estranha, mamãe. Você nunca duvidou que eu encontraria forças, por mim mesma, para sair do coma; então, por que, agora que estou desperta, você confia tão pouco em mim? E, se por uma só vez, deixasse de atender ao meu senso comum e à minha lógica, para escutar essa vozinha

que fala no meu interior? Por que meu coração bate mais rápido cada vez que penso reconhecê-lo? Não vale a pena perguntar ao meu coração? Lamento que papai tenha desaparecido, que tenha enganado você, mas isso não é uma enfermidade hereditária. Nem todos os homens são como meu pai!

A senhora Kline deu uma gargalhada. Colocou a mão no ombro de sua filha e a olhou de cima para baixo.

— Você quer me dar lições, você que só saiu com rapazes que a fitam como se você fosse a Virgem Maria, como o milagre de suas vidas? Deve ser tranquilizador, saber que o outro é incapaz de deixar você, não importa o que você faça. Eu, pelo menos, amei!

— Se você não fosse minha mãe, seria eu a dar-lhe uma bofetada.

A senhora Kline continuou sua marcha. Abriu a bolsa, pegou um pacote de caramelos e ofereceu à sua filha, que recusou.

— O único fato que me emociona em tudo o que você diz é comprovar, que, apesar da vida que você leva, brilha em você uma chamazinha de romantismo, ainda que eu lamente, por desperdiçá-la com semelhante frivolidade. O que você espera? Se esse indivíduo fosse realmente o homem de sua vida, teria vindo buscá-la, minha pobre filha! Ninguém o impediu, desapareceu sem motivos. Assim, deixe de recriminar o no planeta inteiro, e, especialmente sua mãe, como se a culpada fosse eu.

— Talvez tivesse seus motivos.

— Outra mulher, ou filhos, por exemplo? — disse a Sra. Kline em tom sarcástico.

Poder-se-ia dizer que Kali estava farta da tensão que reinava entre mãe e filha, porque pegou um pedaço de pau, o deixou aos pés de Lauren e latiu com insistência. Lauren aderiu ao jogo improvisado e o arremessou.

— Você não perdeu sua habilidade de revidar os golpes. Não posso me distrair, pois tenho que ler um relatório para amanhã — disse Lauren.

Lições num domingo, na sua idade? Pergunto-me quando você se cansará de sua carreira, se até o êxito! Talvez você se canse até a morte com seu noivo. Mas não, que tola eu sou: você jamais me aborrece, porque precisamente aos domingos você dorme ou faz deveres.

Lauren se colocou diante de sua mãe com um irresistível desejo de estrangulá-la.

O homem de minha vida ficará orgulhoso por eu gostar de meu trabalho, e, não contará as horas que me dedico a ele.

A cólera ressaltava as pequenas veias em suas têmporas.

— Amanhã de manhã, tentaremos extrair um tumor do cérebro de uma menina — continuou Lauren. Dito assim, pode parecer uma coisa banal, mas supõe-se que este tumor a esteja deixando cega. Você acha que, na véspera da cirurgia, eu devesse assistir a um bom filme e beijar Robert, apaixonadamente, enquanto devoramos pipocas, ou revisar profundamente o procedimento para amanhã?

Lauren assoviou para a cadelinha, deixou o passeio junto ao porto desportivo e se dirigiu ao estacionamento.

Quando o animal ocupou seu posto no assento dianteiro, Lauren o amarrou com o cinto de segurança e o Triumph saiu do Boulevard Marina sob um concerto de latidos. Virou em Cervantes e subiu pela Fillmore. No cruzamento Greenwich, diminuiu a marcha e ficou em dúvida se deveria alugar um filme. Gostaria de assistir novamente Tu e Eu, com Cary Grant e Deborah Kerr. Então, lembrou-se do que a esperava na manhã seguinte, engatou a segunda, acelerou e passou ao lado de um velho Ford 1961 que estava estacionado diante da locadora.

Arthur examinou um a um os títulos da seção de “Artes marciais”.

— Gostaria de fazer uma surpresa a uma amiga, esta noite, o que você me aconselha? — perguntou ao empregado.

Este desapareceu por trás do mostrador e voltou triunfante com uma caixinha na mão, que abriu, entregando o filme para Arthur.

— A Fúria do Dragão, em edição de colecionador. Inclusive, com três cenas de luta inéditas. Chegou ontem. Com isto, sua amiga ficará louca

— Você acha?

— Bruce Lee vale a pena.

— O rosto de Arthur se iluminou.

— Vou levá-la!

— Sua amiga não teria uma irmã, por casualidade?

Satisfeito, saio da locadora. O filme parecia ser bom. No caminho, parou em um estabelecimento que servia comida pronta, escolheu entre os mais apetitosos, e voltou para casa com o coração alegre, estacionando o Ford diante do pequeno prédio no cruzamento de Pacific com Fillmore.

Enquanto fechava a porta, deixou o pacote com as compras no balcão da cozinha, ligou o aparelho estéreo, colocou um disco de Frank Sinatra e esfregou as mãos

A moradia estava banhada pela luz alaranjada daquela tarde verão, e, Arthur, enquanto cantava, a plenos pulmões, *Strangers in the Night*, preparou um elegante serviço para dois, na mesa baixa do salão. Desarrolhou uma garrafa de Merlot 1999, aqueceu a lasanha e colocou as variedades de iguarias italianas em dois pratos de porcelana branca. Quando terminou, atravessou a sala de estar, saiu para o corredor, e sem fechar a porta de seu apartamento, bateu na porta da vizinha. Ouviu seus passos ligeiros, do outro lado.

— Estou surda, mas não a este ponto! — disse ela, recebendo-o com um caloroso sorriso.

— Você não se esqueceu de nosso compromisso... — disse Arthur.

— Você está brincando?

— Não se leva o cão?

— Pablo está dormindo a sono solto; ele é tão velho como eu, você sabe?

— Você não é tão velha, senhora Morrison.

— Eu creio que sim! — disse ela, deixando-se levar pelo braço ao corredor.

Arthur a instalou comodamente, e, lhe serviu um copo de vinho.

— Tenho uma surpresa para você! — disse, apresentando a capa do filme. O meigo rosto da Sra. Morrison se iluminou.

— A cena da luta na ponte é antológica!

— Você já a tinha visto?

— E mais de uma vez!

— E, você não se cansa?

— Você já viu o dorso nu de Bruce Lee?

Kali se levantou de um salto, pegou sua coleira na boca e começou a dar voltas no salão, balançando o rabo.

Lauren estava enrodilhada no sofá, com pulôver e grossas meias de lã. Abandonou a leitura para dar uma olhada divertida em Kali, que seguia rebolando; fechou o tratado de neurocirurgia e beijou com ternura a cabeça de sua cadelinha. “Vou me vestir e já sairemos”.

Minutos mais tarde, Kali corria por Green Street até que, perto de Fillmore, o aroma de um álamo provou que tinha arrastado sua dona até ele. Lauren, pensativa, sentiu um calafrio com o vento da tarde.

A operação do dia seguinte a deixava inquieta, pois pressentia que Fernstein a colocaria no comando. Desde que tomara a decisão de

aposentar-se quando chegasse o final do ano, o velho professor a solicitava cada vez mais, como se quisesse apressar sua formação. Quando retornou à casa, Lauren releu suas anotações mais uma vez com a luz do abajur da cabeceira.

A senhora Morrison aproveitava a noite. Na cozinha, secava os pratos que Arthur ia lavando.

— Posso fazer uma pergunta?

— Todas as que quiser.

— Você não gosta de Karatê, e não me diga, que um jovem como você encontrou somente uma senhora de oitenta anos para compartilhar o domingo à noite.

— Não é uma pergunta, mas uma afirmação, senhora Morrison.

Ela colocou a mão sobre a de Arthur e fez uma careta.

Claro que é uma pergunta! Está implícita e você compreendeu muito bem. Já basta de me chamar de senhora Morrison; chama-me de Rose.

— Gostei de passar esta noite de domingo em sua companhia, isto responde à sua pergunta?

— Meu filho, você tem o olhar de alguém que se esconde no abrigo da solidão.

Arthur olhou para a senhora Morrison.

— Você quer que eu passeie com o cachorro?

— É uma ameaça ou uma proposta? — brincou Rose.

— Ambas as coisas!

A senhora Morrison foi despertar Pablo e lhe colocou a coleira.

— Por que este nome? — perguntou Arthur já na porta.

Ele lhe confessou no ouvido que era o nome de batismo de seu melhor amante. — Eu tinha trinta e oito anos, e ele, cinco menos, ou talvez dez. Na minha idade, quando convém, a memória começa a falhar. Era um cubano maravilhoso. Dançava como um deus e era bem mais esperto que este Jack Russel, você pode crer.

— Acredito sinceramente — disse Arthur, puxando a coleira do cãozinho para freá-lo enquanto avançava pelo corredor.

Ah, a Havana! — suspirou a senhora Morrison, fechando a porta.

Arthur e Pablo seguiram pela Fillmore Street. O cão se deteve ao pé de um álamo. Por algum motivo desconhecido, a árvore, de pronto, despertou um vivo interesse no animal. Arthur colocou as mãos nos bolsos e

se apoiou num muro, deixando que Paul desfrutasse de um de seus raros momentos de vigília. Então, o celular tocou.

— Que tal a noitada? — perguntou Paul.

— Excelente.

— O que você está fazendo?

— Diga-me, Paul, quanto tempo pode um cão ficar cheirando a base de uma árvore?

— Vou desligar — disse Paul, perplexo —, e vou para a cama imediatamente, antes que você me faça outra pergunta.

A dois prédios de distância, no último andar de uma casa vitoriana que dava para Green Street, apagou-se a luz do dormitório de uma jovem neurocirurgiã.

Capítulo 5

O despertador da mesinha de cabeceira arrancou Lauren de um sono tão profundo, que o resultado ao abrir os olhos foi doloroso. O cansaço acumulado ao longo daquele ano aparecia, algumas manhãs, no cinzento das primeiras horas do dia. Todavia, ainda não eram 7 horas quando deixou o Triumph no estacionamento do hospital. Dez minutos mais tarde, estava no quarto 307. Um monitor descansava sob o pescoço protetor de uma girafa. Mais além, um ursinho branco velava por eles. Os animaizinhos de Márcia ainda estavam dormindo no suporte da janela. Lauren olhou os desenhos colocados na parede, alguns muito hábeis para serem de uma menina que fazia alguns meses só os via na memória.

Lauren sentou-se na cama e acariciou a fronte de Márcia, que acordou.

— Oi!! — disse Lauren —. Hoje é o grande dia!

— Ainda não — replicou Márcia, levantando as pálpebras —. Ainda é noite.

— Não por muito tempo, querida, não por muito tempo. Já virão buscá-la e prepará-la.

— Você fica comigo? — perguntou Márcia, inquieta.

— Eu também preciso preparar-me. Vamos nos encontrar na entrada do centro cirúrgico.

— É você quem vai me operar?

— Ajudarei o professor Fernstein, aquele da voz muito grave, como você diz.

— Você tem medo? — quis saber a pequena.

— Você se adiantou: eu ia fazer a mesma pergunta a você.

A menina disse que ela não tinha medo, pois confiava.

— Agora vou subir, nos veremos em seguida.

— Esta noite terei ganho minha aposta.

— O que você apostou?

— Adivinhei a cor de seus olhos e escrevi em um papel; está dobrado na gaveta de minha mesinha, e vamos abrí-lo juntas depois da operação.

— Eu prometo a você — disse Lauren enquanto ia em direção à porta. Márcia se abaixou, ignorando totalmente a presença de Lauren, que

permanecia no umbral, olhando-a em silêncio, e escorregou para debaixo da cama.

— Sei muito bem que você está escondido em alguma parte, mas não há qualquer motivo para ter medo — disse a menina. Sua mão apalpava o chão, à procura de um mocho (coruja). Seus dedos roçaram a pele do mocho e ela o colocou à sua frente.

— Você tem que sair daqui, não há motivo para temer a luz — disse —. Se você confia em mim, eu vou ensinar-lhe as cores; você confia, não é verdade? Para cada um chega a sua vez, você acredita que eu tinha medo da escuridão? É difícil descobrir a luz do dia, você sabe? É bonita e está aí. Eu prefiro o verde, mas também gosto muito do vermelho, as cores têm odores, assim é que podemos reconhecê-las; espere, não se mova, eu vou ensinar a você.

A menina saiu de seu esconderijo e se dirigiu, o melhor que pode, à mesinha de cabeceira. Pegou um pratinho e um copo que tinha escondido ali. De novo instalada embaixo do sofá, mostrou-lhe, orgulhosamente um morango e disse, com voz firme: — Este é vermelho e este é verde — acrescentou pegando o copo com menta.

— Você pode ver como as cores têm cheiro? Se você quiser, pode provar; eu não posso, por causa da operação; preciso ficar com o estômago vazio.

Lauren foi até a cama.

— Com quem você fala? perguntou a Márcia.

— Eu sabia que você estava aí. Estou falando com um amigo, mas não posso mostrá-lo a você: ele se esconde o tempo todo, porque tem medo da luz e das pessoas também.

— Como se chama?

— Emilio! Mas você não pode ouvir o que diz.

— Por quê?

— Não vai entendê-lo.

Lauren se aproximou.

Posso ir até debaixo da cama com você?

— Se você não tem medo da escuridão.....

A pequena se afastou e deixou que Lauren entrasse embaixo do sofá.

— Posso levá-lo para cima?

— Não; é um regulamento estúpido, não se admitem animais nas salas de operações; acredito que isso mude algum dia, não se preocupe.

O dia se anunciava radiante e Arthur preferiu caminhar até o estúdio de arquitetura de Jackson Street. Paul o esperava na rua.

— Foi tudo bem? — perguntou, o rosto risonho.

— Bem, o quê? — perguntou Arthur, apertando o botão da máquina de café.

— Quanto tempo você andou com o cachorro?

— Vinte minutos!

Que inveja me dão suas noitadas, amigo! Falei por telefone com nossas amigas de Carmel, que voltaram e estão dispostas a jantar conosco hoje à noite.

Paul bateu de leve na esfera de seu relógio; hora de ir embora. Tinham uma reunião no escritório, com um cliente importante.

Lauren entrou na cabina de esterilização. Com os braços estendidos, colocou a bata que lhe deu uma enfermeira. Amarrou os cordões e avançou até uma pia de aço inoxidável. Nervosa, lavou minuciosamente as mãos. Depois de secá-las, a enfermeira polvilhou suas palmas com talco e abriu um saco com luvas esterilizadas, que Lauren colocou, em seguida. Com o gorro azul claro na cabeça e a máscara na boca, respirou fundo e entrou na sala de cirurgia.

Por trás do painel de controle, Adam Peterson, especialista em neuroimagem funcional, controlava o bom funcionamento do ecógrafo pré-operatório. As imagens de IRM do cérebro de Márcia já estavam no aparelho. Comparando-as com as que se iam formando com o ecógrafo, o computador poderia estabelecer com precisão a proporção do tumor a ser extirpado no curso da operação.

Durante o processo, o ecógrafo de Adam entregaria novas imagens, revisadas, do cérebro da menina. O professor Fernstein entrou minutos depois, acompanhado de seu colega, o doutor Richard Lalonde, que tinha vindo de Montreal.

O doutor Lalonde saudou a equipe, instalou-se por trás dos aparelhos de neuronavegação e aproximou as duas asas. Sabiamente manipulados pelo cirurgião, os braços mecânicos conectados ao computador principal apontariam, milimetricamente, a massa tumoral. Durante toda a intervenção, a precisão cirúrgica seria essencial. Um desvio mínimo na trajetória, poderia privar Márcia da fala ou ter outras consequências. E, ao contrário, um excesso de prudência tornaria inútil a operação. Silenciosa e

concentrada, Lauren recordava cada detalhe do procedimento que não tardaria a começar e para o qual levava várias semanas se preparando.

A maca trazendo Marcia chegou finalmente à sala cirúrgica. As enfermeiras a locomoveram com extremo cuidado para a mesa e penduraram a bolsa de conta-gotas que levava na veia do braço.

Norma, a mais antiga das enfermeiras do hospital, explicou a Marcia que acabara de adotar um filhote de panda.

E como você o trouxe aqui? É permitido? — perguntou a menina.

— Não — Norma riu —. Vai ficar em sua casa, na China, mas nós fazemos doações para que cuidem dele, até que não precise mais mamar.

Norma acrescentou que ainda não tinha encontrado um nome para o animal; que nome devia colocar em um panda? Enquanto a pequena refletia, Norma conectou o eletrocardiógrafo os emplastros que levava aderidos ao tórax, e o anestesista perfurou o índice com uma agulha minúscula. Esta sonda permitiria, controlar, em tempo real, a saturação dos gases sanguíneos. Aplicou uma injeção na bolsa de conta-gotas e assegurou a Márcia que poderia pensar no nome do panda depois da operação: agora, teria que contar até dez. O anestésico desceu ao largo do catéter e penetrou a veia. Marcia dormiu entre o dois e o três. O anestesista comprovou de imediato os sinais vitais, nos diferentes monitores. Norma ajustou um aro na frente de Márcia, para evitar qualquer movimento de sua cabeça.

Como se fosse um experiente mastro, o professor Fernstein fez uma rápida vitória em toda sua equipe. De seu posto, viu que todos estavam prontos. Fernstein deu sinal ao doutor Lalonde e este começou a manipular as asas do aparelho de neuronavegação, sob o olhar atento de Lauren.

A incisão inicial foi às 9h27. Acabava de começar uma viagem de doze horas às regiões mais profundas do cérebro de uma menina.

O projeto de Arthur e Paul agradou, de imediato, aos seus clientes. Os diretores do consórcio para os quais fizeram o mesmo para a criação de uma nova sede social, estavam ao redor da grande mesa na sala de reuniões.

Depois que Arthur passou a manhã detalhando as perspectivas do futuro prédio, dos intervalos da reunião e das zonas comuns, Paul, ao meio dia, comentou os desenhos e os quadros que projetava em uma tela. Quando o relógio de parede marcou quatro horas da tarde, o presidente da sessão agradeceu aos dois arquitetos o trabalho que haviam realizado. Os membros da diretoria se reuniram antes do final de semana para decidir qual dos projetos finalistas obteria o contrato.

Arthur e Paul se levantam e saudaram seus anfitriões antes de saírem. No elevador, Paul deu um grande bocejo.

— Creio que nos saímos bem, não?

— Seguramente — respondeu Arthur em voz baixa.

— Algo o preocupa? — perguntou-lhe o amigo.

Você acha que em Macy's vendem correias com extensão?

Paul levantou os olhos e os braços para o céu. A campainha soou e as portas da cabina se abriram no terceiro subterrâneo do estacionamento.

Antes de sentar-se ao volante, Paul fez algumas flexões.

— Estou feito um trapo — disse —. Dias assim são por demais cansativos.

Arthur entrou no carro sem fazer qualquer comentário.

O ritmo cardíaco de Márcia era estável. Fernstein pediu mais anestesia. Uma segunda série de ecografias confirmou que a extirpação seguia seu curso normal. Milímetro a milímetro, os braços eletrônicos, manipulados pelo doutor Lalonde, cortavam o tumor situado no lóbulo occipital do cérebro da menina e iam colocando camadas até a superfície. Transcorridas quatro horas, o médico levantou a cabeça.

— Pausa! — pediu o cirurgião, cujos olhos tinham alcançado o limite da fadiga.

Fernstein fez um sinal a Lauren para que se sentasse em frente ao aparelho. A jovem hesitou um instante, mas encontrou as forças que lhe faltavam no olhar tranquilizador de seu professor. Tinha repetido tais gestos mil vezes em simulações, mas hoje, uma vida dependia de sua atuação.

Quando se colocou no comando, o nervoso desapareceu. Estava radiante porque com as pontas daquelas pinças, a jovem acalentava um sonho.

Manejava-as com perfeição e com uma habilidade absoluta. A equipe observava sua atuação e Norma leu no olhar do professor o orgulho que ele sentia de sua aluna.

Lauren operou sem descanso durante três horas. Quando já desejava que a substituíssem, o computador indicou que a extirpação estava setenta e seis por cento completa. Lalonde voltou ao seu lugar e, com júbilo, felicitou sua jovem colega.

— Vou deixá-lo no escritório e vou voando até em casa.

— Deixe-me na Union Square, pois tenho que comprar algo.

Por que você quer comprar uma coleira se você não tem cachorro?

— É para uma amiga!

— Diga-me uma coisa: ela tem um cão, pelo menos?

— Tem 79 anos, se isto o tranquiliza.

— A verdade é que não me tranquiliza muito — suspirou Paul, enquanto parava diante do shopping Macy's.

— Onde iremos jantar? — perguntou Arthur ao descer do carro.

— Em Cliff House às 20h. Faça um esforço, porque na última vez você não se destacou pela sua boa educação. Agora, você tem uma segunda oportunidade para causar boa impressão. Procure não dar um fora.

Arthur saiu do carro, lançou um olhar às vitrinas e entrou pela porta giratória do shopping.

O anestesista assinalou a inflexão do traço no monitor. Comprovou, de imediato, a saturação sanguínea. A equipe observou a mudança que se operara nos traços do médico. Seu instinto o havia colocado em guarda.

— Hemorragia? — perguntou?

— No momento não aparece na imagem — disse Fernstein, inclinando-se até o monitor do doutor Peterson.

— Algo não está bem! — afirmou o anestesista.

— Farei outro eco — replicou o especialista encarregado da imagem.

A atmosfera serena que reinava no centro cirúrgico desapareceu repentinamente.

— Está caindo! — replicou nervoso o doutor Cobbler, aumentando o fluxo de oxigênio.

Lauren se sentiu impotente. Olhou Fernstein e compreendeu pela expressão do professor que o momento era crítico.

— Pegue sua mão — murmurou-lhe o médico.

— O que faremos? — perguntou Lalonde a Fernstein.

— Continuamos! Adam, que diz a ecografia?

— Pouca coisa. — disse o médico.

— Tenho um princípio de arritmia — indicou Norma, ao ver o piscar do eletrocardiógrafo.

Richard Lalonde golpeou raivosamente o aparelho com a palma da mão.

— Disseção da artéria cerebral posterior! — ordenou secamente.

Todos os membros da equipe se entreolharam. Lauren retomou o fôlego e fechou os olhos. Eram quase 5 e meia. Ao cabo de um minuto, o tabique prejudicado da artéria que irrigava a parte posterior do cérebro de

Márcia, se dilacerou dois centímetros. Sob a pressão do sangue que brotava em grande quantidade, o rasgo se ampliou ainda mais. O jato desencadeado pela ferida aberta invadiu a cavidade craniana. Apesar da drenagem que Fernstein implantou de imediato, o nível não deixou de aumentar no interior do crânio, afogando o cérebro em grande velocidade.

Cinco minutos depois, sob os olhos impotentes de quatro médicos e várias enfermeiras, Márcia deixou de respirar para sempre. A mão da pequena, que Lauren retinha na sua, se abriu como para liberar um último alento de vida oculto em sua palma.

Em silêncio, a equipe saiu do centro cirúrgico e se dispersou pelo corredor. Ninguém pode fazer nada. O tumor, em sua malignidade, tinha escondido aos mais sofisticados aparelhos da medicina moderna, o aneurisma de uma pequena artéria no cérebro da menina.

Lauren ficou sozinha, segurando ainda aqueles dedinhos inertes. Norma se aproximou e os separou da mão da jovem neurocirurgiã.

— Vamos...

— Eu tinha prometido — murmurou Lauren.

— Pois foi o único erro que você cometeu hoje.

— Onde está Fernstein? — perguntou.

— Deve ter ido falar com os pais da menina.

— Quisera tê-lo feito eu.

— Creio que você já teve emoções suficientes por hoje. Se você me permite um conselho, antes de ir para casa, dê um passeio em algum shopping.

— Para quê?

Para ver vida, vida aos montes!

Lauren acariciou a fronte de Marcia e cobriu seus olhos com o lençol verde. Logo, abandonou a sala.

Norma a viu percorrer o corredor. Sacudiu a cabeça e apagou as luzes do aposento, que sumiu na penumbra.

Arthur encontrou o que procurava no terceiro andar do shopping: uma coleira com extensão que agradaria muito a senhora Morrison. Nos dias cinzentos, poderia ficar embaixo da marquise do prédio, ao abrigo da chuva, enquanto Pablo passeasse. Deixou o caixa central, onde acabava de pagar sua compra. No caminho, uma mulher que estava escolhendo um pijama para homem, sorriu para ele. Arthur retribuiu e foi até a escada rolante.

Já nos degraus, uma mão delicada posou sobre seu ombro. Arthur deu a volta e a mulher desceu um degrau para ficar próxima.

De todas suas ligações amorosas, só havia uma que lamentava ter vivido...

— Não me diga que você não me reconheceu! — exclamou Carol Ann.

— Perdão, estava distraído.

— Eu sei, você estava na França. Está melhor? — perguntou com um ar compassivo.

— Sim, por quê?

— Também soube que esta moça pela qual você me deixou... enfim, soube que você tinha ficado viúvo, que coisa mais triste...

Do que você está falando? — perguntou Arthur, perplexo.

— Encontrei-me com Paul em em cocktail no mês passado. Sinto muito, deveras.

— Fiquei muito feliz em ver você, mas estou com pressa — disse Arthur.

Quis descer alguns degraus, mas Carol-Ann se pendurou em seu braço e mostrou-lhe, orgulhosamente a aliança que brilhava em seu dedo.

— Na próxima semana celebramos nosso primeiro ano de casados. Você se lembra de Martin?

— Não muito — disse Arthur, segurando o corrimão para da escada para o primeiro andar.

— Você não pode ser se esquecido de Martin! Era o capitão da equipe de hockey! — falou Carol-Ann, orgulhosa.

— Ah, sim, um sujeito alto e ruivo!

— Muito moreno.

— Moreno, mas alto.

— Muito alto.

Vê então? — disse Arthur, olhando para a ponta dos sapatos.

— Assim... você não refez sua vida? — Perguntou Carol-Ann, com o mesmo ar compassivo.

— Pois sim! Visto e não visto, é a vida! — exclamou Arthur, cada vez mais exasperado.

— Não me diga que um rapaz como você continua solteiro.

— Não, não lhe digo, porque seguramente você se esquecerá dentro de dez minutos e tampouco tem grande importância — resmungou Arthur.

Novo corrimão e novas esperanças de que Carol Ann tivesse outras compras para fazer naquele andar, mas o seguiu até embaixo.

— Tenho um monte de amigas solteiras. Se você vier à nossa festa de aniversário, vou apresentá-lo à próxima mulher de sua vida. Sou perfeita para isso, tenho um dom especial para saber quem fica bem com quem. Você continua gostando de mulheres?

Gosto de uma! Agradeço muito, foi um prazer tornar a vê-la, lembranças a Marin.

Arthur cumprimentou Carol Ann e fugiu a toda velocidade. Entretanto, quando passava diante de um posto de uma marca de cosméticos francesa, ressurgiu uma lembrança, tão doce quanto aquele perfume do frasco que uma vendedora manipulava. Fechou os olhos e se lembrou do dia em que passeava fortalecido por um amor invisível e certo. Era feliz, então, como jamais o tinha sido.

A porta giratória o deixou na calçada de Union Square.

O manequim da vitrine vestia um traje de noite, elegante e cingido na cintura. A fina mão de madeira fazia sinal aos transeuntes com um dedo distraído.

Sob os reflexos alaranjados do sol, a rua parecia ligeira. Arthur, imóvel, ausente. Não ouve a moto que se aproxima por trás. O piloto perdeu o controle na curva de Polo Street, uma das quatro ruas que margeiam a grande praça. A moto se desvia da mulher que está atravessando, inclina, ziguezagueia, o motor ruge, os transeuntes se assustam. Um homem bem trajado se atira ao chão para evitá-la; outro retrocede e tropeça mais atrás, uma mulher grita e se protege por trás de uma cabina telefônica. A máquina prossegue sua louca carreira, o motoqueiro cai do assento, a moto desgovernada roça no parapeito, arranca um letreiro, mas o parquímetro contra o qual se choca está solidamente fincado no chão e o separa, com um corte transparente. Já nada a detém, sua forma é a de um obus e vai quase na mesma velocidade. Quando alcança as pernas de Arthur, levanta-o e o projeta no vazio. O tempo transcorre lentamente e, de imediato, se prolonga como se fosse um grande silêncio. O focinho da máquina bate no cristal. A vitrina imensa estala em uma miríade de estilhaços. Arthur roda no chão até o braço de um manequim que agora está caído sobre os cacos. Um véu encobre seus olhos, a luz é opaca, sua boca tem o gosto de sangue. Submerso em torpor, queria dizer às pessoas que não foi mais do que um estúpido acidente, mas as palavras ficam engasgadas em sua garganta.

Quer se levantar, mas ainda não consegue. Seus joelhos tremulam um pouco, e uma voz alta grita que fique deitado, pois está chegando socorro. Paul vai se enfurecer se ele chegar tarde. Tem que levar o cachorro da senhora Morrison para passear, hoje é domingo? Não, talvez seja segunda. Tem que passar pelo escritório para assinar os planejamentos. Onde está o bilhete do estacionamento? Certo de que deve ter caído do bolso, porque tinha a mão dentro deste e agora a tem sob as costas e dói um pouco, não esfregue a cabeça, esses cristais cortam muito. A luz cega, mas os sons voltam pouco a pouco. O deslumbramento se dissipa. Abre os olhos. Ali está o rosto de Carol-Ann. Não pensa em soltá-lo, mas ele não quer que ela a apresente à mulher de sua vida, já a conhece, maldita seja! Deveria colocar uma aliança para que o deixassem em paz. Agora mesmo, voltará para comprar uma. Paul vai detestar, mas ele se divertirá muito.

Ao longe, uma sirena. Torna-se absolutamente necessário pôr-se de pé antes que chegue a ambulância, é absurdo que se preocupem, não lhe dói nada, talvez um pouco a boca, deve ter mordido a língua. Mas não é grave, é desagradável morder a língua, mas não é realmente grave. Que estupidez, sua jaqueta está destruída e Arthur adora essa jaqueta de tweed. Sarah opinava que o tweed o fazia parecer maior, mas ele se ria de Sarah, que tinha os sapatos mais vulgares da terra, com as pontas demasiadamente finas. Fez bem em dizer a ela que a noite que passaram juntos tinha sido um acidente, não foram feitos um para o outro, não era culpa de ninguém. Como estará o motorista? Com certeza é o homem com capacete. Parece estar bem, com esse ar contrito.

Vou estender a mão a Carol Ann, e ela contará a todas as suas amigas que ela me salvou a vida, posto que será ela quem ajudou a me levantar.

— Arthur?

— Carol Ann?

— Estava segura de que você estava no meio desta catástrofe espantosa — disse a jovem, histérica.

Ele tirou a poeira, tranquilamente, dos ombros da jaqueta, arrancou o trapo do bolso que ficara pendurado e sacudiu a cabeça para desembaraçar-se dos cristais.

— Que medo! Você teve muita sorte — continuou Carol Ann com sua voz aguda.

Arthur ficou olhando para ela, muito sério.

— Tudo é relativo, Carol Ann. Minha jaqueta está arruinada, tenho cortes por todas as partes e saio de um desastre para encontrar outro, quando só ia comprar uma coleira para minha vizinha.

— Uma coleira para sua vizinha... Você teve muita sorte de sair quase imune deste acidente! — indignou-se Carol-Ann.

Arthur a olhou, adotou um ar pensativo e se esforçou por parecer civilizado. Não era somente a voz de Carol-Ann que o irritava; tudo nela lhe era insuportável.

Tentou recobrar algo parecido com o equilíbrio e falou com tom resoluto e tranquilo.

— Você tem razão, não sou justo. Tive a sorte de deixar você e de logo conhecer a mulher de minha vida; ainda que estivesse em coma! Sua própria mãe queria aplicar-lhe eutanásia, mas eu tive a sorte de que meu melhor amigo concordasse em me ajudar para sequestrá-la no hospital.

Inquieta, Carol Ann deu um passo atrás e Arthur outro adiante.

O que você quer dizer com sequestrar? Perguntou ela, com voz tímida, enquanto apertava a bolsa sobre o peito.

— Que roubamos seu corpo. Paul conseguiu a ambulância, por isso sente-se obrigado a contar a todos que estou viúvo, mas de fato, Carol-Ann, sou meio viúvo! É um estado muito diferente.

As pernas de Arthur fraquejaram e ele cambaleou ligeiramente.

Carol Ann quis ajudá-lo, mas Arthur se endireitou sozinho.

— Não, a autêntica sorte foi que a própria Lauren me ajudou a mantê-la com vida. Não deixa de ser uma vantagem ser médico quando seu corpo e sua mente se desassociam. Você pode se ocupar de você mesma.

Carol Ann recuou em busca de um pouco de ar. Arthur não tinha necessidade de recuperar o fôlego, só o equilíbrio. Agarrou-se à manga de Carol Ann, que se sobressaltou e lançou um grito instantâneo.

— E logo, acordou, o que também foi uma sorte. Assim, você pode ver, Carol-Ann: a verdadeira sorte não foi que você e eu rompemos, não é aquele museu de Paris, não é o motoboy, mas é somente ela: ela é a autêntica sorte de minha vida — disse, extenuado, sentando-se na armação da máquina.

O brilhante furgão do centro hospital acabara de estacionar junto ao passeio. O chefe da equipe precipitou-se até Arthur, a quem Carol-Ann continuava olhando admirada.

O senhor está bem? — perguntou o salva-vidas.

— Em absoluto! — afirmou Carol Ann. O rapaz o pegou pelo braço para levá-lo até a ambulância.

— Tudo está bem, eu lhe asseguro — disse Arthur, tentando escapar. Tem que tratar este ferimento na testa — insistiu o enfermeiro, para quem Carol Ann sinalizava para que levasse Arthur o mais brevemente possível.

— Nenhuma parte do corpo me dói, estou bem, tenha a amabilidade de me deixar voltar para casa.

— Com todos estes pedaços espalhados é bem provável que o senhor tenha estilhaços nos olhos. Vou levá-lo.

Fatigado, Arthur se entregou. O enfermeiro o deitou na maca e cobriu seus olhos com gases esterilizadas; enquanto não estivessem limpos, era indispensável evitar qualquer movimento suscetível de desgarrar a córnea. A venda que agora envolvia o rosto de Arthur, o colocava numa escuridão incômoda.

A ambulância subiu pela rua Sutter com as sirenes ligadas, virou na Avenida Van Ness e rumou para o Hospital Memorial São Francisco.

Capítulo 6

Ouviu-se o barulho de uma campainha e as portas do elevador se abriram no terceiro andar. A inscrição da placa na parede assinalava a entrada ao serviço de neurologia.

Lauren saiu da cabine sem cumprimentar seus colegas, que desciam aos andares inferiores. As lâmpadas fluorescentes colocadas no teto refletiam-se no solo. Seus sapatos chiavam ao caminhar no linóleo. Bateu suavemente na porta do 307, mas seu braço voltou a cair, pesado, junto ao corpo. Entrou.

Já não havia lençóis nem travesseiro na cama. O aparelho de gotejar (soro, etc), estava nu e teso como um esqueleto perto da cortina fixa do banheiro. O rádio da mesinha de cabeceira permanecia em silêncio, os pássaros (PELUCHEs) que naquela mesma manhã pareciam sorrir no suporte da janela tinham ido cumprir seu trabalho em outros cômodos. Dos desenhos infantis colocados na parede, só ficaram restos de anseio, de zelo.

Alguns poderiam dizer que a pequena Márcia tinha morrido naquela tarde, mas para todos os que trabalhavam naquele andar, aquele aposento, continuaria sendo seu durante umas horas. Lauren sentou-se no colchão e acariciou o forro impermeável.

Sua mão febril avançou até a mesinha de cabeceira e abriu a gaveta. Pegou a folha dobrada em quatro e esperou um pouco, antes de ler seu segredo. Aquela menina que tinha voado estando cega, o havia visto, perfeitamente. A cor dos olhos de Lauren sumiu sob suas lágrimas. Inclinou-se para dominar um espasmo.

A porta do 307 se abriu, mas Lauren não ouviu a respiração do homem de têmporas brancas que contemplava seu pranto.

Digno e elegante em seu traje preto, e com a barba cinzenta muito bem aparada, Santiago foi sentar-se ao seu lado, e, colocou uma mão sobre seu ombro.

— Não é sua culpa — murmurou com uma voz com acentuado sotaque argentino —. Vocês são médicos, não deuses.

— E você, quem é? — perguntou Lauren entre dois soluços.

— Seu pai; vim pegar as coisas que ficaram: a mãe não tinha forças. Você tem que se acalmar, aqui existem outras crianças que precisam de você.

— Deveria ser o contrário — disse Lauren com um soluço provocado pelo pranto.

— O contrário? — perguntou o homem, perplexo.

— Eu deveria consolá-lo — disse ela, e recomeçou a chorar ainda mais.

O homem vacilou um instante, tímido: tomou Lauren nos braços e a apertou com força contra ele. Seus olhos azuis rodeados de rugas pequenas, também ficaram úmidos. E então, como que para acompanhar Lauren, aceitou finalmente liberar sua dor.

A ambulância parou sob a marquise de Emergências. O motorista e o enfermeiro guiaram Arthur até a recepção.

— Chegamos — disse o enfermeiro.

Não poderiam retirar-me a venda dos olhos? Asseguro que não tenho nada. Só quero ir para casa.

— Essa é boa — replicou Betty com voz autoritária, enquanto consultava a ficha de intervenção entregue pelo enfermeiro —. Eu também gostaria que você fosse para sua casa, gostaria que todas as pessoas que esperam nesta recepção fossem para casa, para poder fechar, e assim, eu também iria para a minha. Mas enquanto esperamos o que Deus quiser, teremos que examiná-lo, como também a eles. Agora, virão buscá-lo.

— Quanto tempo vão demorar? Perguntou Arthur, com voz quase tímida.

Betty olhou para o teto, levantou os braços em direção ao céu e exclamou:

Só Deus pode sabê-lo! Coloquem-no na sala de espera — disse aos enfermeiros, enquanto saía.

O pai de Marcia se levantou e abriu a porta do armário, do qual retirou a caixinha que continha as coisas de sua filha.

— Ela tinha muito carinho por você — disse sem se voltar.

Lauren abaixou a cabeça.

— Ainda que não seja isso o que queria dizer na verdade — continuou o homem.

E como Lauren permanecesse em silêncio, fez outra pergunta.

— Tudo o que eu disser entre essas quatro paredes, você respeitará como segredo profissional, não é?

Lauren disse que tinha sua palavra; Santiago dirigiu-se até a cama, sentou-se ao seu lado e murmurou:

— Queria agradecer-lhe por ter me permitido chorar.

E ambos permaneceram quase imóveis.

— Você contava histórias para Marcia? — ela perguntou em voz baixa.

— Eu morava longe de minha filha, vim aqui somente para a cirurgia, mas todas as noites telefonava para ela de Buenos Aires. Ela deixava o telefone sobre o telefone e eu lhe contava a história de um povo formado por animais e verduras, vivendo no centro de um bosque, em um lugar jamais descoberto pelos homens. A história durou mais de 3 anos. Entre o coelho com poderes mágicos, os cervos, as árvores, cada um com seu nome, e a águia que sempre dava voltas sobre si mesma, porque tinha uma asa mais curta do que a outra, às vezes me perdia em meu próprio relato, mas Márcia me corrigia ao menor equívoco.

Nem imaginar de encontrar o tomate sábio ou o pepino de loucas e impossíveis gargalhadas em algum lugar que não fosse onde os tínhamos deixado na véspera.

Havia alguma corujinha neste conto?

Santiago sorriu.

Era um caso muito curioso! Emilio era vigilante noturno. Enquanto todos os outros animais dormiam, ele ficava acordado para protegê-los. De fato, esse trabalho era um pretexto, pois a coruja era bem medrosa. Ao raiar o dia, voava à toda velocidade até uma gruta e ali se escondia, porque tinha pavor da luz. O coelho sabia, mas como era um bom sujeito, nunca a traiu. Com frequência, Márcia dormia antes do final da história, e eu escutava sua respiração durante alguns minutos, antes que sua mãe viesse desligar o telefone. Seu ressonar delicado era como uma linda música, e cada noite, eu levava as notas comigo.

O pai da menina se calou. Ficou de pé e foi em direção à porta.

— Você sabe de uma coisa? Na Argentina, construo diques, obras gigantescas. Mas, meu verdadeiro orgulho era ela.

— Espere! — disse Lauren com voz suave.

Abaixou-se e olhou embaixo da cama. À sombra, uma pequena coruja branca esperava com as asas cruzadas. Pegou-a e a deu a Santiago. O homem virou-se, acariciou a penugem da ave, com delicadeza.

— Fique com ela — disse a Lauren, devolvendo-lhe a coruja branca —. Cuide de seus olhos: você é médica, deveria poder fazer alguma coisa. Devolva-lhe a liberdade, faça com que jamais tenha medo.

Cumprimentou-a e saiu do aposento. Quando se viu só no corredor, apertou a caixinha contra o peito.

O mostrador de Lauren vibrou: chamavam-na na Emergência. Foi à sala das enfermeiras e pegou o telefone.

Betty agradeceu aos céus que ainda estivesse no prédio: o serviço não diminuía e necessitava de reforços imediatamente.

— Desço agora mesmo — disse Lauren, desligando.

Antes de sair do aposento, colocou a coruja no bolso da bata. O animalzinho necessitava de um pouco de calor humano, pois tinha perdido sua melhor amiga.

Arthur já não podia esperar mais. Procurou seu celular no bolso direito da jaqueta, mas a jaqueta não tinha mais bolso direito.

Com os olhos vendados, tentou adivinhar as horas. Paul ficaria furioso; recordava ter pensado em tal fato, mas tinha se esquecido o motivo. Levantou-se e avançou às cegas ao balcão da recepção. Betty precipitou-se ao seu encontro.

— Você é impossível!

— Tenho horror aos hospitais.

— Pois olhe, já que você está aqui, aproveitaremos para preencher a ficha de ingresso. Você já esteve neste Hospital alguma vez?

— Por quê? — perguntou Arthur, inquieto, apoiando-se no balcão.

— Porque se você já esteve, seus dados estão no computador e iremos mais depressa.

Arthur negou. Betty era boa fisionomista e apesar da venda que cobria seus olhos, os traços daquele homem não lhe eram estranhos. Talvez o tivesse visto em algum outro lugar. De qualquer modo, pouco importava: tinha muito a fazer para pensar no assunto.

Arthur queria ir para casa; a espera estava durando muito e quis retirar a venda.

Vocês estão desfalcados de pessoal e eu, realmente, me sinto bem! — disse —, vou para casa.

Betty imobilizou suas mãos.

— Tente e você verá!

— Mas, que perigo eu corro? — perguntou Arthur, quase se divertindo.

— À menor dorzinha que você tenha nos próximos seis ou 12 meses, caso necessite de algum tratamento, você pode se esquecer de seu seguro.

Se você sair por esta porta, a não ser que seja para fumar um cigarro, vou enviar sua ficha, mencionando que você se recusou a fazer um check up médico. E ainda que a dor seja num dente, sua empresa o mandará passear.

— Eu não fumo! — disse Arthur, apoiando seu braço no balcão.

— Sei que é angustiante ficar às escuras, mas tenha paciência; veja, aí está a doutora, acaba de sair do elevador atrás de você.

Lauren aproximou-se da recepção. Desde que tinha saído do quarto de Márcia, não tinha podido pronunciar qualquer palavra. Pegou a papeleta das mãos da enfermeira e começou a ler, enquanto levava Arthur pelo braço, até a sala quatro. Abriu a cortina e o ajudou a deitar-se. Quando estava na cama, começou a retirar a venda dos seus olhos.

— Mantenha os olhos fechados — disse.

As poucas palavras que pronunciara, ainda que com voz tranquilizadora, bastaram para acelerar o coração de Arthur. Retirou a venda e levantou suas pálpebras, inundando seus olhos com soro fisiológico.

— Dói?

— Não.

— Você vê um brilho de luz?

— Em absoluto, esta venda foi ideia do enfermeiro; na realidade, eu nada tinha.

— Ele fez o certo. Você já pode abrir os olhos.

Foram necessários alguns segundos para dissipar o líquido.

Quando a visão de Arthur recuperou a nitidez, seu coração começou a bater forte. A promessa feita no túmulo de Lili acabava de tornar-se realidade.

— Que tal? — perguntou Lauren, que notou a palidez no seu rosto.

— Bem! — ele disse, com um nó na garganta.

— Acalme-se!

Lauren se inclinou para examinar suas córneas com uma lupa. Enquanto as estudava, seus rostos estavam tão próximos que seus lábios quase se roçavam.

— Não há nada em seus olhos; você teve muita sorte.

Arthur não fez qualquer comentário.

— Você desmaiou?

— Não, claro que não!

— Foi uma brincadeira?

— Uma tentativa.

— Dores de cabeça?

— Tampouco.

Lauren passou a mão pelo ombro de Arthur e apalpou sua coluna vertebral.

— Alguma dor?

— Nada.

— Você tem um grande hematoma no lábio. Abra a boca!

— É indispensável?

— Sim, eu acabo de pedir.

Arthur obedeceu e Lauren aproximou sua pequena lanterna.

— Vá, vão dar-lhe ao menos cinco pontos para costurar isso.

— Tantos?

— Também foi brincadeira. Um bochecho bucal durante quatro dias será mais do que o suficiente.

Desinfetou a ferida da testa e passou um gel nas bordas. Logo colocou esparadrapo, no curativo.

— Ficou um pouco na sobrancelha, assim, vai doer um pouco quando for retirar o esparadrapo. Os outros cortes são menores, cicatrizarão sozinhos. Vou receitar um antibiótico durante alguns dias, somente para prevenção.

Arthur abotoou o punho da camisa, endireitou-se e agradeceu a Lauren.

— Não tão depressa — disse ela, empurrando-o novamente para a cama — Também vou tomar sua pressão.

Pegou o aparelho de medição no suporte da parede e o colocou ao redor do braço de Arthur. Era um aparelho automático. A pulseira enchia e se esvaziava em intervalos regulares. Bastaram alguns segundos para que os números aparecessem no dial fixado na cabeceira.

— Você é propenso a taquicardia? — perguntou Lauren.

— Não — contestou Arthur.

— Pois você está tendo uma boa crise: seu coração bate a mais de 120 por minuto e sua pressão está a dezoito, o que é muito para um homem de sua idade.

Arthur olhou para Lauren enquanto buscava uma desculpa.

— Sou hipocondríaco e os hospitais me apavoram.

— Meu ex desmaiava só de ver minha bata.

— Seu ex?

— Nada importante.

— E seu noivo atual aguenta bem o estetoscópio?

— De qualquer maneira, eu prefiro que você consulte um cardiologista, posso indicar um.

— É inútil — disse Arthur com voz trêmula —. Não é a primeira vez que acontece; enfim, num hospital é a primeira vez, mas quando me apresento numa disputa, numa concorrência, o coração dispara um pouco: tenho tendência a ficar excessivamente nervoso.

— Você trabalha em quê? — perguntou Lauren, divertida, enquanto escrevia uma receita.

Arthur pensou muito antes de responder. Aproveitou que ela estava concentrada em sua folha, para olhá-la silencioso. Lauren não havia mudado, a não ser talvez o penteado. A pequena cicatriz na testa, de que ele tanto gostava, quase tinha desaparecido. E seu olhar continuava o mesmo, orgulhoso e indescritível. Reconhecia cada expressão de seu rosto, como o movimento do arco de Cupido, sob o nariz, cada vez que falava. A beleza de seu sorriso trazia-lhe recordações felizes. Era possível sentir saudades de alguém a tal ponto? A pulseira se encheu de imediato e novos números apareceram. Lauren ergueu a cabeça para consultá-los com atenção.

— Sou arquiteto.

— E você também trabalha nos finais de semana?

— Às vezes, emendo as noites: sempre vamos contra o relógio.

— Sei a que você se refere!

Arthur se endireitou na mesa.

— Você conheceu algum arquiteto? — perguntou, com voz febril.

— Não, que eu me lembre, mas me referia ao meu trabalho: nós também trabalhamos sem levar em conta as horas.

— E o que faz seu noivo?

— É a segunda vez que você me pergunta se sou solteira.

Seu coração bate muito mais depressa, preferiria que você fosse examinado por um de meus colegas.

Arthur arrancou a pulseira do medidor de pressão e se pôs de pé.

— Agora é você que está angustiada!

Queria ir descansar. Amanhã tudo ficaria bem. Prometeu que tiraria a pressão nos próximos dias, e que se houvesse qualquer anormalidade, iria marcar uma consulta de imediato.

— Você me promete? — insistiu Lauren.

Arthur pediu ao céu que ela deixasse de olhá-lo daquele modo. Se seu coração explodisse em qualquer momento, a tomaria nos braços para dizer-lhe que estava louco por ela, que lhe era impossível viver na mesma cidade sem que se falassem. Iria contar-lhe tudo, supondo que desse tempo de fazê-lo antes dela chamar a segurança e o internasse para sempre. Pegou sua jaqueta, ou o que sobrara dela, negou-se a vesti-la diante de Lauren e agradeceu. Estava saindo, quando ouviu que ela o chamava.

— Arthur?

Esta vez, sentiu as batidas do coração no interior da cabeça. Voltou-se

— É seu nome, certo?

— Sim — articulou ele com a boca totalmente seca.

— Sua receita! — disse Lauren, estendendo-lhe a folha rosa.

— Obrigado — disse Arthur, enquanto pegava o papel.

— Você já agradeceu. Coloque a jaqueta: a esta hora, a noite está fria, e seu organismo já teve muitas agressões por hoje.

Arthur vestiu uma das mangas, lentamente, e, antes de sair, olhou fixamente para Lauren.

— O que foi? — ela perguntou.

— Você tem uma coruja no bolso — ele disse, com um triste sorriso nos lábios.

Logo saiu do aposento.

Quando atravessava o vestíbulo, Betty o chamou do outro lado do vidro. Arthur aproximou-se, atordoado.

— Assine aqui e ficará livre — disse, entregando-lhe um grande livro preto...

Arthur colocou sua rubrica no registro de Urgências.

— Você está certo de que se sente bem? Quis saber a enfermeira chefe — Você parece enjoado.

— É bem provável — replicou ele, saindo.

Enquanto Arthur esperava um táxi sob a marquise de Emergência, na guarita onde Betty guardava as fichas, Lauren o olhava sem que ele se desse conta.

— Você não acha que ele é parecido?

— Não sei de quem você está falando — respondeu a enfermeira, com a cabeça escondida em seus papéis —. Às vezes, me pergunto se trabalhamos em um hospital ou em uma administração.

— Ambas as coisas, eu creio. Corra, olhe para ele e diga-me o que lhe parece. Não está nada mal, não?

Betty levantou os óculos, lançou um breve olhar e voltou aos papéis. Um carro da Yellow Cab Company tinha parado; Arthur subiu e o veículo partiu.

— Nada a ver! — disse Betty.

— Você olhou dois segundos!

— Sim, mas, é a centésima vez que você me pergunta a mesma coisa; assim já estou treinada e apta. Além do mais, eu já lhe disse que sou boa fisionomista. Se este fosse o seu homem, teria reconhecido você de imediato: não era eu quem estava em coma.

Lauren pegou uma pilha de folhas e ajudou a enfermeira a classificá-las.

— Durante um momento, enquanto o examinava, ele parecia desconfiado.

— Por que você não perguntou?

— Já me vejo dizendo a um paciente: “Enquanto eu saía do coma, por casualidade, você não passou quinze dias sentado aos pés de minha cama?”

Betty deu uma gargalhada.

— Creio que esta noite voltarei a sonhar com ele. Mas quando acordo, não consigo recordar-me de seus traços.

— Se fosse ele, você o teria reconhecido. Você tem vinte “clientes” esperando por você; assim, tire essas ideias da cabeça e trate de trabalhar. E mude a página, você tem alguém em sua vida, não é verdade?

— Mas você está certa de que não era ele? — insistiu Lauren em voz baixa.

— Certíssima!

— Fale-me dele novamente.

Betty abandonou sua pilha de documentos e girou seu banco.

— O que você quer que eu lhe diga?

— A verdade é que isto é incrível — disse Lauren —. Este homem frequentou um departamento inteiro durante duas semanas e não consigo encontrar uma só pessoa que saiba algo sobre ele.

— Acredito que seja de natureza discreta — resmungou Betty grampeando um maço de folhas cor de rosa.

— E ninguém perguntava o que ele fazia aqui?

— A partir do momento em que sua mãe permitia a presença dele, nós não tínhamos porque nos intrometermos. Todo mundo pensava que fosse um amigo seu, ou, mesmo, seu noivo! E haviam várias mulheres zelosas no andar. Mais de uma ficou encantada.

— Mamãe acreditava que fosse um paciente; Fernstein, que era um parente, e você, que era meu noivo. Decididamente, ninguém consegue estar de acordo.

Betty pigarreou e levantou-se para pegar uma resma de papel. Deixou cair os óculos sobre o nariz e olhou Lauren com ar sério.

— Você também estava aí!

— O que você tenta ocultar-me?

Dissimulando o embaraço, a enfermeira mergulhou, de novo, a cabeça nos papéis.

— Nada em absoluto! Sei que pode parecer estranho, mas a única coisa incrível é que você pode voltar, sem sequelas, e deveria agradecer aos céus, em lugar de empenhar-se em inventar mistérios.

Betty tocou a campainha diante de si e chamou o número 125. Colocou uma ficha nas mãos de Lauren e lhe fez uma senha para que voltasse ao seu posto.

— Merda, sou eu o médico chefe aqui — protestou a jovem, enquanto entrava na cabine número 4.

Capítulo 7

O táxi deixou Arthur em frente à sua casa. Procurou as chaves, inutilmente, e ficou em dúvida antes de chamar a senhora Morrison porque não o ouviria. Observou, então que de um balcão descia um fio de água, levantou a cabeça e viu que sua vizinha regava as plantas. Acenou-lhe, e ela se assustou ao vê-lo naquele estado. A porta fez barulho ao se abrir.

A senhora Morrison, no patamar, com as mãos nas cadeiras, o olhava perplexa.

— Acaso você saiu com uma boxeadora?

— Não, foi um moto boy quem se enamorou de mim — disse Arthur.

— Você teve um acidente de moto?

— Como pedestre! E, foi o cúmulo, pois eu sequer estava atravessando a rua, atropelaram-me diante de Macy's.

— O que você estava fazendo ali?

Como a coleira ficara enterrada sob os vidros quebrados, preferiu nada dizer à sua vizinha. Então, ela viu os ombros rasgados da jaqueta de Arthur.

Temo que o cerzido irá aparecer! Você não poderia ter guardado o bolso?

— Não — disse Arthur, sorrindo, apesar do lábio dolorido e inchado.]

— Da próxima vez que você der um amasso em sua noiva, mande-a antes cortar as unhas; ao menos, seja mais prudente!

— Não me faça rir, Rose, que me dói horrores!

— Ter sabido que bastava que uma moto o atropelasse, para que finalmente me tratasse pelo meu nome de batismo, eu teria chamado um de meus velhos amigos dos Anjos do Inferno. E, por certo, Pablo latiu esta tarde; pensei que estava morrendo, mas não, somente latia.

— Rose, vou dormir.

— Vou trazer-lhe algo, e com certeza, tenho arnica em algum lugar.

Arthur agradeceu e se despediu, mas apenas tinha dado alguns passos, quando sua vizinha o chamou novamente.

Segurava um jogo de chaves com as pontas dos dedos.

— Imagino que não você não tenha encontrado as suas. Esta é a cópia que você me deu, vai precisar, se quiser entrar em sua casa.

Arthur abriu a porta e devolveu o chaveiro à vizinha. Tinha outra no escritório e preferia que este ficasse com ela. Entrou em seu apartamento, acendeu a lâmpada do salão e logo a apagou, porque a luz forte deu-lhe uma forte dor de cabeça. Foi ao banheiro e pegou dois comprimidos de aspirina.

Necessitava de uma dose dupla para acalmar o que fervia em seu crânio. Colocou os comprimidos sob a língua, para que se dissolvessem diretamente em seu sangue e atuassem mais depressa. Quatro meses que passara dividindo a vida com uma estudante de medicina, fizeram com que aprendesse alguns truques. O sabor amargo provocou-lhe um estremecimento e bebeu água, mas quando se inclinou, tudo em volta começou a girar e teve que se apoiar na pia. Sentia-se fraco, o que não era surpreendente, já que nada havia comido desde a manhã. Apesar das náuseas, tinha que comer algo. Estômago vazio e enjoo não se entendiam maravilhosamente. Deixou a jaqueta sobre o sofá e foi à cozinha. Ao abrir a porta da geladeira, sentiu um calafrio. Pegou o prato com um pedaço de queijo e algumas torradas. Montou algo parecido com um sanduíche, mas não quis mais comê-lo quando deu a primeira dentada.

Seria melhor deixar de lutar, estava ruim. Foi ao dormitório, dirigiu-se à mesinha de cabeceira, seguiu o cabo da lâmpada e ligou o interruptor. Virou a cabeça para a porta; devia ter queimado algum fusível, pois o salão estava tomado pela escuridão.

Arthur não compreendia o que estava acontecendo: à sua esquerda, a lâmpada da mesinha difundia uma luz pálida e turva, quase alaranjada, mas quando a olhava de frente, recuperava a cor normal. As náuseas redobram e queria correr ao banheiro, mas suas pernas fraquejaram e caiu ao solo.

Aos pés da cama, incapaz de conseguir levantar-se, tratou de arrastar-se até o telefone. Dentro do peito, o coração batia como se fosse sair a cada pulsação, com uma dor indescritível. Buscou o ar que lhe faltava e ouviu a campainha da porta, no momento em que perdeu a consciência.

Paul olhou o relógio, furioso. Fez uma cena para o maître e pediu a conta. Instantes depois, enquanto atravessavam o estacionamento do restaurante, desculpou-se uma vez mais com suas convidadas. Não era sua culpa se seu sócio era mal-educado.

Onega defendeu Arthur: em ocasiões em que o compromisso amoroso parecia um vestígio do passado, alguém que queria ter se casado com sua noiva ao cabo de quatro meses de relacionamento, não devia ser uma pessoa má.

— Não se casaram — resmungou Paul, abrindo a porta do veículo para que entrassem.

Arthur devia estar dormindo, mas a senhora Morrison não estava tranquila porque tinha achado seu aspecto ruim.

Fechou a porta de seu apartamento, deixou o tubo de arnica na mesa de cozinha e retornou ao salão. Pablo dormia sereno em seu cesto. Pegou-o nos braços e se instalou no sofá grande em frente à televisão. Seu ouvido já não era muito bom, mas seus olhos não haviam perdido nem um pouco sua astúcia e ela havia observado perfeitamente a palidez do vizinho.

— A que horas termina seu plantão? — perguntou Betty.

— Às 2h da madrugada — respondeu Lauren.

— Segunda à noite, nem uma gota de chuva, a lua cheia, entretanto fica longe... você vai ver: será uma noite tranquila.

— Cruzemos os dedos — disse Lauren, ajeitando os cabelos.

Betty aproveitaria aquela calma para arrumar as caixas de primeiros socorros. Lauren se ofereceu para ajudá-la, mas a campainha tocou.

Reconheceu o numero no dial: precisavam dela no segundo andar.

Paul e Onega acompanharam Mathilde até sua casa antes de darem um passeio no Pier 38. Foi Onega quem escolheu o lugar, para grande surpresa de Paul. As barracas para turistas, os restaurantes cheios e as atrações muito iluminadas sucediam-se ao longo do grande espigão de madeira sobre o oceano. No final da ponte, na esplanada açoitada pela espuma do mar, um conjunto de telescópios de base oferecia, por vinte e cinco centavos, uma visão próxima da prisão de Alcatraz, fincada em sua ilha, no meio da baía. Diante destes aparelhos várias placas de cobre fincadas na balaustrada recordavam aos visitantes que as correntes e grilhões que riscavam a baía, jamais tinham permitido que um só prisioneiro escapasse a nado, “excepto Clint Eastwood”, conforme a inscrição.

Paul pegou Onega pela cintura. Ela virou-se para olhá-lo diretamente nos olhos.

— Por que você queria vir aqui? — ele lhe perguntou.

— Gosto desse lugar. Os emigrantes de meu país que, muitas vezes, contam sua chegada a Nova Iorque, de barco, e a felicidade que os invadiu, quando, apinhados na proa da embarcação, finalmente viram Manhattan assomando entre a névoa. Eu vim de avião da Ásia. A primeira coisa que vi pela janela, quando atravessamos a camada de nuvens, foi a prisão de

Alcatraz. Interpretei como um sinal que retornava à vida. Os que consideravam Nova Iorque como o símbolo da liberdade, com frequência a comprometeram ou a esbanjaram. Eu tinha tudo para ganhar a liberdade!

— Você veio da Rússia? — perguntou Paul, emocionado.

Da Ucrânia, você errou! — disse Onega, arrastando as palavras de forma sensual —. Jamais chame um de meus compatriotas de russo! Por tal ignorância, você mereceria que eu não o beijasse mais, pelo menos durante umas horas — acrescentou com doçura.

— Com que idade você estava quando veio para cá? — quis saber Paul, enfeitiçado.

Onega dirigiu-se até o extremo do cais, gargalhando.

Nasci em Sausalito, bobinho! Estudei em Berkeley e trabalho como jurista na câmara. Se você tivesse me feito algumas perguntas ao invés de falar o tempo todo, já saberia.

Paul sentiu-se ridículo, apoiou-se na balaustrada e olhou o horizonte. Onega se aproximou e apertou-se contra ele.

— Perdão, mas você estava tão enlevado, que não pude resistir. E, tampouco é uma mentira; com uma geração de diferença, a história é verdadeira, pois aconteceu com minha mãe. Você me leva para casa? Amanhã preciso ir cedo para o trabalho — disse, antes de beijar os lábios de Paul.

A televisão estava desligada. A Sra. Morrison já devia ter visto o filme, naquela noite não estava animada. Deixou Pablo e foi entregar a cópia das chaves de seu vizinho.

Encontrou Arthur inconsciente e caído aos pés do sofá. Abaixou-se e bateu levemente em suas faces. Ele abriu os olhos. O rosto sereno da senhora Morrison pretendia ser tranquilizador, ainda que acontecesse o contrário. Ouviu sua voz ao longe e não a viu. Tentou em vão pronunciar algumas palavras, mas não conseguia. Tinha a boca seca. A Sra. Morrison buscou um copo de água e umedeceu seus lábios.

— Calma, vou chamar uma ambulância agora mesmo — disse-lhe, acariciando-lhe a fronte.

Dirigiu-se ao escritório em busca do telefone. Arthur conseguiu segurar o copo com a mão direita, mas a esquerda não obedecia. O líquido gelado deslizou por sua garganta e ele o engoliu. Quis levantar-se, mas sua perna permanecia imóvel. A senhora Morrison deu a volta para ajudá-lo;

tinha recuperado um pouco a cor. Estava a ponto de pegar o telefone, quando este tocou.

— Da próxima vez você vai rir de seu pai! — gritou Paul.

— Do pai de quem terei a honra de rir-me? Perguntou a senhora Morrison.

— Não é da casa de Arthur?

O descanso tinha sido breve. Betty entrou como um furacão onde Lauren estava dormindo.

— Vamos, a central acaba de nos avisar que dez ambulâncias estão chegando. Briga num bar.

— As salas de emergência estão livres? — perguntou Lauren, pondo-se de pé num salto.

— Só tem um paciente, nada grave.

— Pois, retire-o de lá e peça reforços: dez unidades móveis podem trazer-nos até vinte feridos.

Paul ouviu ao longe o barulho das sirenes, olhou pelo retrovisor e viu as luzes giratórias que se aproximavam. Acelerou, tamborilando inquieto no volante. Seu carro parou, finalmente diante do edifício onde morava Arthur. A porta do vestíbulo estava aberta, precipitou-se pelas escadas, subiu os degraus correndo e chegou ofegante ao apartamento.

Seu amigo estava caído aos pés do sofá e a senhora Morrison segurava sua mão.

— Deu-nos um susto de morte — disse —, mas creio que está melhor. Chamei uma ambulância.

— Já vem — disse Paul, se aproximando —. Como você está? — perguntou-lhe com uma voz que muito mal dissimulava sua inquietação.

Arthur virou a cabeça em sua direção e Paul se deu conta de que algo não ia bem.

— Não vejo você — murmurou.

Capítulo 8

O enfermeiro assegurou-se de que a maca estivesse bem ajustada e colocou o cinto de segurança em Arthur. Fechou o vidro que o separava do motorista e a ambulância partiu. Na sacada do apartamento de Arthur, a senhora Morrison viu quando o veículo dava a volta no cruzamento, antes de desaparecer com as sirenes ligadas.

Tornou a fechar a janela, apagou as luzes e voltou para casa. Paul tinha prometido chamar, quando soubesse de algo. Sentou-se em seu sofá, à espera de que o telefone tocasse.

Paul sentou-se ao lado do enfermeiro que tomava a pressão arterial de Arthur. Seu amigo fez-lhe um sinal para que se aproximasse.

— Que não nos levem ao Hospital Memorial — murmurou-lhe ao ouvido —. Já estive lá hoje.

— Razão para que você volte e faça um escândalo. Deixarem você sair neste estado, demonstra falta de profissionalismo.

Paul se interrompeu para olhar Arthur com ar circunspecto.

— Você a viu?

— Foi ela quem me examinou.

— Não acredito!

Arthur voltou a cabeça, sem responder.

— Por isso você sofreu esta crise, meu amigo, você tem a síndrome do coração partido, fica sofrendo por muito tempo.

Paul abriu a pequena janela que os separava do condutor e perguntou-lhe para qual hospital se dirigiam.

— Ao Missão São Pedro — foi a resposta.

— Perfeito — disse Paul, tornando a fechar a janela.

— Você sabe o que foi? Esta tarde encontrei Carol-Ann — murmurou Arthur.

Paul o olhou, com ar compassivo.

— Não é nada grave, acalme-se, você está delirando um pouco e pensa que está vendo todas as suas antigas noivas, mas isso vai passar.

A ambulância chegou ao seu destino dez minutos mais tarde.

Desde o momento em que os enfermeiros entraram no vestíbulo do Hospital Mission San Pedro, Paul compreendeu a estupidez que havia cometido. A enfermeira Cybile abandonou seu livro e sua guarita para guiar os enfermeiros até a sala de emergência.

Colocaram Arthur na mesa e se despediram.

Enquanto isso, Paul olhou o relógio da recepção. Era mais de meia-noite quando Cybile voltou; já tinha avisado ao interno que estava de serviço e jurou que este não demoraria. O doutor Brisson estava terminando a ronda de visitas nos andares superiores. Na sala onde estava, Arthur já não sofria, tinha submergido docemente no limbo de um sonho grandioso. A dor

de cabeça cessara, como por encanto. E quando a dor desapareceu, Arthur, feliz, voltou a ver...

“O roseiral estava lindo, povoado de rosas de mil cores. Diante dele, abria-se uma rosa branca, de um tamanho que jamais tinha visto. A senhora Morrison chegou. Cortou a flor cuidadosamente em cima do nó que se formara no talo e a levou ao estacionamento. Instalou-se no alpendre, com Pablo adormecido a seus pés. Arrancou as pétalas, uma a uma e as costurou na jaqueta de tweed, com infinita delicadeza. Era uma ideia magnífica utilizá-las desse modo, para recolocar o bolso que faltava. A porta da casa se abriu e sua mãe desceu os degraus da escadaria. Trazia uma bandeja com uma guarnição de café e biscoitos para o cachorro. Abaixou-se e disse para o animal.

— É para você, Kali — disse.

Por que a senhora Morrison não dizia a verdade a Lili?

O cãozinho tinha o nome de Pablo, que estranha ideia chamá-lo de Kali.

Mas Lili não parava de repetir, cada vez mais forte: "Kali, Kali, Kali", e a senhora Morrison, que se balançava cada vez mais alto, repetia, rindo: "Kali, Kali, Kali". As duas mulheres voltaram-se para Arthur, e, ambas, com um dedo autoritário nos lábios, lhe ordenaram que se calasse. Arthur estava furioso. Aquela cumplicidade repentina o irritava sobremaneira. Levantou-se, e o mesmo fez o vento.

A tormenta avançava desde o oceano a toda velocidade. Gotas pesadas martelavam o telhado. As nuvens impregnadas de água que se agrupavam no céu de Carmel romperam sobre o roseiral. Sob o impacto da chuva formaram-se, ao redor, pequenas crateras. A senhora Morrison largou a jaqueta e entrou em casa. Pablo a seguiu de imediato, com o rabo entre as pernas, mas no umbral da porta, o animal deu meia volta, latindo como para prevenir sobre um perigo. Arthur chamou sua mãe. Gritou com todas as forças numa luta contra o vento, que confinava suas palavras no interior de sua garganta. Lili voltou-se, olhou para o filho com o rosto aflito e logo desapareceu, engolida pelas sombras do corredor. O postigo da janela do escritório açoitava a e guinchava ao girar sobre seus fechos. Pablo avançou até o primeiro degrau da escada, uivando.

Abaixo, na praia, o oceano desaguava. Arthur pensou que seria impossível chegar à gruta, ao pé do jardim.

Sem dúvida, era o lugar ideal para se esconder. Olhou para longe, até a baía, e a maresia provocou-lhe uma violenta náusea.

Teve um enjoo e vomitou.

— Não estou seguro de que vá aguentar muito mais — disse Paul com a bacia na mão.

A enfermeira Cybile segurava Arthur pelos ombros para que não caísse da cama.

— O médico já vai vir do casulo ou terei que ir buscá-lo com um taco de beisebol? — explodiu Paul.

No último andar do Hospital Mission San Pedro, sentado em um sofá, na escuridão do aposento de um enfermo, o interno Brisson conversava com sua noiva, que havia decidido romper com ele, detalhando a lista de incompatibilidades que não lhe deixava outra saída. O jovem doutor Brisson negava-se a escutar que era um egoísta e um oportunista e Vera Zlicker, de sua parte, negava-se a confessar-lhe que seu ex-noivo a estava esperando embaixo, no carro, enquanto ela arrumava a mala para sair do apartamento de Brisson. Ademais, essa conversa não poderia ser num aposento hospitalar, sua ruptura carecia de intimidade, concluiu ela. Brisson aproximou o celular do monitor para que Vera ouvisse os batimentos débeis e regulares do coração de seu paciente. Com um fio de voz, disse que, considerando seu estado, não havia perigo de que o molestassem.

Enquanto se perguntava se a camiseta que estava dobrando era sua, Vera fez uma breve pausa. Era-lhe muito difícil concentrar-se em dois assuntos ao mesmo tempo. Brisson acreditou que por fim ela queria reconsiderar, mas então, Vera perguntou se não era imprudente continuar aquela conversa, porque soubera que os celulares interferem nos aparelhos médicos. O interno vociferou que, naquele momento, não importava e ordenou-lhe que tivesse a cortesia de esperar o término de seu plantão, no dia seguinte pela manhã. Exasperado, Brisson apagou pela terceira vez a busca que assinalava em seu bolso. No outro extremo da linha, Vera desligou.

Uma veia situada na parte posterior do cérebro tinha sofrido o impacto dos estilhaços da vitrine. No transcurso das três primeiras horas que se seguiram ao acidente, uma quantidade mínima de sangue tinha brotado do vaso lesado, mas na última hora da tarde a hemorragia provocou as primeiras anomalias no equilíbrio e na visão. Os mil miligramas de aspirina ingeridos por via sublingual modificaram a situação

significativamente. Dez minutos foram suficientes para que as moléculas de ácido acetilsalicílico fluidificassem o sangue com o qual estavam se misturando. Através da ferida, o líquido se expandiu pelo cérebro como um rio que transborda de seu leito. Quando Arthur se dirigia ao hospital, a hemorragia já não encontrou outro terreno que o de avançar sob a abóboda do crânio, e assim, começou a comprimir as meninges.

A primeira das três membranas que recobrem o encéfalo reagiu de imediato. Credo tratar-se de uma infecção, exerceu seu papel. Passadas as dez horas da noite, inflamou-se para tentar conter o agressor. Em questão de horas, o hematoma que estava se formando teria comprimido o cérebro o suficiente para deter as funções vitais. Arthur sumia na inconsciência. Paul chamou a enfermeira e ela lhe implorou que esperasse em sua poltrona: o interno de plantão era muito severo no tocante ao regulamento.

Paul não tinha direito de permanecer deste lado.

Não longe dali, as portas do elevador se abriram no andar de Emergência de outro hospital. Lauren dirigiu-se até a guarita da recepção e pegou uma nova ficha das mãos de Betty.

O homem, de 45 anos, tinha chegado com uma profunda ferida no ventre, em consequência de uma facada. Logo depois do ingresso, seu estado piorara, com hemorragia. Seu coração dava sinais de fibrilação eminente e Lauren decidiu intervir, antes que fosse muito tarde. Fez uma profunda incisão para poder costurar a veia que sangrava em abundância. Todavia, a faca tinha causado outros danos, quando fora retirada. Enquanto conseguia manter mais alta a pressão sanguínea do ferido, explorou a primeira ferida.

Teve que afundar a mão no ventre do homem, e com o polegar e o indicador pressionou parte do intestino delgado para deter a hemorragia principal. A manobra foi hábil e a pressão continuou subindo. Betty deixou o desfibrilador e aumentou o fluxo da perfusão. Lauren se achava numa postura pouco confortável da qual não podia sair, pois a pressão que exercia era vital. Quando a equipe de cirurgiões chegou, cinco minutos depois, Lauren os acompanhou à sala de cirurgia, sempre com a mão no ventre do paciente.

Vinte minutos depois, o cirurgião chefe comunicou-lhe que podia retirar a mão e deixá-los terminar: tinha conseguido deter a hemorragia. Lauren voltou ao vestibulo de Emergência, com a mão dolorida. Ali, o tráfego de pacientes continuava sem trégua.

Brisson entrou na cabine. Leu o histórico e observou que os sinais vitais de Arthur eram estáveis. Somente a sonolência era preocupante. Desobedecendo a enfermeira, Paul o interpelou, quando este saiu da cabine. O plantonista pediu-lhe que fosse esperar no local reservado aos acompanhantes. Paul replicou que nesse hospital deserto nada sucederia por ele ter ultrapassado alguns metros de uma linha amarela traçada no solo, aliás, um solo muito sem brilho. Brisson encheu o peito e lhe disse, com tom autoritário, que se queria conversar com ele, que se mantivesse do outro lado da linha em questão.

Na dúvida entre estrangular o interno ali mesmo ou esperar para saber o diagnóstico, Paul obedeceu. Satisfeito, o jovem médico assinalou que, de momento, não podia dizer nada. Enviaria Arthur à radiologia o mais rápido possível. Paul mencionou o scanner, mas o hospital não dispunha de tal aparelho. O doutor Brisson o tranquilizou o melhor que pode: se as chapas de radiografia deixassem entrever o menor problema, transferiria Arthur a um centro mais especializado, na manhã seguinte.

Paul perguntou por que não o fazia agora, mas o médico não achava oportuno. Desde sua entrada no Hospital, Arthur estava sob sua responsabilidade. Paul, então, pensou onde poderia ocultar o corpo do interno, após estrangulá-lo.

Brisson deu meia volta e subiu a outro andar. Ia buscar um aparelho de radiografias portátil. Quando desapareceu, Paul entrou na cabine e sacudiu Arthur.

— Não durma, não se deixe levar, você me ouve?

Arthur levantou as sobrancelhas; tinha o olhar vítreo e....

— Paul, você se lembra o dia exato em que nossa adolescência terminou?

— Não é muito difícil: foi... fazem dois dias! Você está melhor, agora, tente descansar.

— Quando voltamos do internato, já nada estava no lugar e você disse: “Chega um dia em que a casa de alguém já não é onde cresceu”. Eu queria voltar atrás, mas você não.

— Conserve as forças; teremos tempo para falar sobre tudo isso mais tarde.

Paul olhou para Arthur, pegou uma toalha e abriu a água da torneira do lavabo. Uma vez úmida, a colocou na testa de seu amigo. Arthur pareceu aliviado.

— Hoje, falei com ela. Durante todo este tempo, algo em meu interior me dizia que talvez estivesse alimentando uma ilusão. Que ela era um refúgio, uma forma de estar tranquilo, porque desejando alcançar o inacessível não se corre qualquer risco.

— Fui eu quem disse isso a você no final de semana, cretino; mas agora, se esqueça de minhas necessidades filosóficas, só estava enfadado.

— E o que o fez ficar enfadado?

— Que já não pudéssemos ser felizes ao mesmo tempo.

— Para mim, isto é envelhecer.

— Está bem, envelhecer, sabe de uma coisa? É uma grande sorte. Vou confiar-lhe um segredo: quando olho pessoas idosas, com frequência, as invejo.

— Por sua velhice?

Por terem chegado a ela, por terem sabido viver até então!

Paul olhou o tensiômetro: a pressão sanguínea tinha tornado a abaixar. Apertou os punhos, certo de que tinha que agir. Aquele curandeiro estava a ponto de acabar com o bem mais precioso que tinha no mundo, o amigo, que constituía toda sua família.

— Se eu não sair desta, não conte nada para Lauren.

— Se é para dizer asneiras, melhor poupar as palavras.

Arthur inclinou a cabeça e perdeu a consciência. O relógio da parede marcava 01h45, o ponteiro prosseguia com seu tic-tac. Paul levantou-se e forçou Arthur a abrir os olhos.

— Você envelhecerá muito tempo ainda, estúpido, eu tratarei disso e quando você estiver doente, com reumatismo, quando sequer você puder levantar a bengala para me pegar, eu lhe direi que você sofre por minha culpa, que em uma das piores noites de minha vida, poderia ter evitado tudo isso. Mas, você começou.

— Comecei o quê? — murmurou Arthur.

— A deixar de divertir-se com as mesmas coisas que eu, a ser feliz de uma forma que eu não compreendia, a obrigar-me a envelhecer também a mim.

Brisson entrou na cabina acompanhado pela enfermeira, que empurrava o carrinho com o aparelho de radiografias.

Você, saia agora mesmo! — gritou para Paul, em tom irado.

Paul o olhou da cabeça aos pés, fez uma ligeira vistoria no aparelho que a enfermeira estava colocando na cabeceira da cama, e se dirigiu a ela

com voz afetada: — Quanto deve pesar esta coisa?

— Demasiado para meus rins, que estremecem cada vez que tenho que empurrar este aparelho do demônio.

Paul virou-se bruscamente, agarrou Brisson pela gola da bata e detalhou de forma resoluta as emendas ao regulamento do Hospital Missão São Padro, que entrariam em vigor no instante em que o soltasse.

— Você entendeu bem o que eu acabo de dizer? — acrescentou, sob o olhar divertido da enfermeira Cybile.

Já liberado, Brisson exagerou um acesso de tosse que cessou ao primeiro movimento de sobrancelhas de Paul.

— Não vejo nada que me preocupe — disse o interno dez minutos depois, consultando as placas das radiografias.

— Mas, preocupariam a um médico? — perguntou Paul.

— Tudo isto pode esperar até amanhã de manhã — disse Brisson em tom agudo —. Seu amigo está somente grogue.

Brisson ordenou à enfermeira que devolvesse o aparelho à sala de radiologia, mas Paul interveio.

Concordo que um hospital não seja o último refúgio da gentileza, mas, ao menos, vamos interná-lo! — exclamou.

Dissimulando mal sua raiva, Brisson sucumbiu e arrebatou o carrinho das mãos de Cybile. Enquanto desaparecia no elevador, a enfermeira deu umas batidas no vidro da guarita e fez um sinal para que Paul se aproximasse.

— Corre perigo, não é verdade? — perguntou Paul, cada vez mais ansioso.

— Sou apenas uma enfermeira; deveras conta minha opinião?

— Mais do que a de certos médicos — assegurou Paul.

— Então, escute-me bem — ela murmurou —. Preciso deste emprego, assim se um dia este animal disser outra coisa, não poderei testemunhar. São mais corporativistas do que as polis; os que falam, em caso de negligência, podem passar a vida inteira procurando trabalho. Nenhum hospital os contratará. Só há lugar para o que fazem filas, quando existem dificuldades. Os executivos se esquecem que aqui as dificuldades são seres humanos. Dito isto, saiam os dois, antes que Brisson mate seu amigo.

— Não vejo como fazê-lo onde você quer que nós vamos?

— Ficaria tentada a dizer que só o resultado conta, mas acredite no meu instinto: em seu caso, o tempo também conta.

Paul ia de um lado para outro, furioso consigo mesmo. Quando entraram nesse hospital, supôs que fosse um erro. Tratou de recobrar a calma, pois o medo o impedia de achar uma solução.

— Lauren?

Paul se precipitou à cabeceira de Arthur, que estava gemendo. Tinha os olhos muito abertos e o olhar fixo em outro mundo.

— Sinto muito, sou eu somente — disse Paul, segurando sua mão.

Arthur falou com voz entrecortada.

— Jure... por minha alma... que você nunca lhe dirá a verdade.

— Neste momento prefiro jurar melhor pela minha — disse Paul.

— Então, mantenha sua promessa!

Foram as últimas palavras de Arthur. Agora, a hemorragia chegara à parte posterior de seu cérebro. Para proteger os centros vitais ainda intactos, essa máquina extraordinária optou por deixar fora de serviço todos os seus terminais periféricos. Os centros da visão, da fala, audição, motora tinham deixado de ser operantes. Eram duas e vinte no relógio da sala.

Arthur tinha entrado em coma.

Capítulo 9

Paul andava de um lado para outro no vestíbulo. Pegou o celular no bolso, mas Cybile deu-lhe a entender que era proibido usá-lo no recinto do hospital.

— E que aparelho científico poderia perturbar, a não ser a máquina de bebidas? — gritou ele.

Cybile reiterou a proibição com um movimento de cabeça e lhe assinalou o estacionamento.

— Artigo 2 do novo regulamento interior — insistiu Paul —: o uso de meu telefone no vestíbulo está autorizado!

— Seu regulamento só funciona com Brisson, assim vá telefonar lá fora. Se passar o segurança, me demitem.

Paul, protestando, abriu as portas corrediças.

Durante vários minutos, continuou andando a largos passos pelo estacionamento das ambulâncias, enquanto via desfilar a agenda telefônica no painel de seu celular.

— Merda — resmungou em voz baixa —, é um caso de força maior!
Apertou uma tecla e o celular marcou o número programado.

— Hospital Memorial, o que posso fazer por você? — perguntou a telefonista.

Paul insistiu para falar com Emergência. Esperou varios minutos e Betty atendeu. Uma ambulância, explicou-lhe ele, tinha levado, à primeira hora da tarde, um homem jovem atropelado por um moto boy na Union Square.

Betty perguntou-lhe se era alguém da família da vítima e Paul disse que era seu irmão; apenas mentiu. A enfermeira se lembrava bem do caso. O paciente tinha deixado o hospital por seus próprios meios vinte e uma hora atrás. Estava em perfeito estado.

— Não de todo — replicou Paul —, você pode chamar-me o médico que o tratou? Acredito que tenha sido uma mulher. É urgente — acrescentou.

Betty compreendeu que havia algum problema, ou melhor que o hospital podia ter problemas. Dez por cento dos pacientes atendidos na Emergência, voltava dentro das vinte e quatro horas seguintes, devido a um erro ou a a uma subestimação no diagnóstico. O dia em que os processos custassem mais caro do que se economizava com a redução do pessoal, os administradores tomariam, enfim, as medidas que o corpo médico não cessava de reclamar. Procurou entre suas fichas, em busca da cópia da ficha de Arthur.

Betty não descobriu qualquer infração no protocolo de tratamento; mais tranquila, bateu no vidro, quando viu Lauren aproximar-se pelo corredor. Havia uma chamada para ela.

— Se for minha mãe, diga-lhe que não tenho tempo. Deveria ter saído meia hora atrás, e ainda preciso visitar dois pacientes.

— Se sua mãe telefonasse às duas e meia da madrugada, eu passaria a chamada para o centro cirúrgico. Pegue o telefone, parece importante.

Perplexa, Lauren atendeu.

— Esta tarde você examinou um homem que levaram para aí, atropelado por uma moto, você se lembra? — disse a voz do outro lado do aparelho.

— Sim, perfeitamente — respondeu Lauren —, é a polícia?

— Não, é o melhor amigo dele. Ele passou mal ao voltar para casa. Está inconsciente.

Lauren sentiu que seu coração se acelerava no peito.

Telefone agora mesmo para 911 e traga-o para cá imediatamente, eu esperarei!

— Já está hospitalizado. Estamos no Hospital Mission San Pedro e a coisa não está indo bem.

— Nada posso fazer seu amigo se já está em outro hospital — respondeu Lauren —. Meus colegas saberão tratar dele, estou certa. Posso falar com eles, se você desejar, mas, além de ter verificado uma leve taquicardia, não tenho nada especial para comentar com eles, tudo estava normal quando saiu daqui.

Paul descreveu em que condições se encontrava Arthur; o médico de plantão dizia que não seria arriscado esperar até de manhã, mas ele não compartilhava sua opinião, tinha que ser um burro para ignorar que seu melhor amigo não estava bem.

— Fica difícil contradizer um colega sem ter consultado as radiografias. O que diz o scanner?

— Aqui não tem scanner! — disse Paul.

— Como se chama o plantonista? — quis saber Lauren.

— É um tal doutor Brisson — disse Paul.

— Patrick Brisson?

— Tem escrito “Pat” em sua credencial, deve ser esse, você o conhece?

— Conheci-o no quarto ano do curso de medicina; efetivamente, é um ignorante.

— O que posso fazer? — suplicou Paul.

— Eu não tenho qualquer direito de intervir, mas posso tentar falar com ele por telefone. Com o consentimento de Brisson, poderíamos organizar a transferência de seu amigo colocá-lo no scanner esta mesma noite: o nosso fica operando 24 horas do dia. E por que não veio para cá?

— É uma longa história e temos pouco tempo.

Paul viu que o interno entrava na guarita de Cybile; suplicou para Lauren que não desligasse e atravessou o vestibulo correndo. Chegou, ofegante, diante de Brisson e colocou o celular em sua orelha.

— Uma chamada para você — disse.

Brisson o olhou, surpreendido, e pegou o aparelho.

A troca de pontos de vista entre os dois médicos foi breve. Brisson ouviu Lauren e lhe agradeceu por uma ajuda que não tinha solicitado. O

estado de seu paciente estava sob controle, mas não era o caso da pessoa que o acompanhava. O homem que tão inutilmente a tinha importunado, mostrava certa tendência para a histeria, e tinha inclusive que chamar a polícia para desvencilhar-se dele.

Lauren, tranquilizada, desligou, depois de um “encantado por ter notícias suas depois de tantos anos” e “e espero tornar a vê-la, para tomar um café, ou, por que não? Para jantar.”

Desligando, Brisson guardou o celular no bolso.

— E então? — quis saber Paul, cujos pés roçavam a linha amarela.

— Só devolverei o seu telefone quando você sair daqui! Disse Brisson com ar altivo —. Sua utilização está proibida no recinto do hospital, como certamente Cybile o notificou.

Paul se postou diante do médico e impediu sua locomoção.

— Tudo bem, eu o devolvo; mas você vai me jurar que irá ao estacionamento se tiver que fazer mais chamadas — prosseguiu Brisson, já não tão furioso.

— O que disse sua colega? — perguntou Paul, arrancando o celular de suas mãos.

— Que tenho toda sua confiança, coisa que evidentemente todo mundo não pode dizer.

Brisson assinalou com o dedo a inscrição que delimitava a zona reservada exclusivamente ao corpo médico.

— Se você tornar a cruzar, uma só vez, esta linha, ainda que sejam dez centímetros, Cybile chamará a polícia e eu farei com que o levem. Espero ter sido bem claro.

Brisson deu meia volta e caminhou pelo corredor. A enfermeira chefe Cybile encolheu os ombros.

Lauren acabava de ordenar a entrada do último ferido da briga no bar.

Uma enfermeira estagiária pediu-lhe que examinasse um paciente. Deveria ter olhado a tabela de horários, explodiu Lauren, para comprovar que seu plantão terminava às 2 da manhã. Eram quase 3, era impossível que a pessoa à qual estivesse se dirigindo a jovem enfermeira fosse Lauren. Emily Smith a olhou com expressão contrita.

— Está bem, vamos, em que cabina está o enfermo? — perguntou, seguindo-a, resignadamente.

O menino se queixava de dor de ouvido e tinha febre muito alta.

Lauren o examinou e diagnosticou otite aguda.

Prescreveu uma receita e pediu a Betty que ajudasse a jovem estagiária a ministrar os cuidados necessários. Esgotada, finalmente saiu da Emergência, sem tempo sequer para tirar a bata.

Enquanto atravessava o estacionamento deserto, Lauren sonhava com um banho, um edredom e um grande travesseiro. Consultou seu relógio; seu próximo plantão começaria dentro de dezesseis horas. Seria necessário dormir o dobro, para resistir até o final de semana.

Sentou-se por detrás do volante e colocou o cinto.

O veículo entrou na Avenida Potrero e virou na rua Vinte e Três.

Gostava de dirigir em São Francisco durante a noite, quando a cidade estava calma, e era toda para ela. O asfalto desfilava sob as rodas do carro. Ligou o rádio e colocou a terceira. O Triumph avançava sob a abóboda estrelada de um céu magnífico.

A Prefeitura estava consertando encanamentos no cruzamento de McAllister Street e o trânsito estava impedido. O chefe da obra inclinou-se até a porta do Triumph; faltavam apenas uns minutos para sua equipe terminar. A rua era de sentido único e Lauren pensou em dar ré, mas desistiu quando viu um carro de polícia sinalizando o local.

Viu a silhueta do Hospital Mission San Pedro refletida no retrovisor, já que o edifício estava a dois blocos de casas às suas costas.

O motorista fechou a lona do caminhão municipal antes de subir para a cabina. Em um dos lados do veículo, um anúncio sobre prevenção nas estradas, prevenia o cidadão: “Basta um segundo de negligência... “.

O policiou fez sinal a Lauren indicando-lhe que já podia passar e se colou entre as máquinas da obra, que estavam abandonando o centro da rua para reagruparem-se junto ao passeio. Mas no semáforo, a jovem mudou a direção. Imediatamente, recordou que jamais tinha conhecido um estudante mais convencido do que Brisson.

Apoiado no vidro que dava para o estacionamento, Paul refletia. Uma ambulância com as siglas do centro hospitalar e as luzes apagadas parou num lugar reservado aos veículos de emergência. O motorista desceu, fechou a porta com chave e entrou no vestíbulo do hospital. Depois de cumprimentar a enfermeira de plantão, deixou seu chaveiro pendurado na parede da guarita. Cybile entregou-lhe a chave da sala de pesquisas, ele agradeceu e foi se deitar numa das cabines desocupadas.

Paul estava olhando a ambulância do outro lado do vidro quando um Triumph verde estacionou ao lado desta.

Reconheceu de imediato a jovem que, com passo decidido, se dirigia para a entrada de Emergência. Viu-a dar meia volta, tirar a bata e colocá-la no porta-malas do carro. Instantes depois, entrava no vestíbulo. Paul foi ao seu encontro.

— Doutora Kline, suponho...

— Foi você quem me chamou?

— Sim, como você sabe?

— Não há mais ninguém aqui. E você, como soube quem eu era?

Desconfortado, Paul cravou o olhar na ponta dos sapatos.

— Fiquei duas horas rogando a todos os deuses da terra que alguém viesse me ajudar, e você foi o primeiro Messias que se apresentou. Vi quando você tirou a bata no estacionamento.

— Brisson está por aqui? — quis saber Lauren.

— Não anda muito longe, está lá em cima.

— E seu amigo?

Paul apontou a primeira cabine por trás da guarita da enfermeira.

— Vamos lá! — disse Lauren, arrastando-o.

Mas Paul vacilou. Em sua altercação com Brisson este o tinha proibido de cruzar a linha amarela na entrada do corredor, sob pena de fazer com que a polícia o expulsasse. Perguntava-se, se em caso de infração, Cybele executaria a sentença. Lauren suspirou; aquela atitude de pequeno sargento se encaixava muito bem com o interno que ela conhecera no quarto ano da faculdade. Falou para Paul que não complicasse mais a situação; iria só ao seu encontro e se apresentaria como noiva do paciente.

— Me deixarão passar — tranquilizou-o.

— Ao menos será melhor que você procure chamá-lo por seu nome; o de “paciente” poderia despertar suspeitas.

Paul temia que Brisson desconfiasse.

— Fazem muitos anos que não nos temos visto, e levando em conta o tempo que ele passa contemplando-se a si mesmo, duvido que reconhecesse o rosto de sua própria mãe.

Lauren apresentou-se na guarita de Cybile. A enfermeira deixou seu livro e saiu de sua cabine de vidro.

O lugar que estava atrás só era permitido ao corpo médico. Mas, em vinte anos de carreira tinha adquirido um olfato infalível: que a jovem a quem estava acompanhando à cabine fosse ou não noiva do paciente, pouco importava. Antes de tudo, era uma médica. Brisson não poderia repreendê-

la. Lauren entrou no aposento onde Arthur estava descansando. Estudou os movimentos da caixa torácica. A respiração era lenta e regular, e a cor da pele, normal.

Com o pretexto de pegar a mão do noivo, Lauren tomou seu pulso. O coração batia mais lento que no exame anterior. Se conseguisse tirá-lo dali, faria um eletrocardiograma de controle, por bem ou à força.

Aproximou-se do painel luminoso onde estavam colocadas as radiografias do crânio. Perguntou a Cybile se eram “as fotos” do cérebro de seu prometido as que estavam expostas na parede.

Cybile a olhou, em dúvida, e ergueu os olhos para o céu.

— Vou deixá-la com seu “prometido”; suponho que necessitarão de maior intimidade.

Lauren agradeceu imensamente.

No umbral da porta, a enfermeira virou-se e olhou para Lauren de novo.

— Você pode estudar as chapas mais de perto, doutora; só aconselho que termine seu exame antes que Brisson volte. Não quero ter problemas. Espero que você seja melhor médica do que atriz.

Lauren ouviu seus passos pelo corredor. Aproximou-se para estudar as placas, atentamente. Brisson era ainda mais inútil do que havia imaginado. Um bom interno teria suspeitado de um derrame hemorrágico na parte posterior do cérebro. O homem que jazia na cama devia ser operado o quanto antes; inclusive, duvidada que o cérebro já não tivesse sido afetado pelo tempo perdido. Para confirmar seu diagnóstico, tinha que praticar-lhe um scanner com a maior urgência.

Brisson entrou na guarita de Cybile com as mãos nos bolsos da bata.

— Ele ainda está aí? — surpreendeu-se, apontando Paul que estava sentado num sofá do outro lado do corredor.

— Sim, e seu amigo ainda está na cabina, doutor.

— Acordou?

— Não, porém, respira com normalidade e seus sinais são estáveis: acabo de comprovar.

— Você crê que há risco de hematoma intracraniano? — quis saber Brisson com voz débil.

Cybile procurou entre seus papéis para não cruzar o olhar com o do médico; sua fé no gênero humano se aproximava do limite do tolerável.

— Sou somente uma enfermeira, e você sempre me lembra desta minha posição, o suficiente, desde que trabalha conosco, doutor.

Brisson adotou de imediato uma atitude mais segura.

— Não seja insolente! Posso fazer com que a transfiram quando quiser! Este sujeito só está inconsciente e vai se recuperar. De manhã, vamos fazer um scanner, por precaução. Preencha-me uma ficha de remoção e procure um scanner livre numa clínica do bairro ou em um centro de radiodiagnóstico. Diga que o doutor Brisson em pessoa, deseja que o exame se realize à primeira hora.

— Não deixarei de mencionar — resmungou Cybile.

Enquanto avançava pelo corredor, ouviu que a enfermeira gritava que tinha autorizado a companheira do paciente que o visitasse na sala de reconhecimento.

— Sua mulher está aí? — perguntou Brisson, dando a volta.

— Sua noiva!

— Não guinche deste modo, Cybile, estamos num hospital!

— Só estamos nós, doutor — disse Cybile —. Afortunadamente — murmurou quando Brisson se afastou.

A enfermeira voltou à sua guarita. Paul ficou olhando para ela, que encolheu os ombros. Ouviu que a porta da cabina onde estava Paul se fechava por trás dos passos do interno.

Ficou em dúvida alguns segundos e logo se levantou para cruzar, com passo resolutivo, a famosa linha amarela.

Brisson se apresentou à jovem que estava sentada no banco ao lado de seu noivo.

— Oi, Lauren. Faz muito tempo.

— Você não mudou nada — respondeu ela.

— Você tampouco.

— O que você está fazendo com este paciente?

— E o que você tem com isso? Há poucos pacientes no Memorial?

— Eu vim porque este homem foi meu paciente esta tarde; talvez lhe pareça desconcertante, mas alguns de nós estamos neste trabalho por amor à Medicina.

— Você quer dizer que lhes dá medo ter problemas por que talvez tenham subestimado o estado clínico de um ferido antes de permitir que ele abandonasse o seu serviço.

A voz de Lauren subiu um tom e sua voz ecoou pelo corredor.

— Você está errado, mas o parecer não será pior do que o erro mais grave que você cometeu esta noite. Estou aqui porque o amigo dele me pediu ajuda, inclusive por telefone, e dei-me conta de que você errou o diagnóstico.

— Por acaso você quer me pedir algo e por isso está se mostrando tão amável?

Pedir não, mas aconselhá-lo! Vou telefonar ao Memorial para que me mandem uma ambulância para transportar este homem, que seguramente deverá ser submetido a uma punção intracraniana no prazo mais breve. Você vai me deixar intervir, e, em contrapartida, eu o deixarei modificar as informações no seu exame. Como se você mesmo tivesse prescrito a transferência, assim, seu chefe vai felicitá-lo. Pense bem: um paciente salvo não pode trazer qualquer dano à sua carreira.

Brisson teve um choque, avançou até Lauren e lhe tirou das mãos as placas de radiografias.

— É o que dá a entender, que seu estado de saúde justificava semelhante gasto. Mas não é o caso, ele está bem e vai acordar amanhã de manhã com uma enxaqueca espantosa. Contudo, eu a autorizo a sair do meu hospital e a regressar ao seu.

— Este lugar é pouco mais do que um dispensário! — replicou Lauren.

Arrancou uma radiografia das mãos de Brisson e a colocou na placa luminosa. A imagem fora tomada de frente. Delimitou a epífises calcificada. A pequena glândula deveria encontrar-se perfeitamente ajustada à linha mediana que delimita os dois hemisférios do cérebro, mas naquela imagem aparecia deslocada. Fazia presumir uma compressão anormal na parte posterior do cérebro.

— Você não é capaz de interpretar esta anomalia? — continuou ela, gritando.

— Isso é só um defeito da película: o aparelho móvel é de má qualidade — disse Brisson, com voz de um menino a quem tivessem surpreendido com a mão dentro do tacho de marmelada.

— A epífises está deslocada da linha mediana, e a única explicação possível é a formação de um hematoma parieto-occipital. Sua cabeça dura vai matar este homem e eu juro que farei com que você o lamente.

Brisson se apaziguou, cheio de orgulho, e avançou até Lauren, obrigando-a a retroceder até a porta da cabina.

— Primeiro, você terá que justificar sua intromissão neste lugar, e sua presença numa cabina na qual você não tem autoridade nem legitimidade. Dentro de cinco minutos chamo os policiais para que a expulsem daqui, a menos que você queira ir a algum lugar tomar café comigo. Está uma noite calma, posso ausentar-me um pouco.

Lauren olhou o residente de cima para baixo, com os lábios trêmulos de cólera. Apoiado na parede, com o braço negligentemente pousado no ombro dela, Brisson aproximou seu rosto. Ela o empurrou.

— Na faculdade, Patrick, você já transpirava sensualidade e anseios. A pessoa a quem mais você decepcionou na sua vida foi você mesmo, e decidi fazer com que os demais paguem. Se você continuar assim, este homem ficará numa cadeira de rodas, na melhor das consequências.

Com um gesto brutal, Brisson a empurrou até a porta.

— Saia daqui antes que eu faça com que a detenham. Vá embora e mande lembranças minhas para Fernstein; diga-lhe que apesar de seus severos juízos, estou indo muito bem. E quanto a ele — disse, apontando para Arthur — fica aqui; é meu paciente!

As veias de Brisson sobressaíam de raiva. Lauren tinha recuperado a calma. Colocou uma mão compassiva sobre o ombro do interno.

— Deus, como me compadeço dos que rodeiam você; eu lhe suplico, Patrick: se todavia ainda resta em você um rasgo de humanidade, permaneça solteiro.

Paul entrou bruscamente, com os olhos cheios de emoção. Brisson sobressaltou-se.

— Acabo de ouvi-los dizer que Arthur vai ficar paralítico?

Olhava Brisson com um irresistível desejo de estrangulá-lo, quando apareceu a enfermeira Cybile. Desculpou-se com o médico: tinha feito todo o possível para reter Paul, mas não tinha a força física necessária para impedi-lo de entrar no corredor.

— Desta vez foram demasiado longe. Cybile, chame a polícia agora mesmo! Vou fazer uma denúncia.

Brisson regozijava-se e a enfermeira se aproximou, tirou a mão do bolso e deslizou algo na de Lauren. A jovem interna identificou o objeto, de imediato, e compreendeu as intenções da enfermeira. Agradeceu, com o rabo dos olhos, e, sem vacilar, cravou a seringa no pescoço de Brisson e apertou o êmbolo.

O residente a olhou, estupefato, e retrocedeu tentando tirar a agulha da nuca, mas era demasiado tarde e o solo rodava sob seus pés. Lauren deu um passo adiante para impedi-lo de cair.

— Valium e Hypnovel! Uma grande viagem o espera — notificou Cybile, humildemente.

Ajudada por Paul, Lauren ajeitou Brisson no chão.

“Já não era um neón o que estava pendurado no teto, mas um pequeno avião preso a um carrossel. Por que seu pai não queria que ele montasse nos cavalinhos? Na sua cabine de feirante, os meninos se divertem e ele tem que ficar ali, jogando areia. Porque um monte de areia não custa nada.

Trinta centavos de volta é muito dinheiro. Que preço tem que se pagar para subir até as estrelas?”

Lauren colocou a coberta que lhe deu Cybile embaixo da cabeça de Brisson.

“Que bonita é a mulher na minha frente, com seu rabo de cavalo, as maçãs de seu rosto e seus olhos reluzentes. Apenas olha para mim.

Desejar não é crime. Quisera que ela subisse no avião comigo. Deixaria meus pais nesta mediocridade que os tranquiliza mutuamente. Odeio toda esta gente que me rodeia, rindo-se por qualquer motivo e divertindo-se com tudo. É noite.”

— Está dormindo? — sussurrou Paul.

— Tem toda a pinta — respondeu Lauren, que estava tomando o pulso de Arthur.

— Que faremos agora?

— Vai durar cerca de meia hora; eu preferiria que seu amigo não estivesse mais aqui, quando ele despertar: estará com enorme mal humor. Vamos sair os três. Irei pegar meu carro, colocaremos seu amigo na parte de trás e iremos voando ao Memorial. Não podemos perder um minuto sequer.

Saiu do aposento. A enfermeira desatou os cintos da cama onde Arthur repousava e Paul ajudou a empurrá-la para fora da cabina, com cuidado para não pisar nos dedos de Brisson, que dormia no chão. As rodas chiaram sobre o linóleo do vestíbulo. Paul o abandonou rapidamente.

Lauren fechou o porta-malas do Triumph e surpreendeu-se ao ver Paul atravessando o estacionamento apressadamente. Passou diante dela gritando: “Já vou!” e continuou sua corrida. Ela vestiu a bata enquanto o via distanciar-se, perplexa.

— Paul, na verdade não é momento de...

Minutos mais tarde, uma ambulância parou diante dela. A porta do copiloto se abriu e Paul, sentado no lugar do motorista, recebeu-a com um grande sorriso.

— Posso levá-la?

— Você sabe dirigir esta máquina? — perguntou ela, entrando.

— Sou um especialista!

Pararam em frente à entrada. Cybile e Paul colocaram Arthur na maca, na parte posterior da ambulância.

— Ficaria encantada se pudesse acompanhá-los — suspirou Cybile, mostrando-se na janela de Paul.

— Obrigado por tudo — ele disse.

— De nada. Ficarei sem trabalho, mas poucas vezes, me diverti tanto. Se todos os seus plantões forem assim, me chamem: vou ter muito tempo livre.

Paul tirou um chaveiro do bolso e o entregou à enfermeira.

— Tranquei a porta da cabina, pois de repente, ele acorda antes da hora.

Cybile pegou as chaves, sorrindo.

Deu uma batidinha na porta, como quem dá uma palmada na garupa de um cavalo, para ordenar que ele marche.

Só no estacionamento deserto, diante da maca, Cybile viu como a ambulância dobrava a esquina da rua. Deteve-se diante das portas automáticas. Sob seus pés, uma trave metálica possibilitava a drenagem da água da chuva.

Pegou as chaves que Paul lhe devolvera e deixou que caíssem de suas mãos.

— Com meu carro, seríamos mais discretos — disse Lauren.

— Mas você disse que não havia um minuto a perder! — objetou Paul, acendendo as luzes giratórias da ambulância.

Iam a toda velocidade; se tudo corresse bem, chegariam ao Memorial Hospital em quinze minutos.

— A noite se vai! — exclamou Lauren.

— Você acredita que Arthur se recordará de algo?

— Vários fragmentos de consciência se misturam uns aos outros. Não posso garantir que o conjunto forme uma série coerente.

É perigoso despertar as lembranças de alguém que permaneceu em coma longo tempo?

— Por que iria ser perigoso? — Perguntou Lauren —. O estado de coma é consequência de traumatismos cranianos, esteja ou não danificado o cérebro. Também acontece que alguns pacientes fiquem em coma, sem que saibamos o motivo. A medicina, entretanto, ignora muitas coisas no que diz respeito ao cérebro.

— Você fala dele como de um carburador de automóvel.

Divertida, Lauren pensou no seu Triumph, que havia abandonado no estacionamento, e rezou para não cruzar com Brisson quando fosse pegá-lo. Ele seria capaz de dormir dentro do seu automóvel até que ela voltasse.

— Quero saber, se alguém tenta estimular a memória de alguém que já esteve em coma, o faz correr algum risco?

— Não há porque confundir a amnésia com o coma: não têm nada a ver. É comum, uma pessoa não se recordar dos acontecimentos anteriores ao impacto, por estar inconsciente. Mas se a perda da memória se estende a um período maior, indica outro transtorno, ao qual denominamos amnésia e que tem suas próprias causas.

Enquanto Paul refletia, Lauren voltou-se e olhou Arthur.

— Seu amigo ainda não está em coma, somente inconsciente.

Você acredita que uma pessoa possa se recordar do que sucedeu enquanto estava em coma?

— Como ruídos ambientais, por exemplo? É parecido quando alguém está adormecido, mas, trata-se de um sono mais profundo.

Paul refletiu mil vezes antes de decidir-se a fazer a pergunta que ardia em seus lábios.

— E se fosse sonâmbulo?

Intrigada, Lauren o fitou. Paul era supersticioso e uma vez fez lembrar-se de que havia jurado guardar um segredo. Seu melhor amigo estava deitado na maca, inconsciente, assim foi que, a contragosto, colocou um fim às suas perguntas.

Lauren virou-se outra vez. A respiração de Arthur era boa e regular. Se as radiografias do crânio não tivessem sido de tão mal presságio, poderiam acreditar que ele dormia tranquilamente.

— Parece que está bem — disse ela.

Ah, é um grande sujeito. Ainda que às vezes me perturbe de manhã até à noite!

— Eu me referia ao seu estado de saúde! Vendo os dois juntos, parecem amigos de longa data.

— Somos como irmãos — disse Paul.

— Você não quis avisar à noiva dele? Refiro-me à verdadeira...
Está solteiro, e, sobretudo, não me pergunte o motivo.

— Por quê?

— Tem um dom para meter-se em situações complicadas.

— Por exemplo?

Paul olhou fixamente para Lauren. Era certo que o sorriso de seus olhos era único.

— Deixe-o correr! — ele disse, sacudindo a cabeça.

— Gire à direita, por aí estão fazendo obras — continuou Lauren —.
Por que você me fez todas essas perguntas sobre o coma?

— Para saber.

— Qual sua profissão?

— Sou arquiteto.

— Como ele?

— Como você o sabe?

— Ele me disse esta tarde.

— Fundamos juntos nosso escritório. Você deve ter uma memória muito boa para lembrar-se da profissão de todos os seus pacientes.

— A arquitetura é um bonito trabalho — disse Lauren.

— Isso depende dos clientes.

— Para nós é quase igual — disse ela, rindo-se.

A ambulância estava se aproximando do hospital. Paul fez soar a sirena um momento e se apresentou na rampa reservada aos veículos de emergência. O segurança levantou a barreira.

— Adoro os tratamentos especiais — regozijou-se.

— Pare debaixo da marquise, buzine novamente para que os enfermeiros venham buscar seu amigo.

— Que luxo!

— Não é mais do que um hospital.

Parou o furgão no lugar designado por Lauren. Dois enfermeiros já vinham ao seu encontro.

— Vou com eles — disse Lauren —. Você, estacione, e nos encontraremos mais tarde na sala de espera.

— Obrigado por tudo o que você está fazendo — disse Paul.

Ela abriu a porta e desceu.

— Alguém próximo a você esteve em coma?

Paul a olhou fixamente.

— Muito próximo! — respondeu.

Lauren entrou em Emergências escoltando a maca.

— A verdade é que vocês dois têm uma curiosa maneira de conviver.

Os dois estão destinados a se entenderem! Murmurou, enquanto ela se afastava pelo vestibulo.

Capítulo 10

As rodas da maca giravam tão depressa que os cubos tremiam sobre seu eixo. Lauren e Betty abriam caminho pelos corredores cheios da Emergência. Se esquivaram dos primeiros socorros, por pouco, e o encontro, numa curva com um grupo de enfermeiros conduzindo macas, que vinha pela frente revelou-se o mais perigoso. No teto, lâmpadas de néon estendiam-se em um traço contínuo de cor leitosa. Mais além, o som de um elevador parando. Lauren gritou que a esperassem. Acelerou, mais ainda, o passo, enquanto Betty a ajudava da melhor forma a manter a maca em linha reta. Um plantonista de otorrinolaringologia que estava segurando as portas do elevador as ajudou a se acomodarem entre outras duas camas que subiam ao centro cirúrgico.

— Scanner! — gritou Lauren.

Uma enfermeira apertou o botão do quinto andar. Retomou sua louca velocidade, de corredor em corredor, onde as portas batiam quando passava. A unidade de scanner, enfim estava à vista. Quase sem fôlego, Lauren e Betty juntaram suas últimas forças.

— Sou a doutora Kline, avisei sobre nossa chegada ao técnico de radiologia, necessito uma tomografia craniana agora mesmo.

— Estávamos aguardando você — respondeu Lucie —, tem o histórico do paciente?

A papelada podia esperar; Lauren colocou a maca na sala de pesquisa, e, de sua cabina de controle, isolada, o doutor Bern se inclinou sobre o micro.

— O que estamos procurando?

— Uma possível hemorragia no lóbulo occipital. Necessito de uma série de imagens para uma punção intracraniana.

— Você vai operar esta noite? — perguntou Bern, surpreso.

— Em menos de uma hora, se conseguir reunir uma equipe.

— Você avisou Fernstein?

— Ainda não — murmurou Lauren.

— Mas suponho que ele aprove estas tomografias de urgência...

— Evidentemente — mentiu Lauren.

Ajudada por Betty, instalou Arthur sobre a mesa de pesquisa e ajustou o suporte da cabeça. Betty injetou a solução iodada enquanto o operador

iniciava os protocolos de captação de seu Terminal. Com um sussurro apenas audível, a mesa avançou até o centro do anel. O estativo efetuou suas primeiras rotações enquanto a coroa de detectores girava ao redor da cabeça de Arthur. Os raios X captados eram transmitidos a uma cadeia informática que recompunha a imagem de seu cérebro em diferentes camadas.

As primeiras imagens já apareciam nas telas do operador. Confirmavam o diagnóstico de Lauren e desmentiam o de Brisson: Arthur devia ser operado imediatamente. A veia lesada tinha que ser suturada o quanto antes para reduzir o hematoma no interior da cavidade craniana.

— Em sua opinião, quais as possibilidades de recuperação? — perguntou Lauren a seu colega, falando através do micro da sala do scanner.

— Você é a plantonista de neurocirurgia! Mas se você quer meu prognóstico, eu diria, que se você operar em uma hora, nada se perde. Não vejo qualquer lesão importante, ele respira bem, os centros neurofuncionais parecem intactos... Pode sair bom.

O radiologista fez um sinal para que Lauren se reunisse a ele na cabina. Apontou com o dedo uma zona do cérebro que aparecia na tela.

— Gostaria que você olhasse esta camada mais de perto — disse --: parece-me que aqui temos uma pequena e rara má-formação, vou completar os exames com uma ressonância magnética. Enviarei as imagens pelo Dicom e você poderá recuperá-las diretamente no neuronavegador. Quase poderia deixar que o robô operasse por você.

— Obrigada por tudo.

— Está uma noite tranquila, e suas visitas sempre me agradam.

Um quarto de hora depois, Lauren abandonava o departamento de radiologia, conduzindo Arthur ao último andar do hospital. Betty a deixou diante dos elevadores: tinha que voltar à Emergência. De lá, faria todo o possível para reunir uma equipe cirúrgica no mais breve prazo.

O centro cirúrgico estava escuro; na parede, o relógio fluorescente marcava três horas e quarenta minutos.

Lauren tratou de instalar Arthur na mesa de operações, mas, sem ajuda, não conseguiu. Já estava farta daquela vida, daqueles horários, de estar sempre à disposição de todo mundo, enquanto que jamais alguém estava ali para ajudá-la. Viu o sinal novamente e precipitou-se ao telefone da parede. Betty atendeu de imediato.

— Consegui Norma, ainda que eu própria não acredite. Ela se encarrega de trazer Fernstein.

— Você acha que ela vai demorar a encontrá-lo?

— Se o apartamento de Fernstein for tão perto como dizem, demorará cinco minutos.

— Assim, Norma e Fernstein...?

— Você me pediu que eu o encontrasse em plena madrugada e o fiz! E pedi que ele fale diretamente com você: tenho os tímpanos delicados. Desligo, estou procurando um anestesista.

— Você acha que ele virá?

— Eu diria que está a caminho. Você é sua protegida, só você não vê.

Betty desligou e procurou em sua agenda pessoal um médico anestesista que morava não muito longe do hospital e cuja noite dispunha-se a sacrificar. Lauren colocou o aparelho lentamente no gancho. Olhou para Arthur que dormia um sono falso sobre a maca.

Ouviu passos atrás de si. Paul se aproximou da cama e pegou a mão de seu amigo.

— Você acredita que ele sairá desta? — perguntou com voz angustiada.

— Faço tudo o que está em minhas mãos, mas sozinha não posso fazer grande coisa. Estou esperando a cavalaria e me sinto muito cansada.

— Não sei como agradecer — murmurou Paul —. Ele é a única coisa que coloco acima de minhas possibilidades.

Ante o silêncio de Lauren, Paul acrescentou que não podia permitir-se perdê-lo.

Lauren o olhou fixamente.

— Venha ajudar-me: cada minuto é importante!

Arrastou Paul até a sala de preparação, abriu o armário central e pegou duas batas verdes.

— Estenda os braços — disse.

Amarrou os cordões nas costas e colocou um gorro na cabeça de Paul. Enquanto o arrastava até a pia, mostrou-lhe como lavar as mãos e o ajudou a colocar as luvas esterilizadas. Enquanto Lauren se vestia, Paul contemplou-se no espelho. Achava que estava muito elegante com aquela roupa de cirurgião. Se não tivesse um tremendo horror ao sangue, ficaria maravilhado.

— Quando você terminar de se admirar no espelho, venha dar-me uma mãozinha, — disse Lauren, com os braços estendidos.

Paul a ajudou a preparar-se, e quando os dois estavam com seus trajes, seguiu-a ao interior do centro cirúrgico. Ele, que se orgulhava da alta tecnologia dos equipamentos em seu escritório de arquitetura, ficou maravilhado vendo a quantidade de aparelhos eletrônicos. Aproximou-se do neuronavegador para acariciar o teclado.

— Não toque nisso! — gritou Lauren.

— Só estava olhando...

Olhe com os olhos, e não com os dedos! Você não tem o direito de estar aqui, e se Fernstein me vir nesta sala com você, vai me esganar...

—... duas horas de castigo — ouviu-se a voz do velho professor, surgida de um alto-falante. —. Você decidiu sabotar sua carreira para tirar a minha alegria ou está agindo inconscientemente?

Lauren virou-se. Fernstein estava olhando-a da sala do pré-operatório, do outro lado do vidro.

Foi você quem me fez prestar o juramento de Hipócrates! Só respeito meus compromissos, é tudo! — contestou Lauren. No intercomunicador, Fernstein inclinou-se e apertou o botão do micro para dirigir-se àquele “médico” a quem não conhecia.

— Eu a fiz jurar que doaria o corpo à medicina; penso que, quando as gerações futuras estudarem seu cérebro, a ciência fará grandes progressos na compreensão do fenômeno da cabeça dura.

— Não se preocupe: desde que você me salvou na mesa de operações, pensa que sou sua criatura! — replicou Lauren, dirigindo-se a Paul e ignorando totalmente Fernstein.

Pegou uma lâmina de barbear esterilizada de uma caixa e um par de tesouras, recortou a camisa de Arthur e jogou os pedaços numa lixeira. Paul não pode reprimir uma risada ao vê-la barbear o torso de Arthur.

Quando despertar, vai ficar encantado com este corte! — disse.

Lauren colocou os elétrodos nos pulsos, nos tornozelos e em sete pontos ao redor do coração de Arthur. Conectou os cabos elétricos ao eletrocardiógrafo e comprovou o bom funcionamento da máquina. Um traço regular apareceu na tela verde fluorescente.

Converti-me em seu brinquedo! Me dá bronca se fico horas em demasia, me dá bronca se não estou no andar indicado no momento preciso, me dá bronca se não tratamos enfermos em grande quantidade na Emergência, me

dá bronca porque entrei muito depressa no estacionamento... Até me dá bronca se minha cara não está boa! O dia que estudarem seu cérebro, a medicina dará um grande passo na compreensão do machismo dos médicos.

Paul pigarreou, incomodado. Fernstein convidou Lauren a reunir-se com ele.

— Estou num local esterilizado — protestou ela— ; e já sei o que você quer me dizer!

— Você acredita que me levantei no meio da noite, pelo simples prazer de dar-lhe uma reprimenda? Gostaria de falar com você sobre o protocolo operatório; Desça depressa, é uma ordem!

Lauren fez retirou suas luvas e saiu do centro cirúrgico, deixando Paul a sós com Arthur.

— Quem é o anestesista? — perguntou ela enquanto a porta da sala se fechava.

— Creio que fosse esse médico que estava com você!

— Não, não é ele — murmurou Lauren, olhando a ponta dos sapatos.

— Norma vai se ocupar disso, chegará em poucos minutos. Enfim, você conseguiu reunir uma equipe de primeira em plena noite; diga-me que não se trata de uma apendicite.

Os traços de Lauren ficaram relaxados e apoiou uma mão no ombro de seu velho professor.

— Punção intracraniana e redução de um hematoma subdural.

— Quando teve a primeira hemorragia?

— Às sete da tarde, com um provável aumento de intensidade até as nove, consequência da absorção de uma forte dose de aspirina.

Fernstein consultou o relógio; eram quatro da madrugada.

— Qual o seu prognóstico de recuperação?

— O radiologista está otimista.

— Não pedi a opinião dele, mas a sua!

— Não sei, mais meu instinto me diz que vale a pena despertá-lo.

— Pois se não o tirarmos desta, maldirei seu instinto. Onde estão as chapas?

— No neuronavegador, os perímetros dos campos operatórios estão estabelecidos e o enviamos pelo Dicom. O ecógrafo está aceso, e inicializados os protocolos operativos.

— Bem, deveremos poder operar em um quarto de hora. Ele poderá resistir? — Perguntou o professor enquanto colocava a bata.

— Concretize a pergunta! — desafiou-o Lauren, amarrando-lhe os cordões nas costas.

— Refiro-me ao seu cansaço.

— Você está obcecado com isto! — protestou ela, pegando outro par de luvas esterilizadas no armário.

— Se eu dirigisse uma companhia aérea, me importaria com a capacidade de alerta de meus pilotos.

— Não se preocupe, tenho os pés no chão.

— E quem é o cirurgião da sala de operações? Não o reconheço debaixo do gorro — disse Fernstein enquanto lavava as mãos.

— É uma longa história — disse ela, chateada —; ele já vai, só veio me ajudar.

— Qual a especialidade dele? Não sobrarão ninguém esta noite, toda ajuda será bem-vinda.

— É psiquiatra!

Fernstein ficou desconcertado. Norma entrou na sala de pré-operatório. Ajudou o professor a colocar as luvas e ajustou sua bata. A enfermeira contemplou o velho professor, orgulhosa de sua elegância. Fernstein se aproximou do ouvido de sua aluna e murmurou:

— Creio que, à medida que envelheço, fico parecido com Sean Connery.

E Lauren pode ver o sorriso sob a máscara do cirurgião.

O doutor Lorenzo Granelli, anestesista renomado, fez uma entrada ruidosa. Instalado na Califórnia vinte anos atrás, titular de uma cadeira no centro hospitalar universitário, jamais tinha largado o sotaque elegante e musical de suas origens venezianas.

— E então? — exclamou, com os braços bem abertos —. Qual é a urgência que não pode esperar?

A equipe entrou no centro cirúrgico. Para grande surpresa de Paul, cumprimentaram-no, chamando-lhe de doutor. Lauren sugeriu, firmemente com o olhar, que saísse dali, mas quando se dirigia para a saída, o anestesista pediu-lhe que o ajudasse a colocar a bolsa de perfusão. Granelli, olhou, perplexo, o suor que escorria na frente de Paul.

— Um passarinho me disse que você já entrou com calor, estimado colega.

Paul contestou com um movimento de cabeça e pegou, trêmulo, a bolsa de plasma. Lauren, por sua vez, expôs rapidamente a situação ao resto

da equipe, enquanto ia comentando as imagens na tela do computador.

— Pedirei uma nova ecografia, quando tivermos reduzido a pressão intracraniana.

Fernstein se afastou da tela para aproximar-se do paciente. Ao descobrir o rosto de Arthur, retrocedeu um passo e deu graças aos céus por estar com a máscara cirúrgica que dissimulava sua expressão.

— Está tudo? — perguntou Norma, que notou o nervoso do professor.

Fernstein se aproximou da mesa de operações.

— Como este jovem chegou aqui?

— É uma história que vai lhe parecer difícil de acreditar — respondeu Lauren com voz apenas audível.

— Tenho todo o tempo do mundo — insistiu ele, ocupando seu posto por trás do neuronavegador.

Lauren explicou o caótico processo que tinha conduzido Arthur pela segunda vez ao setor de Emergência do Hospital Memorial e que o tinha retirado das desventuradas mãos de Brisson.

— Por que não fez um controle neurológico exaustivo quando o examinou pela primeira vez? — Perguntou Fernstein, comprovando o bom funcionamento de seu aparelho.

— Não havia traumatismo craniano, nem perda de conhecimento, e o equilíbrio neuromotor era satisfatório. A ordem é que limitemos os exames inutilmente caros...

— Você nunca respeitou os regulamentos, não me diga que de repente tenha decidido acatá-los hoje. Por ser a primeira vez, você não teve muita sorte!

— Não havia qualquer motivo para preocupar-me.

— E Brisson...

— Fiel a si mesmo — replicou Lauren.

— Permitiu que você levasse seu paciente?

— Não de todo...

Paul simulou um incrível acesso de tosse. Toda a equipe ficou olhando para ele. Granelli abandonou seu posto e deu umas palmadas nas suas costas.

— Está seguro de que se encontra bem, estimado colega?

Paul tranquilizou o anestesista com um movimento de cabeça e se afastou dele.

— É uma excelente notícia! — Exclamou Granelli —. Agora, eu lhe digo, confidencialmente, se você puder evitar esparramar seus bacilos por toda a sala, o corpo médico do qual faço parte ficaria infinitamente agradecido. Falo em nome deste estimado paciente, que já sofre diante da ideia de que você se aproxime dele.

Paul, que tinha a sensação de que um formigueiro tinha decidido alojar-se em suas pernas, aproximou-se de Lauren e suplicou, ao seu ouvido:

— Tire-me daqui antes que isto comece. Não suporto a visão de sangue!

— Faço o que posso — sussurrou a jovem interna.

— Minha vida se transforma em um calvário cada vez que vocês dois se juntam. Se um dia pudessem ver como todo mundo faz, estaria para lá de bom.

— Do que você está falando? — perguntou Lauren, desconcertada.

— Eu já me entendo! Encontre o modo que eu posso sair deste lugar, antes que desmaie.

Lauren se afastou de Paul.

— Está pronto? — perguntou a Granelli.

— Mais pronto seria quase impossível, querida, só espero o sinal — respondeu o anestesista.

— Mais uns minutos— anunciou Fernstein.

Lauren colocou o lençol operatório sobre a cabeça de Arthur, cujo rosto desapareceu sob a tela verde.

Fernstein quis rever as placas mais uma vez e voltou-se até o painel luminoso, mas estava limpo de qualquer imagem. Censurou Lauren com o olhar.

— Ficaram do outro lado, sinto muito.

Lauren saiu para ir buscar as chapas da ressonância magnética. A porta do centro se fechou enquanto Norma dirigia a Fernstein um sorriso cúmplice.

— Tudo isto é inadmissível — disse, pegando as pontas do neuronavegador —. Nos acorda em plena noite, ninguém é avisado desta intervenção, apenas temos tempo de nos preparar... O hospital deve ter, pelo menos, certos protocolos que devam ser respeitados!

— Mas, estimada colega — exclamou Granelli —, o talento se expressa com frequência na espontaneidade do imprevisto.

Todos os rostos se voltaram para o anestesista. Granelli pigarreou.

— Enfim, ou algo para o estilo, não?

As portas da sala de pré-operatório onde Lauren estava recolhendo os últimos informes das análises, abriram-se bruscamente. Um agente uniformizado precedia a um inspetor de polícia. Lauren reconheceu de imediato o médico com bata que a apontava com o dedo.

— É ela, detenha-na agora mesmo!

— Como chegaram até aqui? — perguntou Lauren, estupefata, ao policial.

— Parece-me que havia uma emergência, e o trouxemos conosco — respondeu o inspetor, referindo-se a Brisson.

Vim acusá-la de tentativa de assassinato, sequestro de um médico no exercício de suas funções, rapto de um de seus pacientes e roubo de uma ambulância!

— Se me permite, doutor, eu mesmo farei meu trabalho — replicou o inspetor Erik Brame, dirigindo-se a Brisson.

Perguntou a Lauren se reconhecia os fatos. Ela aspirou fundo e jurou que só havia agido no interesse do ferido.

Tratava-se de um caso de legítima defesa...

O inspetor Brame sentia muito, não era de sua alçada julgar tal fato, mas não tinha outro jeito a não ser algemá-la.

— É realmente necessário? — suplicou Lauren.

— É a lei! — rejubilou-se Brisson.

— Trouxe outro par; se você voltar a falar por mim, mais uma única vez — disse o inspetor —, vou detê-lo por usurpação da função de agente da força pública!

— Existe esse delito? — perguntou o interno.

— Você quer comprovar? — respondeu Brame em tom firme.

Brisson retrocedeu um passo, deixando o policial prosseguir o interrogatório.

— O que foi feito da ambulância?

— Está no estacionamento. Ia devolvê-la de manhã.

Ouviu-se uma alta voz. Lauren e o policial deram a volta e viram Fernstein, que se dirigia a eles.

— Podem dizer-me o que está se passando?

As faces da jovem neurologista ficaram coradas; inclinou-se sobre a carteira, com um grande peso nos ombros e apertou a tecla do interfone.

— Perdão — murmurou —, sinto muitíssimo.

— Acaso esta intrusão policial tem algo a ver com paciente que se encontra sobre esta mesa?

— De certo modo — admitiu Lauren.

Granelli se aproximou do vidro.

— Trata-se de um bandido? — perguntou quase estático.

— Não — respondeu Lauren —. Tudo é minha culpa. Estou muito confusa.

— Não fique confusa — replicou o anestesista— ; eu mesmo, quando tinha sua idade, fiz duas ou três arruaças que me valeram várias noites na companhia dos carabinieri, que, diga-se de passagem, vestem-se com muito mais elegância do que seus policiais.

O inspetor Brame se aproximou do micro e interrompeu o anestesista.

— Roubou uma ambulância e tirou este paciente de outro hospital.

— Ela sozinha? — Exclamou o anestesista, no auge da excitação —.

Mas esta menina é demais!!

— Tinha um cúmplice — falou Brisson —, estou certo de que está no vestíbulo, tem que ser detido, também.

Fernstein e Norma voltaram-se até o único médico que ainda não havia se apresentado, mas, para sua grande surpresa, ele tinha desaparecido. Agachado no compartimento que se encontrava sob a mesa de operações, Paul não compreendia como sua noite tinha se transformado em semelhante pesadelo. Algumas horas atrás, era um homem feliz e sereno que ceava em companhia de um jovem adorável.

Fernstein se aproximou do vidro e perguntou a Lauren porque tinha cometido um ato tão estúpido. Sua aluna levantou a cabeça e olhou com os olhos cheios de tristeza.

— Brisson ía matá-lo.

— Boa noite, professor — disse o jovem interno, encantado —.

Quero recuperar meu paciente agora mesmo! Proíbo-o de começar esta cirurgia; levo-o comigo.

— Eu duvido — objetou Fernstein, furioso.

— Senhor professor, peço-lhe que a deixe realizar o doutor Brisson — disse o inspetor de polícia, encabulado.

Granelli retrocedeu com passos furtivos até a mesa de operações. Comprovou o estado de Arthur e tirou o eletrodo de seu pulso. No mesmo

instante, o sinal de alarma do eletro começou a soar. Granelli ergueu os braços aos céus.

Olhem! Vocês falam e falam e este jovem vai de mal a pior. A menos que este senhor que nos está molestando assuma a responsabilidade pelo agravamento inevitável do estado de nosso enfermo, penso que é hora de operar. De qualquer maneira, a anestesia já surtiu efeito e não podemos transportá-lo! — concluiu, triunfante.

A máscara de Norma não pode ocultar seu sorriso. Brisson, louco de raiva, fez um sinal para Fernstein.

— Vocês todos irão me pagar!

— Creio que não terminamos de acertar nossas contas, jovem. E agora, saia daqui e nos deixe trabalhar! — ordenou o professor, e deu a volta sem dirigir sequer um olhar para Lauren.

Brame guardou as algemas e pegou a jovem neurologista pelo braço. Brisson pisava nos calcanhares.

— O menos que se pode dizer — replicou Granelli, colocando de novo o eletrodo no pulso de Arthur— é que foi uma noite muito original.

O barulho dos aparelhos cobriu o silêncio que se instalou na sala de operações. O líquido da anestesia desceu pelo tubo de perfusão e entrou nas veias de Arthur. Granelli comprovou a saturação dos gases sanguíneos e fez um sinal para Fernstein que a cirurgia podia começar.

Lauren sentou-se no veículo do inspetor Erik Brame, e Brisson no do agente uniformado.

No cruzamento de California Street, os dois veículos se separaram.

Brisson voltava para acabar seu plantão no San Pedro. Assinaria a denuncia pela manhã.

— Estava realmente em perigo? — perguntou o inspetor.

— Ainda está — respondeu Lauren no assento de atrás.

— E esse Brisson tem algo a ver?

— Não foi ele quem o atropelou, mas digamos que sua incompetência piorou a situação.

— Então, você salvou sua vida?

— Já operá-lo quando o senhor me deteve.

— Você faz isso por todos seus pacientes?

— Sim e não; digo, sim, tento salvá-los, mas não os tiro de outro hospital.

— Correu tal risco por um desconhecido? — Continuou o inspetor —. Você é surpreendente.

Não é o mesmo que você faz cada dia em seu trabalho, assumir riscos por desconhecidos?

— Sim, mas eu sou policial.

— E eu, médica...

O carro entrou em Chinatown. Lauren pediu ao agente que a deixasse baixar a janela; não era muito certo, mas ele deixou: já tinha tido bastante regulamento por essa noite.

— Esse sujeito me pareceu muito antipático, mas não tinha alternativa, você compreende?

Lauren não respondeu; com a cabeça colada à janela, respirou o ar marítimo que invadia os bairros do este da cidade.

— Adoro este lugar — disse.

— Em outras circunstâncias, iria levá-la a comer o melhor pato assado do mundo.

— Nos Irmãos Tang?

— Você conhece?

— Era o meu preferido; Há dois anos não tenho tempo de pôr os pés ali.

— Está preocupada?

— Preferiria estar no centro cirúrgico, mas Fernstein é o melhor neurocirurgião da cidade, assim não deveria me inquietar.

Alguma vez você respondeu a uma pergunta apenas com um sim ou com um não?

Lauren sorriu.

— Você deu o golpe sozinha? — continuou o inspetor.

— Sim!

O carro parou no estacionamento do sétimo distrito. O inspetor Brame ajudou Lauren a descer.

Quando entraram na delegacia, entregou Lauren à agente de serviço.

Nathalia não gostava de passar a noite longe de seu companheiro, mas nas horas entre meia noite e seis da manhã, ganhava o dobro. Mais 3 meses e ela se aposentaria também. Seu velho amigo policial havia prometido que a levaria a fazer uma grande viagem com a qual ele sonhava durante anos.

No final do outono, voariam até a Europa. Se beijariam sob a torre Eiffel, visitariam Paris e iriam a Veneza, para unirem-se, finalmente, diante

de Deus. No amor, a paciência é uma virtude. Não haveria uma cerimônia: simplesmente entrariam os dois em uma pequena igreja: havia dezenas delas na cidade.

Nathalia entrou na sala de interrogatórios para fazer a ficha de Lauren Kline, uma interna de neurocirurgia que tinha roubado uma ambulância e tirado um paciente de um hospital.

Capítulo 11

Nathalia deixou seu bloco em cima da mesa.

— Já vi coisas diferentes no meu trabalho, mas você bateu o recorde — disse ela, pegando a cafeteira

Olhou Lauren, demoradamente. Em trinta anos de carreira tinha assistido a um grande número de interrogatórios e podia julgar a sinceridade de um suspeito em menos tempo do que este tinha necessitado para cometer o delito. A jovem médica decidiu cooperar; com exceção da cumplicidade de Paul nada tinha a esconder. Assumia seus atos. Se tivesse que passar por uma situação idêntica, adotaria a mesma atitude.

Transcorreu meia hora enquanto Lauren relatava e Nathalia escutava, servindo café algumas vezes.

— Você não anotou uma palavra sequer de minha declaração — comentou Lauren.

— Não vim para isso; um inspetor o fará amanhã de manhã. Recomendo-lhe que chame um advogado, antes de contar a outra pessoa o que acaba de me dizer. Seu paciente tem alguma possibilidade de sair com vida?

— Não o saberemos até o final da intervenção, por quê?

Se a atuação de Lauren lhe salvasse a vida, Nathalia pensava, que seguramente convenceria os administradores do Mission San Pedro a apresentarem uma acusação civil.

Não podem me deixar sair apenas enquanto dure a operação? Juro que me apresentarei aqui, novamente, pela manhã.

— Primeiro é necessário que um juiz determine sua fiança. No melhor dos casos, a receberá esta tarde, a não ser que seu colega retire a denúncia.

— Não conte com ele; já não me podia ver quando estudávamos na faculdade, creio que agora encontrou sua revanche.

— Conheciam-se?

— Tive que suportá-lo como colega no quarto ano.

E ocupava um pouco mais na mente dele? Ele a tocava?

— No dia em que colocou suas mãos nas minhas coxas, eu o repeli, muito bruscamente.

— E logo?

— Posso contar isto sem a presença de meu advogado? — perguntou Lauren em tom divertido —. Eu o esbofetei em plena aula de biologia molecular. O barulho ecoou por todo o anfiteatro.

— Recordo que, na academia de polícia, aconteceu algo com um jovem inspetor que havia tentado beijar-me de forma pouco cavalheiresca. Passou uma noite de cão, grudado na porta de seu carro.

— E você nunca mais cruzou com ele?

— Estamos prestes a nos casar!

Nathalia se desculpou com Lauren, mas o regulamento obrigava-a a encarcerá-la. Lauren olhou os diminutos barrotes que havia no fundo da sala de interrogatórios.

Está uma noite tranquila! — Continuou Nathalia —. Vou deixar a cela aberta. Se você ouvir passos se aproximando, feche-a você mesma; se não, quem terá problemas serei eu. Você vai encontrar café na caixa do pequeno fogão, e copos no armário pequeno. Não faça besteiras.

Lauren agradeceu. Nathalia saiu e regressou ao seu escritório. Pegou a folha de registros para anotar a identidade da jovem acusada e conduzida ao sétimo distrito às quatro e trinta e cinco.

— Que horas são? — perguntou Fernstein.

— Está cansado? — replicou Norma.

— Não vejo porque teria que estar: acordaram-me na metade da noite e estou operando há mais de uma hora — resmungou o cirurgião.

— Tal pai, tal filho não é, querida Norma? — disse o anestesista.

— Que significa seu comentário, estimado colega? — quis saber Fernstein.

— Perguntava-me onde sua aluna teria adquirido um estilo tão particular.

— Há que se deduzir, então, que seus estudantes praticam a medicina com um ligeiro sotaque italiano?

Fernstein introduziu uma drenagem pela incisão feita no crânio de Arthur. O sangue começou a circular pelo tubo. O hematoma subdural

começava finalmente a reabsorver-se. Uma vez cauterizadas as microdissecções, viram que precisavam intervir na pequena má-formação vascular. A sonda do neuronavegador avançava milímetro por milímetro. Os vasos sanguíneos apareciam no monitor de controle, semelhantes a rios subterrâneos. A viagem ao centro da inteligência humana se desenvolvia, no momento, sem obstáculos. Entretanto, de um e outro lado da proa do neuronavegador, estendia-se a imensidão cinza da matéria cerebral qual massa nebulosa semeada por milhões de relâmpagos. Minuto a minuto, a sonda abria caminho fazia seu objetivo final, ainda que necessitasse de muito tempo antes de alcançar as veias cerebrais internas.

Nathalia reconheceu os passos que subiam pela escada.

A cabeça do inspetor Pilguez apareceu na porta entreaberta. Com o cabelo alvoroçado e o risto cinzento por causa da barba que nascia, depositou um pacotinho branco fechado com uma faixa marrom.

— O que é isto? — perguntou Nathalia, curiosa.

— Um homem que não consegue dormir, quando você não está com ele em sua cama.

— Até este ponto você sente saudades?

— Não de você, mas de sua respiração: me embala.

— Algum dia você conseguirá, estou certa.

— O quê?

— Simplesmente dizer que você não pode viver sem mim.

O velho inspetor se sentou no escritório de Nathalia. Pegou um maço de cigarros no bolso e colocou um na boca.

— Considerando que lhe resta, um mês de serviço ativo, a título excepcional vou compartilhar com você o fruto de uma experiência arduamente adquirida sobre o assunto. Em resumo, você deve recolher indícios. No caso que a preocupa, você está diante de um sujeito de sessenta anos, que deixou Nova Iorque para viver junto a você; o mesmo cavalheiro sai da cama, que também é a sua, às 4 da madrugada, atravessa a cidade de carro, ainda que não enxergue nada à noite, faz uma parada para comprar-lhe bolinhos, ainda que seu índice de colesterol o proíba até de pisar numa confeitaria — são bolinhos de açúcar o que está no pacote — e vem depositá-los sobre sua mesa. Você necessita de alguma outra prova?

Ainda assim, eu gostaria que você me confessasse.

Nathalia pegou o cigarro dos lábios de Pilguez e o trocou por um beijo.

— Não está nada mal: vejo que você progride na sua investigação! — disse o policial aposentado —. Você me devolve meu cigarro?

— Isto é um edifício público, está proibido!

— Além de você, não há muita gente.

— Não se engane: há uma garota na cela número dois.

— É alérgica ao tabaco?

— É médica!

— Você encarcerou uma médica? O que ela fez?

— É uma história para ninguém dormir; e eu acreditava já ter visto de tudo neste serviço! Ela roubou uma ambulância e levou um paciente em coma...

Nathalia não teve tempo de terminar a frase. Pilguez se colocou de pé de um salto e se dirigiu ao corredor com passos decididos.

— George! — gritou ela —. Você está aposentado!

Mas o inspetor não se virou, e sim abriu a porta da sala de interrogatórios.

— Tenho uma espécie de pressentimento — disse, fechando a porta atrás de si.

— Creio que falta pouco — disse Fernstein, fazendo girar a asa do robô.

O anestesista se inclinou até a tela e aumentou de imediato o fluxo de oxigênio.

— Algum problema? — perguntou o cirurgião.

— A pressão está baixando, dê-me uns minutos antes de continuar.

A enfermeira se aproximou do aparelho, ajustou o fluxo da perfusão e verificou os tubos de entrada de ar que entravam nas fossas nasais de Arthur.

— Tudo está no lugar — disse.

— Parece que se estabiliza — prosseguiu Granelli, com a voz mais tranquila.

— Posso continuar? — perguntou Fernstein.

— Sim, ainda que não as tenha todas comigo: nem sequer sei se este homem tem antecedentes cardíacos.

— Vou fazer uma segunda drenagem, o hematoma está um pouco teimoso.

A pressão de Arthur tinha caído; os números que apareciam na tela não eram alarmantes, ainda que bastassem para manter o anestesista em

estado de alerta. A composição dos gases sanguíneos não era das mais satisfatórias.

— Quanto antes o despertarmos, melhor; não reage bem ao Diprivan — disse Granelli.

A linha do eletrocardiograma marcou uma nova inflexão. A onda Q era anormal. Norma conteve a respiração enquanto observava o monitor, mas o traço verde recuperou sua ondulação regular.

— Não foi muito longe — disse a enfermeira, deixando o desfibrilador.

— Queria ter uma ecografia comparativa — disse Fernstein por sua vez —, pena que nos falte um médico esta noite. Mas que diabos estará fazendo? Suponho que não irão retê-la toda a madrugada!

Fernstein jurou que se encarregaria pessoalmente daquele cretino do Brisson.

Lauren foi sentar-se no banco ao fundo de sua cela. Pilguez abriu a porta, sorriu ao reparar que não estava fechada e se dirigiu ao aparador. Pegou a cafeteira e se serviu de um copo.

— Não direi nada sobre a cela, se você nada disser sobre o leite. Tenho colesterol alto e ela ficaria furiosa.

— Com toda a razão! Qual o nível?

— Acaso você não vê onde está? Veio fazer-me um check-up?

— Toma alguma medicação, pelo menos?

— Tira o meu apetite e eu gosto de comer.

— Peça que mudem o seu medicamento

Pilguez repassou o informe policial; a parte de Nathalia estava em branco.

— Ela deve ter simpatizado com você. Ela é assim. Tem seus favoritos!

— De quem você está falando?

— De minha mulher, a que se esqueceu de anotar suas declarações e que também se esqueceu de fechar a porta de sua cela; é incrível a distração que chega com a idade. E quem é o paciente que você levou?

— Um tal Arthur Ashby, se a memória não me fala.

Pilguez levantou os braços para cima com gesto consternado.

— Essa é muito boa!

— Você poderia ser mais claro? — disse Lauren.

— Estive a ponto de perder meus últimos meses de serviço; não me diga que você decidiu ser substituída e arruinar minha aposentadoria.

— Não faço a menor ideia do que você me fala.

— É exatamente o que eu temia! — suspirou o inspetor —. Onde está?

— No Memorial Hospital, no centro de neurocirurgia, onde eu deveria estar, e não aqui, perdendo tempo nesta delegacia. Eu pedi para sua mulher que me deixasse ir, prometendo-lhe que voltaria para cá quando terminasse a cirurgia, mas ela não quis.

O inspetor se levantou para tornar a encher o copo. Deu as costas para Lauren e colocou bastante açúcar na bebida.

— Só faltava isso! — disse, com uma voz que ocultava o som da colherinha —. Faltam-lhe apenas três meses para a aposentadoria, e, já temos as passagens para Paris; sei que é quase um esporte para vocês dois, mas não vão nos arruinar a viagem.

— Não me lembro de tê-lo conhecido antes, e, não compreendo nenhum de seus comentários; poderia esclarecer-me?

Pilguez colocou mais café na mesa e o empurrou até Lauren.

— Cuidado, está ardendo. Beba isto e eu a levarei.

— Já causei muitos problemas esta noite, está seguro de que...?

— Estou aposentado tem quatro anos; o que quer que me façam agora? Já me tiraram meu posto de trabalho!

— Então, é certo, posso voltar?

— Além de cabeçuda é surda!

— Por que você faz isso?

— Você é médica, seu trabalho consiste em curar as pessoas. Eu sou policial, o que me dá o direito de fazer as perguntas. Vamo-nos, tenho que devolvê-la aqui, antes da troca de turno, dentro de quatro horas.

Lauren seguiu o policial pelo corredor. Nathalia levantou a cabeça e olhou seu companheiro.

— O que você está fazendo?

— Você deixou a porta da jaula aberta e o pássaro voou, querida.

— Você brinca?

— Você sempre se queixa de que eu nunca rio. Virei buscá-la quando terminar seu turno e aproveitarei para devolver-lhe a garota.

Pilguez abriu a porta para Lauren, rodeou o carro e se instalou ao volante do Mercurio Grana Marques. Um cheiro de couro vinha do interior.

— É um pouco novo, mas é porque o velho Toronado morreu este inverno. Você tinha que ter ouvido o ruído dos 395 cavalos que galopavam sob seu capô. Fizemos lindas viagens juntos.

— Você gosta dos carros antigos?

— Não, foi somente para puxar conversa.

Uma fina chuva começou a cair sobre a cidade, e uma miríade de pequenas gotas depositou-se no parabrisas.

— Sei que não tenho direito de fazer perguntas, mas por que você me deixou sair de minha cela?

— Você mesma o disse: será mais útil no hospital, do que bebendo café na delegacia.

— Vejo que você tem um sentido agudo sobre a utilidade pública.

— Você prefere que eu a devolva à delegacia?

As calçadas desertas resplandeciam na noite.

— E você — continuou ele — por que fez tudo isso hoje à noite?

Você tem um sentido agudo do dever?

Lauren calou-se e virou a cabeça até a janela.

— Não faça a menor ideia.

O velho inspetor pegou o maço de cigarros.

— Não se preocupe, estou sem fumar fazem dois anos. Mastigo os cigarros.

— É bom que se prolongue sua esperança de vida.

— Não sei se vou chegar à velhice, mas em qualquer caso, entre a aposentadoria, a dieta contra o colesterol e deixar de fumar, o tempo me parece mais longo.

Jogou o cigarro pela janela. Lauren ligou os limpadores de parabrisas.

— Alguma vez você gostou da companhia de alguém a quem não conhecia?

— Um dia, quando eu era jovem, chegou uma mulher à delegacia de Manhattan onde eu era inspetor. Meu escritório ficava perto da entrada e ela veio apresentar-se. Tinham acabado de destiná-la ao setor de distribuição. Durante todos os anos em que estive rodando pelas ruas de Midtown, ela era a voz que eu ouvia no rádio do carro. Eu fazia tudo para que minhas horas de serviço coincidisse com as dela. Estava louco por ela. Estava enlouquecido por ela. Como só a via muito raramente, por qualquer motivo, eu voltava à delegacia, para vê-la. Deu-se conta de minha artimanha, e em

seguida, convidou-me a tomar algo antes que o quiosqueiro da esquina falisse, por vender fósforos úmidos. Fomos a um pequeno café, atrás da delegacia, sentamo-nos a uma mesa e aí está.

— Aí está, o quê? — quis saber Lauren, divertida.

— Não dirá nada se eu acender um?

— Duas tragadas apenas!

— Trato feito!

O policial levou um novo cigarro à boca, o deixou apoiado sobre o acendedor do carro e continuou seu relato.

— Vários colegas estavam no balcão do bar e fizeram de conta que não nos viam, ainda que ela e eu soubéssemos que no dia seguinte estaríamos na berlinda. Levei algum tempo para admitir a mim mesmo que me faltava algo quando ela não estava na delegacia. Respondi, agora, à sua pergunta?

— E.....

— Fiquei perdendo muito tempo — disse o antigo inspetor.

Fez-se silêncio. Pilguez tinha o olhar fixo na rua.

— Esse homem que levei... apenas o vi. Eu o examinei brevemente e foi embora com uma cara tão estranha e esse aspecto um pouco perdido. E logo após, seu amigo me telefonou. Não tinha notícias muito boas.

O inspetor virou lentamente a cabeça.

— Não posso explicar-lhe o motivo — disse ela —, mas ao desligar, estava contente por saber onde se encontrava.

Pilguez olhou-a com um sorriso nos lábios, inclinou-se para abrir o porta-luvas e pegou um farol vermelho que colocou no teto do carro.

— Vamos matar sua impaciência.

Acendeu o cigarro. O veículo avançava na noite e nenhum semáforo interromperia sua carreira.

Norma enxugou a fronte do professor. Alguns minutos mais e a sonda alcançaria seu destino; a pequena anomalia vascular já era visível. O eletrocardiógrafo emitiu um breve som. Toda a equipe conteve o fôlego. Granelli inclinou-se sobre o aparelho e observou o traço. Golpeou com a palma da mão a parte superior do monitor e a onda recuperou sua curvatura normal.

— Esta máquina está tão cansada como você, professor — disse, retornando ao seu lugar.

Mas, aquele comentário não aplacou a inquietação que reinava na sala. Norma comprovou o nível de carga do desfibrilador. Trocou a bolsa que recolhia o sangue extraído do hematoma, desinfetou de novo o contorno da incisão e voltou ao seu posto, ao lado da mesa.

— O acesso é muito mais complicado do que imaginava — falou Fernstein —, esta circunvolução não se parece com nada que eu conheça.

— Você acha que pode ser um aneurisma? — perguntou o anestesista, enquanto olhava a tela do neuronavegador.

— É certo que não, eu diria que é uma pequena glândula, vou rodeá-la para estudar seus pontos de segurança, não estou de todo seguro de que não fará falta se extirpá-la.

Quando a sonda alcançou a zona delimitada por Fernstein, o eletroencefalógrafo que media a atividade elétrica do cérebro de Arthur chamou a atenção de Norma. Um dos traços se pôs a oscilar levemente e marcou um brusco cume de uma envergadura inaudita. A enfermeira imitou o gesto do anestesista e bateu no monitor. O traço ondulado caiu de forma vertiginosa antes de ficar numa altura razoável.

— Algum problema? — quis saber o professor.

A impressora do aparelho deveria ter impresso a primeira anomalia e, contudo, não tinha reagido. O estranho traço escapava até a direita da tela. Norma encolheu os ombros e pensou que, naquela sala, todos estavam tão esgotados como ela.

— Creio que vou praticar a incisão; não estou seguro de querer deixar esta coisa — disse o professor —, mas ao menos poderemos fazer uma biópsia.

— Não prefere fazer uma pausa? — sugeriu o anestesista.

— Prefiro acabar o quanto antes possível; não deveríamos ter empreendido uma intervenção semelhante, com uma equipe tão reduzida.

Granelli, que gostava de trabalhar com grupos pequenos, não compartilhava da opinião do colega. Os melhores cirurgiões da cidade estavam reunidos naquela sala. Mas, decidiu guardar este ponto de vista para si. Pensou que no próximo final de semana iria navegar em seu veleiro pela baía de San Francisco. Acabara de comprar um novo.

O Mercury Grand Marquis parou no estacionamento do hospital. Pilguez inclinou-se para abrir a porta de Lauren, que desceu do carro e olhou-o por uns instantes.

— Saia daqui — ordenou-lhe o inspetor —, você tem coisas melhores para fazer do que olhar o carro. Eu irei tomar um café em frente, conto com você para que me encontre antes que minha carroça se transforme em abóbora.

— Eu estava olhando você. Buscava as palavras para agradecê-lo!

Lauren foi até o vestíbulo de Urgência, atravessou-o correndo e entrou no elevador. Quanto mais subia, mais rápido batia seu coração. Preparou-se depressa, colocou uma bata que ela própria amarrou e pegou luvas.

Exausta, apertou o botão que controlava o acesso ao centro cirúrgico e a porta da sala se abriu.

Ninguém pareceu lhe dar atenção. Lauren esperou alguns instantes e murmurou sob sua máscara.

— Molesto?

— Não, mas é inútil; de fato, está pior — respondeu Fernstein —. Podemos saber por que você demorou tanto, o que a reteve?

— As barras da cela de uma delegacia de polícia!

— E afinal, a soltaram?

— Não, é meu fantasma quem está aqui — disse ela, secamente.

Desta vez, Fernstein, levantou a cabeça.

— Aborrecem-me suas insolências — replicou o professor.

Lauren se aproximou da mesa, deu uma olhada nos diferentes monitores e perguntou a Granelli sobre o estado geral do paciente. O anestesista a tranquilizou, logo. Durante um momento tinha se assustado com um pequeno alarme, mas as coisas tinham voltado à normalidade.

— Já não nos resta muito tempo — disse Fernstein —, desisto da biopsia, o risco é muito grande.

Este homem continuará vivendo com uma ligeira anomalia, e a ciência com este desconhecimento.

Ouviu-se um silvo estridente. Norma precipitou-se até o desfibrilador. O anestesista consultou a tela; o ritmo cardíaco era crítico. Lauren pegou os ressuscitadores das mãos de Norma e os esfregou um contra o outro antes de colocá-los sobre o tórax de Arthur.

— Trezentos! — gritou, transferindo a corrente.

Sob o impulso da descarga, o corpo de Arthur curvou-se antes de tornar a cair pesadamente sobre a mesa. A linha da tela permanecia inalterável.

— Nós o perdemos! — gritou Norma.

— Carga a trezentos e cinquenta — pediu Lauren, apoiando-se de novo sobre os aparelhos.

O tórax de Arthur se alçou até o céu. Desta vez, o traço verde se fundiu antes de debulhar uma linha tão reta quanto triste.

— Recarregamos a quatrocentos, quero cinco miligramas de adrenalina e cento e vinte e cinco de Solumedrol nessa mistura — gritou Lauren.

O anestesista obedeceu de imediato. Em um instante, sob o olhar sensato de um professor, a quem nada escapava, a jovem acabava de tomar o comando na sala de operações.

Enquanto o desfibrilador voltou a ser carregado, Lauren se apoiou sobre as asas. O corpo de Arthur se levantou, em um último esforço para reter a vida que se ia.

— Norma, outra ampola de cinco miligramas de adrenalina e uma unidade de lidocaína, agora mesmo!

Fernstein olhou o traço, que permanecia igual. Aproximou-se de Lauren e colocou uma mão em seu ombro.

— Temo que já fizemos mais do que o necessário.

Mas a jovem interna arrancou a seringa das mãos de Norma e, sem vacilar, injetou no coração de seu paciente.

O gesto foi de uma tremenda precisão. A agulha deslizou entre duas costelas, atravessou o pericárdio e penetrou uns milímetros na fina parede que rodeia o coração. Em instantes, a solução se propagou por todas as fibras do miocárdio.

— Eu o proíbo de me abandonar! — murmurou Lauren, encolerizada — Agente!

Voltou a pegar o desfibrilador, mas Fernstein deteve seu gesto e o retirou de suas mãos.

— Já basta, Lauren, deixe que ele se vá.

Ela empurrou o professor com veemência e o enfrentou.

Isto não se chama ir-se, chama-se morrer! Quando aprenderemos a utilizar as palavras corretas? Morrer, morrer, morrer — repetiu, no mesmo tempo em que golpeava com o punho, o peito inerte de Arthur.

O som continuado que emitia o eletrocardiógrafo interrompeu-se bruscamente e foi substituído por uma série de ruídos breves. A equipe permanecia imóvel. Todos olhavam fixamente o traço verde, que era quase

plano. Então começou a oscilar por uma das extremidades, curvou-se e por fim adotou um aspecto quase normal.

— A isto não se chama voltar, e sim, viver! — explodiu Lauren, recuperando o desfibrilador das mãos de Fernstein.

O professor abandonou naquele instante a sala, gritando que não necessitavam dele para suturar. Iria deixá-la com seu paciente e voltaria para sua cama, de onde não deveria ter saído. Fez-se um pesado silêncio, interrompido pelos ruídos do eletrocardiógrafo que respondiam como um eco às batidas do coração de Arthur.

O doutor Granelli voltou ao seu lugar e comprovou a saturação dos gases sanguíneos.

— O que se pode dizer é que nosso jovem vem de muito longe. Pessoalmente, sempre me pareceu que certa dose de teimosia tem seu encanto. Deixo-lhe dez minutinhos, estimada colega, para fechar os cortes, e logo o devolvo ao mundo.

Norma já estava preparando os grampos quando Lauren ouviu um gemido aos seus pés.

Abaixou-se e avistou um braço que se agitava embaixo dela.

Viu Paul com o rosto branco como papel e encolhido sob a mesa de operações.

— O que você faz aí? — perguntou-lhe, estupefata.

— Ele já voltou? — conseguiu articular Paul com voz fraca, antes de desmaiar.

Lauren apertou com força sua mandíbula, o que lhe provocou uma dor muito mais eficaz do que quaisquer sais. Paul voltou a abrir os olhos.

— Queria sair daqui — suplicou —, mas tenho as pernas terrivelmente enfraquecidas, não me sinto muito bem. Lauren reprimiu a vontade de rir e pediu ao anestesista que, por favor, lhe preparasse uma sonda de oxigênio.

— Deve ser o cheiro de éter — disse Paul, com voz trêmula —. Porque aqui tem éter, não?

Granelli levantou as sobancelhas, ajustou a sonda e abriu o fluxo de ar ao máximo. Lauren colocou-lhe a máscara e Paul começou a recuperar a cor.

— Oh, que agradável! — disse —. Sinto-me muito bem, é como se estivesse nas montanhas.

— Cale-se e respire fundo.

— Eu ouvi uns ruídos estranhos, e logo esta bolsa aí, toda cheia de sangue...

Paul, de novo, desmaiou.

— Não quero interromper esta pequena reunião, querida, mas já é hora de suturar o paciente que se encontra na mesa de operações.

Norma substituiu Lauren. Quando Paul melhorou, vendou seus olhos, ajudou-o a levantar-se e o escoltou até a saída do centro cirúrgico.

Quando estava colocando uma máscara em Paul, não resistiu, e, curiosa, perguntou-lhe qual era sua especialidade. Paul olhou a bata manchada de Norma e de novo seus olhos foram embranquecendo. Ela bateu levemente em suas faces.

Quando ele voltou a si, o deixou para regressar à sala.

Eram seis horas da manhã quando Lorenzo Granelli empreendeu o delicado processo do despertar. Vinte minutos mais tarde, Norma levou Arthur, envolto num lençol, ao serviço de reanimação.

Lauren saiu em companhia do anestesista. Os dois foram à sala adjacente. Tiraram as luvas e lavaram as mãos, sem pronunciar palavra. Quando estava a ponto de abandonar a sala de pré-operatório, Granelli se virou para Lauren e a olhou, atento, antes de dizer-lhe que voltaria a operar com ela, quando o desejasse, pois gostava muito de sua forma de trabalhar.

A jovem neurologista sentou-se na borda da pia, exausta. Com a cabeça entre as mãos, esperou estar completamente só e desandou a chorar.

A sala de reanimação estava escura no silêncio da primeira hora da manhã. Norma ajustou a sonda nasal e comprovou o fluxo de oxigênio. O globo do extremo da máscara se enchia e esvaziava no ritmo regular da respiração de Arthur. Ela arrumou suas vendas e certificou-se de que a gaze não comprimia a drenagem. O líquido do gota a gota ia sendo introduzido na veia. Anotou na folha de informe pós-operatório, e, confiou seu paciente à enfermeira do turno que a substituiria. Na extremidade do corredor, viu Fernstein avançar com passos lentos. O professor empurrou as portas que conduziam ao centro cirúrgico.

Lauren levantou a cabeça e olhou-o nos olhos. Fernstein sentou-se ao seu lado.

— Foi uma noite complicada, não?

Lauren olhou as sapatilhas esterilizadas que ainda tinha nos pés. Moveu-as como se fossem marionetes e não contestou. Havia corrido riscos sem refletir, mas no final da intervenção, vira que ela estava certa, disse o

professor. Devia-lhe uma satisfação pessoal. Aquela noite, tinha recolhido os frutos dos ensinamentos que ele lhe ministrara. Lauren o olhou, perplexa. Ele se ergueu e passou o braço pelo ombro dela.

— Você salvou uma vida que eu teria perdido! Chegou a hora de me retirar, e de lhe ensinar uma última coisa.

As rugas ao redor de seus olhos traduziam aquela ternura que ele tanto se esforçava em ocultar.

— Tenha a serenidade de aceitar o que não puder mudar, a coragem de mudar o que pode ser mudado, e sobretudo, a sabedoria para reconhecer a diferença.

— E com que idade se consegue isso? — perguntou-lhe Lauren.

— Marco Aurélio o conseguiu no final de sua vida — disse, retirando as mãos de seu ombro — Isso lhe dá, ainda, algum tempo — continuou, antes de desaparecer por trás das portas que se fecharam.

Lauren ficou só por alguns instantes. Olhou o relógio e se lembrou de sua promessa. Um inspetor de polícia a esperava num café, diante do hospital.

Entrou no corredor e deteve-se diante do vidro da sala de recuperação. Sobre uma cama, junto à janela com as persianas abaixadas, um homem, coberto por tubos e cabos, voltava à vida, decididamente tão fragilizado. Ficou olhando-o, e, a cada vez que Arthur inspirava, o peito de Lauren se enchia de felicidade.

Capítulo 12

Na recepção, uma enfermeira substituíra Betty. Lauren assinou seu nome no quadro de médicos de plantão. O especialista que a havia recebido no serviço de radiologia, e que também terminava seu plantão, foi ao seu encontro e perguntou-lhe como tinha sido a cirurgia e se o paciente estava bem. Enquanto caminhava para a saída, Lauren resumiu-lhe os acontecimentos da noite, sem mencionar que havia enfrentado Fernstein, e, acrescentando que este preferira deixar a pequena anomalia vascular.

O radiologista confessou que não estava surpreso. A irregularidade lhe parecera de tamanho tão irrisório, que não justificava o risco de uma operação. “Além do que, vive-se muito bem com esta espécie de defeitos;

você é a prova viva do que eu digo”, acrescentou. A expressão de Lauren revelou sua surpresa e o radiologista explicou-lhe que ela também tinha uma pequena anomalia no lóbulo parieto-occipital. Fernstein preferira não tocá-la quando a operou depois do acidente. O radiologista recordava-se como se fosse ontem. Jamais tinha tirado tantas imagens do scanner e da ressonância de um mesmo paciente; muito mais do que as necessárias. Mas o chefe do departamento de neurologia, em pessoa, as exigira, e não pudera discutir...

— Mas por que jamais me disse?

— Não faço a menor ideia, mas preferiria que não comentasse com ele sobre nossa conversa; Segredo profissional!

— Isto é o cúmulo: eu sou médica!

— Para mim, sobre todas as coisas, você era a paciente de Fernstein!

O professor abriu a janela de seu consultório. Viu sua aluna que atravessava a rua; Lauren cedeu o passo a uma ambulância e entrou no pequeno café em frente ao hospital.

Um homem a estava esperando na cabina onde Fernstein e ela costumavam se sentar e comer. Fernstein tornou a sentar-se em sua poltrona; Norma acaba de entregar-lhe uma ficha. Ele levantou o papel e reconheceu a identidade do paciente que acabara de operar.

— É ele, não é verdade?

— Temo que sim — respondeu Norma, com olhar indecifrável.

— Está na recuperação?

— Seus sinais estão bem; o balanço neurológico está perfeito. O chefe do serviço de reanimação pensa que pode descê-lo à sua unidade, esta mesma noite, precisa das camas para outros pacientes. — concluiu a enfermeira.

— Lauren não pode se ocupar dele, de nenhuma maneira; do contrário, este homem acabará por quebrar sua promessa.

— Não o fez até o momento, por que iria fazê-lo agora?

— Porque não a via todos os dias, coisa que ocorrerá se ela tratar dele.

— O que você pensa fazer?

Pensativo, Fernstein voltou à janela.

Lauren saiu do café e subiu ao Grand Marquis estacionado diante do estabelecimento. Somente um policial tão audacioso, seria capaz de estacionar em Emergência.

Também tinha que tratar dos assuntos daquela noite.

Norma o arrancou de seus pensamentos.

— Obrigue-a a tirar algumas férias!

— Alguma vez você conseguiu convencer uma árvore que saísse de noite para deixar lugar aos pássaros?

Não, mas decepei uma que impedia o acesso a uma garage! — respondeu Norma, aproximando-se de Fernstein.

Deixou a cartolina em cima da mesa e abraçou o velho professor.

— Você jamais deixou de se preocupar com ela. Não é sua filha!

Depois de tudo, tão grave assim seria se ela se inteirasse da verdade, de que sua mãe concordou em aplicar-lhe a eutanásia?

— E de que sou o médico que a convenceu! — resmungou o professor, desembaraçando-se de Norma. A enfermeira recuperou a ficha e saiu da sala sem olhar para trás. Enquanto fechava a porta, Fernstein pegou o telefone. Chamou a telefonista e pediu que o colocasse em contato com o administrador do Hospital Mission San Pedro.

O inspetor Pilguez parou na vaga do estacionamento que durante tantos anos lhe tinha sido reservada.

— Diga a Nathalia que a espero aqui.

Lauren desceu do Mercury e desapareceu dentro da delegacia.

Minutos mais tarde, a responsável pela distribuição subia a bordo. Pilguez arrancou e rumou até o norte da cidade.

— Alguns minutos mais — disse Nathalia— e os dois teriam me colocado numa situação delicada.

— Mas, chegamos a tempo!

Você pode me explicar o que se passa com esta garota? Você a tira da cela, sem me pedir e desaparece com ela metade da noite.

— Você está com ciúmes? — perguntou, encantado, o inspetor.

— Se deixo de estar, um dia sequer, então você terá que começar a se preocupar.

— Você se lembra do meu último caso?

— Como se fosse ontem!

Pilguez entrou na Geary Expressway; o sorriso nos lábios não passou despercebido a Nathalia.

— Era ela?

— Sim.

— E era ele?

— Pelo que pude ler no informe policial, sem dúvida é o mesmo homem. O que menos podemos dizer é que os dois têm certo talento para as fugas.

Com o rosto radiante, Pilguez acariciou a perna de sua companheira.

— Sei que você não dá importância aos pequenos sinais da vida, mas você deve admitir que tudo fica parecendo fogos de artifício.

Não foi ela quem o deixou — prosseguiu o inspetor. — Estou fascinado. Como se ninguém jamais tivesse lhe contado o que este homem fez por ela.

— E o que você também fez!

— Eu? Eu não fiz nada!

Além de encontrá-la na mansão de Carmel e devolvê-la ao hospital? Não, você tem razão. Você nada fez. E eu não farei qualquer alusão ao fato de que a papeleta dessa investigação tenha sumido.

— Nada tive a ver com isso!

— Seguramente, por isso eu a encontrei no fundo do armário quando o limpava.

Pilguez baixou a janela e se desviou de um pedestre que atravessava fora da faixa.

— E você nada disse à moça? Prosseguiu Nathalia.

— Os lábios me queimavam.

— E você não apagou o incêndio?

— Meu instinto me fez calar.

— Você poderia me emprestar algumas vezes, esse instinto?

— Para quê?

O Mercury entrou na garagem da casa onde eles moravam. Uma luz se alçava na baía de San Francisco. Logo, os raios afugentariam a névoa que rodeava o Golden Gate nas primeiras horas do dia.

Deitada na cama da cela da delegacia, Lauren se perguntava como, em uma noite, tinha conseguido arruinar suas possibilidades de obter o título de neurocirurgia e perder sete anos de árduo trabalho.

Kali abandonou a almofada de lã. O dormitório da Sra. Kline lhe tinha sido proibido e a cristaleira do balcão estava entreaberta, assim foi até ela e escondeu os ossinhos nas barras. Seguiu com o olhar uma gaivota que planava raso sobre as ondas, absorveu o ar fresco da primeira hora da manhã e tornou a dormir no salão.

Fernstein desligou o celular. A conversa com o administrador do San Pedro havia se desenrolado conforme o previsto. Seu colega ordenaria a Brisson que retirasse sua denúncia e ignoraria a subtração da ambulância; este, por sua vez, não levaria a cabo sua ameaça de fazer intervir uma comissão para que fosse inspecionar seu serviço de Emergência.

E Paul recuperou, discretamente, seu carro do estacionamento do Mission San Pedro, depois parou numa confeitaria francesa em Sutter Street, e, agora dirigia rumo a Pacific Heights.

Estacionou diante do edifício em que morava uma senhora de grande encanto. A noite anterior, ela tinha salvo a vida de seu melhor amigo. A Sra. Morrison estava passeando com Pablo. Paul desceu do carro e a convidou para comer uns croissants quentes, enquanto dava notícias tranquilizadoras sobre Arthur.

Uma enfermeira entrou sem fazer barulho no quarto 102 do serviço de reanimação. Arthur estava dormindo. Trocou a bolsa que recolhia as últimas secreções do hematoma e comprovou os sinais vitais do paciente. Satisfeita, anotou suas conclusões em uma folha cor de rosa que guardou na papeleta de Arthur.

Norma chamou à porta do consultório. Fernstein pegou o braço da sua mais antiga enfermeira e a levou ao corredor. Era a primeira vez que se permitia um gesto de cumplicidade dentro do recinto hospitalar.

— Tenho uma ideia — disse —. Vamos olhar as ondas do oceano e na praia, relaxaremos.

— Você não trabalha hoje?

— Já cumpri minhas obrigações à noite, fico com o dia livre.

— Tenho que informar ao pessoal que vou tirar uma folga.

— Acabo de fazê-lo em seu lugar.

As portas do elevador se abriram diante deles. Dois anestesistas e um cirurgião ortopédico cumprimentaram o professor que, contrariamente ao que tinha pensado Norma, não retirou seu braço do dela ao entrar na cabina.

Às dez da manhã, um agente de polícia entrou na cela onde Lauren havia dormido. O doutor Brisson tinha retirado a denúncia. O Hospital Mission San Pedro não deseja processá-la por “levar” uma de suas ambulâncias.

Um guindaste tinha rebocado o Triumph até o estacionamento da delegacia. Lauren só teria que pagar a fatura do transporte e estaria livre para voltar para sua casa.

Na calçada, em frente à delegacia, o sol era deslumbrante. Ao seu redor, a cidade parecia ter recobrado vida, e sem motivo, Lauren se sentia muito só. Subiu no Triumph e continuou seu caminho ali onde o tinha deixado na noite anterior.

— Poderei fazer-lhe uma visita? — perguntou a Sra. Morrison enquanto acompanhava Paul ao outro extremo do patamar.

— Vou lhe dizer, assim que o vir.

— Venha aqui mais vezes — disse ela, segurando o braço de Paul —. Vou preparar uma canja para que você a leve para ele amanhã.

Rose tornou a entrar em sua casa, pegou a cópia das chaves do apartamento de Arthur e foi regar suas plantas.

Sentia muitas saudades de seu vizinho. Para sua surpresa, Paul decidiu acompanhá-la.

Norma e o professor Fernstein estavam deitados na areia de Baker Beach. Ele pegou sua mão, enquanto contemplava uma gaivota que voava. A ave deu um mergulho nas correntes ascendentes.

— O que o deixa tão preocupado? — perguntou Norma.

— Nada — respondeu Fernstein.

— Você fará muitas coisas quando sair do hospital: viajará, dará conferências, e além de tudo, tem o seu jardim. Não é isso o que fazem os aposentados?

— Você está contando meus cabelos?

Fernstein voltou a olhá-la fixamente.

— E você está contando minhas rugas? — lhe perguntou ela.

Sabe de uma coisa? Não trabalhei quarenta anos como neurocirurgião para acabar minha vida cortando caules. Mas sua ideia sobre conferências e viagens me agradaram bastante, desde que você me acompanhe.

A tal ponto você teme a aposentadoria para me propor algo assim?

— Não, nada disso; sou eu quem está deixando o retiro. Gostaria de recuperar o tempo perdido, desejaria que ficasse algo de nós dois.

Norma se endireitou e olhou com ternura o homem a quem tanto amava.

— Wallace Fernstein, por que você se empenha em desprezar este tratamento com um especialista? Por que não tentá-lo ao menos?

— Eu lhe peço, Norma, não volte a falar deste tema. Façamos as viagens e vamos nos esquecer das conferências. O dia em que o “câncer” tiver dado conta de mim, me enterre onde eu lhe pedi. Quero morrer de

férias, não no cenário onde operei toda minha vida, e menos ainda, ao lado dos espectadores.

Norma beijou-o na boca. Deitados na praia, eram como dois velhos e estupendos amantes.

Lauren fechou a porta de seu apartamento. Kali não estava ali. A luzinha da secretária eletrônica estava trêmula e ela a ativou, ainda que não escutasse até o final a mensagem que lhe deixara sua mãe. Foi ao dormitório com vista para a baía e pegou o celular. Uma gaivota vinda diretamente de Baker Beach foi pousar no poste que se erguia em frente à sua janela. A ave inclinou a cabeça para o lado, como para vê-la melhor, agitou as asas e tornou a voar. Lauren discou o número de Fernstein, o salvou na secretária eletrônica fazendo outra ligação. Dessa vez ao Memorial. Negou-se a se identificar e disse que queria falar com o interno de plantão. Desejava obter informações sobre um paciente que fora operado a noite passada. O neurologista de serviço estava fazendo suas visitas, assim deixou seu número para que retornasse a ligação.

Paul levava mais de uma hora esperando, sentado numa poltrona junto à sala de espera. Só autorizavam visitas a partir de uma hora da tarde.

Uma mulher com a cabeça vendada, estreitava entre os braços uma pasta com radiografias, como quem guarda um tesouro.

Um menino agitado estava sobre a almofada, brincando com um carrinho pelos motivos retangulares de cor laranja e violeta da mesma.

Um senhor de aspecto elegante, com as mãos cruzadas nas costas, observava, atento, algumas reproduções de aquarelas que estavam nas paredes. A não ser pelo cheiro característico do hospital, alguém poderia dizer que ele estava visitando um museu.

No corredor, uma jovem envolvida num lençol, dormia numa maca, enquanto o líquido do conta-gotas que pendia do aparelho, ia sendo introduzido na veia de seu braço. Dois enfermeiros apoiados na parede, cada um de um lado da maca, velavam seu sono.

O menino pegou um jornal e começou a rasgar suas páginas, produzindo um ruído tão regular como irritante. Sua mãe não prestava atenção nele, aproveitando, sem dúvida um bom instante de descanso.

Paul olhava o relógio em frente. Por fim, uma enfermeira se aproximou, mas prosseguiu seu caminho até a máquina de bebidas e só lhe dirigiu um sorriso. Ao ver que procurava nos bolsos da bata, por algumas moedas, Paul dirigiu-se a ela. Introduziu ele próprio uma moeda na

máquina e olhou-a com ar interrogativo colocando um dedo sobre as teclas da máquina.

— Um Red Bull! — exclamou a mulher, surpreendida.

— Você está tão cansada assim? — perguntou Paul, marcando a série de números que liberaria a bebida de seu compartimento.

Uma mola começou a girar e a lata avançou até o vidro antes de cair. Paul a pegou e a entregou à enfermeira.

— Aqui tem sua porção energética.

— Nancy! — disse ela, agradecendo.

— Estava escrito na bata — respondeu Paul, intratável.

— Algo vai mal?

— Estou esperando!

— Um médico?

— A hora das visitas.

Ela consultou seu relógio.

— A quem você quer ver?

— A Arthur...

Sequer precisou pronunciar o sobrenome, pois Nancy o interrompeu e o pegou pelo braço, arrastando-o até o corredor.

— Sei a quem se refere. Siga-me! Eu o acompanho: os regulamentos só têm sentido se alguém os infringe de vez em quando.

Conduziu-o até a porta do aposento 307.

— Deveriam tê-lo deixado na reanimação até esta noite, mas o plantonista disse que seu estado é satisfatório, assim, cá o temos.

— Sou eu quem tomo conta dele! — disse, piscando os olhos.

Um armário, um assento de palha trançada e uma mesa com rodas constituíam o mobiliário do aposento. Arthur estava dormindo com um tubo de oxigênio nas fossas nasais e o gota a gota na veia do braço. Tinha a cabeça inclinada para um lado, e uma venda rodeava sua cabeça. Paul se aproximou, lentamente, contendo a emoção que o embargava.

Aproximou o banco da cama. Vendo Arthur submerso naquele silêncio, mil lembranças e outros tanto momentos compartilhados vieram à sua memória.

— Que aspecto tenho? — murmurou Arthur com os olhos fechados.

Paul pigarreou.

— O de um marajá depois de saquear uma borracharia.

— Como vai você?

— Vou indo. E você?

— Minha cabeça dói um pouco e estou muito cansado — respondeu Arthur, arrastando a voz —. Estraguei sua noite, não?

— Poderia ser focalizado sob este ponto de vista, mas, sobretudo, você me deu um susto mortal.

— Deixe de fazer esta cara, Paul!

— Mas se seus olhos estão fechados!

— Vejo você de todas formas. E basta de preocupar-se, os médicos me disseram, que uma vez reabsorvido o hematoma, vou me recuperar, logo em seguida. Você vai ver.

Paul foi até a janela. A vista dava para os jardins do hospital. Um casal avançava lentamente por um caminho repleto de flores. O homem ia de bata e sua mulher o ajudava a caminhar. Sentaram-se num banco. Paul permaneceu com o olhar fixo lá fora.

— Contudo, tenho muitos defeitos para encontrar a mulher de minha vida, ainda que gostasse de mudar.

— O que você gostaria de mudar?

— Este egoísmo que me leva a falar de mim mesmo quando me encontro à cabeceira de sua cama de hospital, por exemplo. Queria ser como você.

— Você quer dizer que gostaria de ter um turbante na cabeça e ter uma dor de cabeça dos demônios?

— Conseguir abandonar-me sem sentir medo no estômago; ver os defeitos do outro como fragilidades sublimes.

— Você está falando de amar?

— Algo parecido, sim. Foi tão incrível o que você fez...

— Deixar me atropelar por um motoboy?

— Continuar amando-a sem esperar nada. Alimentar-se só do que você sentia por ela, respeitar sua liberdade, conformar-se com o fato de que ela exista sem tentar vê-la outra vez, somente para protegê-la.

— Não é para protegê-la, Paul. Apenas para deixar-lhe tempo para se realizar. Se eu tivesse lhe dito a verdade, se tivéssemos vivido esta história, a teria afastado de sua própria vida.

— Você a esperará todo esse tempo?

— Enquanto puder.

A enfermeira, que havia entrado sem que a ouvissem, fez um sinal a Paul, indicando-lhe que o tempo regulamentar de sua visita chegara ao fim.

Arthur devia descansar. Por sua vez, Paul não discutiu. Chegando ao umbral da porta, virou-se e olhou para Arthur.

— Não torne a me fazer outra brincadeira como esta.

— Paul?

— Sim.

— Ela estava lá à noite, não estava?

— Descansa, falaremos sobre isso mais tarde.

Paul se dirigiu ao corredor com um grande peso sobre os ombros.

Nancy o alcançou diante do elevador. Entrou na cabine com ele e apertou o botão do segundo andar. Com a cabeça baixa, Nancy olhava a ponta das sandálias.

— Você não está tão mal sabe?

— Porque você não me viu vestido de cirurgião!

— Não, mas ouvi sua conversa.

E como Paul não parecia entender o que ela tentava dizer-lhe, olhou fixamente nos seus olhos e acrescentou que teria “gostado de ter um amigo como ele”. Quando as portas se abriram, ela ficou na ponta dos pés e beijou sua face, antes de desaparecer.

O professor Fernstein tinha deixado uma mensagem na secretária eletrônica de Lauren. Queria vê-la o quanto antes possível. Passaria em sua casa mais tarde. Sem dar outra explicação, desligou.

— Não sei se estamos fazendo bem— disse a Sra. Kline.

Fernstein guardou o celular.

— É um pouco tarde para mudar nossa linha de conduta, não lhe parece? Você não pode se arriscar a perdê-la uma segunda vez; é o que sempre me disse, não?

— Já não sei mais. Pelo menos, se confessássemos a verdade, nós dois ficaríamos livres de um peso enorme.

— Admitir uma falta no outro para aplacar a própria consciência é uma linda ideia, mas não é mais do que egoísmo. Você é a mãe dela, tem motivos para temer que ela não a perdoe. Eu não suporto a ideia de que algum dia ela se inteire de que desisti, de que fui eu quem quis desligar os aparelhos.

— Você agiu segundo suas convicções, não tem nada que reprovar-se.

— Não é a verdade o que conta — replicou o professor —. Se eu tivesse estado na situação dela, se meu destino dependesse da decisão médica dela, sei que jamais teria desistido.

A mãe de Lauren sentou-se num banco. Fernstein sentou-se ao seu lado. O olhar dele perdia-se nas águas calmas do pequeno porto desportivo.

— Faltam-me dezoito meses, no melhor dos casos! Quando eu tiver ido, faça o que quiser.

— Pensei que você fosse se aposentar no final do ano...

— Não me refiro à aposentadoria.

A senhora Kline colocou a mão sobre a dele, cujos dedos tremiam. Ele pegou um lenço do bolso e enxugou a fronte.

— Salvei muitas pessoas na minha vida, mas creio que nunca tenha sabido amá-las; só me interessava por sua cura. Assim, ganhava a partida da enfermidade e da morte. Era mais forte do que elas... enfim, até agora. Nem sequer servi para ter um filho. Que reverso para alguém que pretende ter-se consagrado à vida!

— Por que fez de minha filha sua protegida?

— Porque ela é tudo quanto eu havia desejado ser. Destemida, quando eu só era obstinado, ela inventa onde eu só aplicava, ela sobreviveu e eu vou morrer, e tenho um medo atroz. Acordo todas as noites com o medo no corpo. Me dá vontade de dar pontapés em todas as árvores que sobreviverão a mim. Esqueci-me de fazer tantas coisas.....

A senhora Kline tomou a mão do professor e o levou.

— Onde vamos?

— Siga-me e não diga nada.

Regressaram, seguindo pela Marina. Diante deles, um parque infantil acolhia vários meninos de tenra idade. Três balanços se elevavam ao céu à custa de esforços sobre-humanos de alguns pais esgotados, que empurravam sem descanso; o tobogã estava entupido, apesar da boa vontade de um avô que tratava de regular seu acesso; a construção de cordas e madeira sofria o assalto de peças inacabadas; enquanto uma criança havia se atrapalhado com um tubo de cor vermelha e gritava. Um pouco mais longe, uma mãe tentava convencer seu filho, sem resultado, que abandonasse o local de areia para vir buscar sua merenda. Formado por cânticos indígenas, um coro infernal girava sem piedade, ao redor de um jovem canguru, enquanto dois meninos disputavam um balão. O concerto de prantos, grunhidos e gritos era enorme.

Com os cotovelos apoiados no balcão, a Sra. Kline espiava aquele inferno em miniatura; com o rosto iluminado por um sorriso cúmplice, olhou para o professor.

— Veja o que perdeu!

Uma pequena menina que estava cavalgando sobre um cavalo com mola, levantou a cabeça. Seu pai acabava de empurrar a porta da área de jogos. Abandonou o cavalo, precipitou-se ao seu encontro e se jogou nos seus abraços, abertos de par em par. O homem ergueu a menina bem alto, e ela colocou a cabeça em seu pescoço, com infinita ternura.

— Muito bom — disse o professor, também sorrindo.

Olhou o relógio e se desculpou: a hora de seu encontro com Lauren estava próxima. Sua decisão a tiraria de seus receios. Apesar de tê-la tomado no próprio interesse de Lauren. A Sra. Kline o viu afastar-se, só, pelo passeio; atravessou o estacionamento e subiu no seu carro.

As árvores alinhadas de Green Street dobravam-se sob o peso da folhagem. Naquela época do ano, a rua era cheia de cor. Os jardins das casas vitorianas estavam abarrotados de flores. O professor tocou o interfone do apartamento de Lauren e subiu ao primeiro andar.

Sentado no sofá do salão, adotou sua atitude mais severa e comunicou-lhe que estava suspensa, proibida de aproximar-se do Hospital Memorial durante duas semanas. Lauren negou-se a acreditar: uma decisão semelhante tinha que ser ratificada por um conselho disciplinar, diante do qual ela poderia se defender. Fernstein pediu-lhe que ouvisse seus argumentos. Sem muita dificuldade, tinha obtido do administrador do Mission San Pedro que se abstivesse de empreender qualquer ação legal, mas para convencer Brisson a retirar sua denúncia, o interno havia exigido um castigo exemplar.

Duas semanas de suspensão sem salário eram um mal menor, em comparação com o que poderia ter ocorrido se ele não tivesse podido sufocar o assunto. Por mais que lhe invadissem a cólera, ao pensar nas exigências de Brisson, Lauren, escandalizada ante tamanha injustiça, que deixava o bastardo de seu colega ao abrigo de toda sanção por suas inadmissíveis negligências, sabia que seu professor estava protegendo sua carreira.

Resignou-se e aceitou a sentença. Fernstein a fez jurar que a respeitaria ao pé da letra: em nenhum caso deveria chegar perto do hospital, como também, entrar em contato com os membros de sua equipe. Até o Café Parisian estava proibido.

Quando Lauren perguntou-lhe o que teria direito de fazer durante esses quinze dias, Fernstein lhe deu uma resposta irônica: finalmente,

poderia descansar. Lauren olhou-o, agradecida e furiosa, pois estava a salvo e vencida. A entrevista durara menos de um quarto de hora. Fernstein olhou seu apartamento; parecia-lhe muito mais feminino do que ele tinha imaginado. Lauren apontou-lhe a porta, com gesto autoritário. Já no patamar, ele acrescentou que tinha dado instruções precisas à central para que não atendessem qualquer chamada que fizesse. Estava proibida de praticar a medicina, inclusive por telefone, enquanto durasse a sanção. Em troca, poderia beneficiar-se daquela temporada para por em dia suas últimas aulas de final de internato.

A caminho de volta para casa, Fernstein sentiu uma violenta dor. O “câncer” que o estava corroendo, acabara de mordê-lo. Aproveitou um semáforo vermelho para secar a fronte banhada de suor. Atrás dele, um motorista impaciente buzinou para que ele avançasse, mas ele não encontrou forças para pisar no acelerador. O velho doutor abaixou a janela e inspirou a plenos pulmões, visando recuperar o fôlego que lhe faltava. A dor era horrível e lhe nublava a visão. Com um último esforço, trocou de pista e conseguiu parar num estacionamento reservado à clientela de uma floricultura.

Desligou a chave de contato, afrouxou o nó da gravata, abriu o botão do pescoço da camisa e apoiou a cabeça sobre o volante. No próximo inverno, queria viajar com Norma até os Alpes e mais uma vez ver a neve. Depois a levaria à Normandia, onde seu tio médico, que tanto havia marcado sua infância, descansava em cemitério, rodeado de nove mil túmulos. O mal estar passava, colocou o carro em marcha e agradeceu aos céus porque a crise não tivera lugar durante uma operação.

Ao entardecer, em meio a uma temperatura suave, Paul dirigiu até a Marina. Naquela hora, lindas criaturas aproveitavam para correr pelos passeios que bordeavam o pequeno porto desportivo. Uma jovem passeava com seu cão. Paul desceu no estacionamento e a alcançou a pé.

Lauren, que estava perdida em seus pensamentos, sobressaltou-se quando ele a abordou.

— Sinto muito, não queria assustá-la.

— Obrigada por vir tão depressa Como está Arthur?

— Melhor, já saiu da reanimação, acordou e não parece ter dores.

— Você falou com o plantonista?

Paul só tinha conversado com uma enfermeira, e esta se mostrara otimista. Arthur estava se recuperando muito bem. Amanhã tirariam o soro

e começariam a alimentá-lo pela boca.

— É um bom sinal — disse Lauren, soltando a coleira de Kali.

A cadelinha começou a correr atrás de umas gaiivotas que praticavam vôo rasante.

— Você tirou uma folga?

Lauren explicou-lhe que o rapto havia lhe custado duas semanas de suspensão. Paul não soube o que dizer.

Deram alguns passos, um junto do outro, em silêncio.

— Comportei-me como um covarde — admitiu Paul —. Nem sequer sei como agradecer-lhe pelo que você fez esta noite. Tudo é minha culpa. Amanhã, vou me apresentar na delegacia e lhes direi que você nada tem a ver.

— Chegou tarde: Brisson retirou a denúncia e a trocou por um castigo. Os puxa-saco da primeira fila do colégio continuam levantando o dedo na primeira ocasião.

— Sinto muito — disse Paul —. Posso fazer algo?

Lauren deteve-se para olhá-lo atentamente.

— Pois eu não lamento! Creio que jamais me senti tão viva como nas últimas horas.

A alguns metros de distância, havia uma tenda onde se vendia gelados e refrescos. Paul pediu uma soda. Lauren um refresco de morango e, enquanto Kali brincava perto de uma árvore, sentaram-se em uma das mesas de madeira.

— A vocês dois, cuja amizade é tão bonita.

— Não nos separamos desde a infância, exceto quando Arthur foi morar na França.

— Por amor ou viagem de negócios?

— Os negócios são mais meu campo, e a fuga o dele.

— Fugia de algo?

Paul olhou-a diretamente nos olhos.

— De você!

— De mim? — perguntou Lauren, estupefata.

Paul bebeu um grande gole de soda e limpou a boca com as costas da mão.

— Das mulheres! — improvisou Paul.

— De todas elas? — replicou Lauren, com um sorriso.

— De uma em particular.

— Uma separação?

— É um segredo, ele me mataria se me ouvisse falar assim.

— Então, mudemos de assunto.

— E você? — perguntou Paul —. Há alguém na sua vida?

— Você não está querendo ficar comigo... — respondeu Lauren, divertida.

— Juro que não! Sou alérgico a pelo de cachorros.

— Havia alguém, sim; trata-se de uma história que não ocupa um grande lugar em minha vida — respondeu Lauren —, mas, imagino que encontro certa forma de equilíbrio nesta situação. Meus horários de trabalho não me deixam muito espaço para outra coisa que não seja a medicina. Formar um casal exige muitíssimo tempo.

Você sabe de uma coisa? Quanto mais o tempo passa, me parece que a solidão, ainda que disfarçada, faz com que você perca mais! Viver para o trabalho não deveria ser uma finalidade em si mesma.

Lauren chamou Kali que estava indo para longe.

Logo, voltou-se para Paul.

— Tendo em conta a noite que acabo de passar, não estou certa de que seu amigo compartilhe esta opinião. E, além disso, não somos íntimos o bastante para continuarmos esta conversa.

— Sinto muito, não queria ser moralista, é só que...

— Que... — interrompeu-o Lauren.

— Nada!

Lauren levantou-se e agradeceu-lhe pelo convite.

— Posso pedir-lhe algo? — disse a jovem.

— Tudo o que quiser.

— Sei que isto poderia parecer impertinente, mas se você pudesse chamar-me de vez em quando para me dar notícias de meu paciente... É que estou proibida de telefonar ao hospital.

O rosto de Paul se iluminou.

— Por que sorri assim? — perguntou Lauren.

— Por nada, temo que não sejamos íntimos o bastante para que este tema seja objeto de conversa entre nós.

Ficaram alguns minutos em silêncio.

— Chame quando quiser... já tem meu número.

— Sinto, Betty o deu para mim, mas estava na ficha de ingresso de seu amigo “Pessoa para contatar em caso de urgência”.

Paul anotou o de seu domicílio na parte posterior de um recibo do cartão de crédito e o entregou a Lauren; podia chamá-lo quando quisesse. Ela guardou o papel no bolso, agradeceu e se foi.

— Seu paciente se chama Arthur Ashby — disse Paul, quase gozador.

Lauren sacudiu a cabeça; fez um gesto amistoso e foi buscar Kali. Quando estava bem longe, Paul telefonou para o Hospital Memorial e pediu que o transferissem para o departamento de enfermagem do serviço de neurologia. Tinha que enviar uma mensagem muito importante ao paciente do aposento 307. Tinha que ser repassada o quanto antes, inclusive porque já estava anoitecendo.

— Qual é a mensagem? — quis saber a enfermeira.

— Diga-lhe que a tem no papo!

E Paul voltou a telefonar, muito feliz. Não longe dele, uma mulher o estava observando com expressão triste e indignada. Paul reconheceu a silhueta que se levantava de um banco e se dirigia à rua. A poucos metros dele, Onega parou um táxi. Correu ao seu encontro, mas não conseguiu alcançá-la.

— Merda! — exclamou, sozinho, no estacionamento de Marina.

Capítulo 13

O bar estava quase deserto. Ao fundo, um pianista tocava uma melodia de Duke. Onega deixou o copo vazio e pediu ao barman que lhe servisse outro Dry Martini.

— Ainda é cedo para o terceiro copo, não? Perguntou o empregado enquanto lhe servia a bebida.

— Existe um horário para a infelicidade?

— Meus clientes afogam suas mágoas no final do dia.

— Eu sou ucraniana — disse Onega, levantando o copo —, e nós praticamos um culto à nostalgia com o qual nenhum ocidental poderia rivalizar. Faz falta certo talento do qual vocês carecem.

Onega abandonou o balcão e foi acomodar-se junto ao piano, onde o músico tocava uma canção de Nat King Cole. Levantou o copo e bebeu de um trago. O pianista fez um sinal ao barman para que lhe servisse outro e continuou com o estribilho. O bar foi ficando mais cheio, com o passar das horas.

Quando Paul entrou no estabelecimento, a noite já tinha caído. Aproximou-se de Onega, fingindo não ter notado que ela já estava embriagada.

— O animalzinho volta arrependido com o rabo entre as pernas — disse ela.

— Acredite-me, no Este, você aguentava melhor o álcool.

— Você não deixou de rir-se às minhas custas, assim não venha com mais uma gozação.

— Procurei-a por todos os lugares — replicou ele, sustentando-a pelo ombro, quando ela oscilou sobre o tamborete.

— E você me encontrou. Tem bom olfato!

— Venha, vou acompanhar você.

— Você não teve muitas emoções por hoje e agora vem brincar com sua boneca russa; muito prático, basta abrir um dos fantoches e você pega dele o que há embaixo.

Mas do que você está falando? Passei em sua casa, chamei no seu celular, fui a todos os restaurantes dos quais você me tinha falado e a vi neste local.

Onega se colocou de pé, apoiando-se no balcão.

E para que, Paul? Faz pouco, eu o vi na Marina com aquela moça. Eu suplico: não me diga que não é o que parece, seria terrivelmente banal e decepcionante.

— Não é o que parece! Essa mulher é aquela a quem Arthur ama, faz muito tempo.

Onega o olhou fixamente. Seus olhos brilhavam de desespero.

— E você? A quem você ama? — perguntou orgulhosa, levantando a cabeça.

Paul deixou os bilhetes sobre o balcão, e, a levou, segura pelo ombro.

— Parece-me que não me encontro bem — disse Onega enquanto percorriam os poucos metros que os separavam do carro.

À sua esquerda, um pequeno beco, para onde Paul a levou. Os paralelepípedos deteriorados brilhavam com esplendor sombrio; um pouco mais adiante, várias caixas de madeira os colocariam ao abrigo dos olhares indiscretos. Sobre a grade de um esgoto, Paul segurou Onega, enquanto ela vomitava.

Quando terminou, pegou um lenço no bolso e secou seus lábios. Onega se ergueu, orgulhosa e distante.

— Leve-me para casa!

O veículo subiu pela O'Farrell. Com os cabelos ao vento, Onega começava a recuperar a cor. Paul circulou mais antes de parar diante do pequeno edifício onde morava sua amiga. Desligou o motor e a fitou.

— Não menti para você — disse Paul, rompendo o silêncio.

— Eu sei! — murmurou a jovem.

— Realmente era necessário tudo isto?

— Talvez algum dia, você aprenda a me conhecer. Não o convido para subir, pois não me encontro em condições de recebê-lo em casa.

Desceu do carro e avançou até a entrada do edifício. No umbral da porta, voltou-se, agitando o lenço de Paul.

— Posso ficar com ele?

— Não se preocupe com isso!

— Em minha terra, nunca nos desfazemos da primeira prenda de amor.

Onega entrou no vestíbulo e subiu a escada. Paul esperou até que a janela de seu apartamento se iluminou, e logo partiu pela rua deserta.

O inspetor Pilguez abotoou os botões da camisa do pijama e se olhou no grande espelho do dormitório.

— Fica muito bem em você — disse Nathalia —, eu sabia quando o vi na loja.

— Obrigado — disse George, beijando a ponta de seu nariz.

Nathalia abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e tirou um pequeno frasco e uma colherinha.

— George! — disse, com voz resoluta.

— Oh, não! — suplicou ele.

— Você prometeu — replicou ela, forçando-o a colocar a colher na boca.

A mostarda picante invadiu suas papilas gustativas e os olhos do inspetor enrijeceram de imediato. Enfadado, deu uma pisada no chão e inspirou fundo pelo nariz.

— Deus bendito, como arde esta coisa!

Sinto, querido, mas do contrário, você roncará a noite inteira! — disse Nathalia deitada sob os lençóis —. Vamos, venha deitar-se.

No último dos três andares, de uma casa vitoriana situada no lugar mais alto de Pacific Heights, uma jovem interna lia deitada na cama. Sua

cadelinha Kali dormia sobre o tapete, embalada pela chuva que batia nos vidros.

Lauren tinha deixado de lado os tratados habituais de neurologia, a favor de uma tese que tinha retirado da biblioteca a faculdade. Tratava dos estados de coma.

Pablo deitou-se aos pés do sofá onde a senhora Morrison tinha adormecido. O dragão de Fu Man Chu tinha realizado um de seus mais belos golpes, mas apesar dele, aquela noite Morfeu venceu o combate.

Após o banho, inclinada no lavabo, Onega se olhou no espelho. Deslizou as mãos sobre as faces, realçou as maçãs e alisou com o dedo uma pequena ruga no contorno dos olhos. Com a ponta do indicador, seguiu a boca, desceu até o pescoço que beliscou com um sorriso. Logo, apagou a luz.

Alguém deu umas batidas na porta do pequeno apartamento e Onega atravessou o aposento único que fazia às vezes de dormitório e de salão, viu que a trava de segurança estava fechada e a abriu. Paul somente queria assegurar-se que estava bem. Enquanto alguém não está morto, disse Onega, nada é realmente grave. Fê-lo entrar e quando tornou a fechar a porta, o sorriso que tinha nos lábios em nada se parecia com o anterior, no vapor que impregnava o espelho do banheiro.

Uma enfermeira entrou no aposento 307 do Hospital Memorial, tomou a pressão de Arthur e saiu novamente. Os primeiros clarões do dia entravam pela janela que dava para o jardim.

Lauren se espreguiçou o mais que pode. Com os olhos ainda entumecidos pelo sono, pegou o travesseiro e o apertou entre seus braços. Olhou o pequeno despertador, tirou o edredom e colocou de lado. Kali saltou sobre a cama e foi deitar-se ao seu lado. Robert abriu os olhos e tornou a fechá-los, em seguida. Lauren ia colocar a mão no ombro de seu amigo, mas conteve seu gesto e virou-se para a janela.

A luz dourada que se filtrava entre as persianas anunciava um lindo dia.

Sentou-se à beira da cama e então lembrou-se que não tinha plantão.

Saiu do dormitório, foi até um canto da cozinha, apertou o botão da cafeteira elétrica e esperou que a água fervesse.

Sua mão deslizou até o telefone. Olhou o relógio de pulso e pensou melhor. Ainda não eram oito horas, Betty não tinha chegado, com certeza.

Uma hora mais tarde, estava correndo pela avenida de Marina. Kali trotava atrás dela, com a língua de fora.

Lauren seguiu com o olhar duas ambulâncias que passaram com as sirenas ligadas. Pegou o celular pendurado ao pescoço. Betty atendeu.

O pessoal da Emergência tinha sido informado da sanção que lhe tinha sido imposta. Todos queriam apresentar uma petição exigindo sua reincorporação imediata, mas a enfermeira chefe, que conhecia Fernstein muito bem, dissuadira-os. Enquanto continuava a corrida, Lauren não pode deixar de sorrir, emocionada pelo fato de que sua presença na equipe não fosse tão anônima, como ela imaginava. Quando a enfermeira chefe começou a contar-lhe anedotas, aproveitou para pedir-lhe notícias do paciente do 307. Betty a interrompeu.

— Ele já não lhe causou problemas suficientes?

— Betty!

— Como você quiser. Ainda não subi aos andares, mas liguei, quando houver algo de novo. A manhã está bem tranquila. E você? Como está?

— Aprendendo outra vez a fazer coisas totalmente inúteis.

— Como o quê?

— Esta manhã, passei dez minutos maquiando-me

— E...? — perguntou Betty, com curiosidade.

— Tirei a maquiagem!

Betty estava guardando uma pilha de fichas na caixa dos internos, com o celular preso entre o ombro e a face.

— Você verá: quinze dias de descanso a farão recuperar o gosto pelos pequenos prazeres da vida.

Lauren parou no trailer para comprar uma garrafa de água mineral, que esvaziou quase de um trago.

— Espero que seja assim: uma manhã sem fazer nada e já estou ficando louca; misturei-me aos que fazem caminhada, pedindo aos céus que acontecesse, pelo menos uma torção.

Betty prometeu-lhe que a chamaria quando tivesse qualquer informação, porque acabavam de chegar duas ambulâncias à porta de Emergência. Lauren desligou. Com o pé apoiado em um banco e amarrando os cordões do tênis, perguntou-se se seria realmente zelo profissional o que a fazia preocupar-se com a saúde de um homem, que ainda ontem nem conhecia.

Paul pegou as chaves do carro e saiu do escritório.

Disse a Maureen que estaria ocupado toda a tarde e que faria todo o possível para voltar no final do dia. Meia hora mais tarde, entrava no vestíbulo do Hospital San Francisco Memorial, subindo os degraus de quatro em quatro, até chegar ao primeiro andar, de três em três até o segundo e de um em um até o terceiro, prometendo a si próprio que voltaria a frequentar a academia a partir do próximo final de semana. Cruzou com Nancy, que saía de um aposento, beijou sua mão e continuou seu caminho, deixando-a estupefata no meio do corredor. Entrou no cômodo e se aproximou da cama.

Fez um gesto para ajustar o gota a gota, pegou o pulso de Arthur e olhou para o relógio, fingindo tomar sua pressão.

— Mostre-me a língua, — disse, irônico.

— Pode-se saber que brincadeira é essa? — perguntou Arthur.

— Roubar ambulâncias, sequestrar pessoas em coma... Agora sim que já o tenho na mão. Mas você perdeu o melhor. Devia ter me visto com uma bata verde, máscara e um gorro da cabeça. A elegância personificada!

Arthur se ajeitou.

— Você esteve mesmo na cirurgia?

— Francamente, se faz muito alarde com a medicina, mas cirurgião e arquiteto, é tudo mais ou menos o mesmo, a questão é trabalhar em equipe. Estavam com desfalque de pessoal, eu estava ali, não ia ficar sem fazer nada, assim, dei uma mão.

— E Lauren?

— Impressionante. Anestesia, corta, costura, reanima... E com que temperamento! É um prazer trabalhar com ela.

O rosto de Arthur ficou sombrio.

— O que se passa agora? — perguntou Paul.

— Vai ver que está com problemas por minha culpa!

Sim, e, desse modo, você fica em paz! Não deixa de ser curioso que o único no qual você jamais pensa, quando organiza uma de suas aventuras delirantes, seja eu.

— Você? Você não teve problemas...

Paul pigarreou e levantou uma das pálpebras de Arthur

— Você tem bom aspecto! — disse, imitando um médico.

— Como você se saiu?

— Comportei-me como um miserável, se você quer saber. Quando a polícia chegou na porta do centro cirúrgico, escondi-me embaixo da mesa de operações, por isso tive que assistir toda a cirurgia. Descontando os momentos em que estive desmaiado, com certeza participei durante cinco minutos. Foi ela quem salvou sua vida, eu não tive muito a ver.

Nancy entrou no aposento. Mediu a pressão de Arthur e perguntou-lhe se queria levantar-se e andar um pouco. Paul se ofereceu para ajudá-lo.

Deram alguns passos até o final do corredor. Arthur se encontrava bem, tinha recuperado o equilíbrio e quis mesmo prolongar o passeio. Na vereda do jardim do hospital, pediu que Paul lhe fizesse dois favores...

Paul saiu depois que Arthur voltou para a cama. No caminho, passou numa floricultura de Union Street. Comprou um maço de flores brancas e colocou entre elas a carta que Arthur tinha lhe confiado. As flores seriam entregues no final da tarde. Depois, foi para a Marina e estacionou diante de uma locadora de vídeos. Às sete da noite interfonou para a senhora Morrison, deu-lhe notícias de Arthur e o último episódio das aventuras de Fu Man Chu.

Lauren estava deitada, submersa na leitura da tese. Sua mãe, no sofá, folheava uma revista. De vez em quando olhava para a filha.

— Como lhe ocorreu fazer semelhante coisa? — perguntou, apontando a notícia no jornal aberto na mesa de centro.

Lauren fazia anotações em um caderno com espiral, e não respondeu.

— Você poderia ter arruinado sua carreira, todos estes anos de trabalho, e por quê? — argumentou sua mãe.

— Você bem que perdeu muitos anos com seu casamento. E não salvou a vida de papai, que eu saiba.

A mãe de Lauren ficou de pé.

— Levarei Kali para um passeio — disse, secamente.

Saiu, batendo a porta do apartamento.

— Até logo — murmurou Lauren, ouvindo os passos que se distanciavam.

A senhora Kline cruzou com o rapaz da floricultura na zeladoria.

Ele levava um enorme maço de flores brancas e estava procurando o apartamento de Lauren Kline.

— Eu sou a senhora Kline — disse, pegando o envelope na folha de celofane.

Só precisava deixar as flores ali mesmo; ela as pegaria na volta. Deu-lhe uma gorjeta e o jovem se foi.

Já na rua, abriu o envelope.

Duas palavras escritas num papel: “Tornar a vê-la”, assinado “Arthur”.

A Sra. Kline dobrou a carta e a colocou no bolso do impermeável.

No bairro, havia somente uma praça que não admitia animais. Se o destino tinha seus motivos, estes pareceriam sempre imperfeitos a um homem sem imaginação. A sra Kline sentou-se num banco; a seu lado, uma senhora que estava lendo o jornal tinha vontade de iniciar uma conversa.

No cercado reservado aos cães, Kali estava montando um jack russell que descansava na sombra.

— Você não me parece muito bem — disse a senhora mais velha.

A senhora Kline sobressaltou-se.

— Só estava pensando — respondeu —. Nossos cães parecem que se entendem muito bem...

— Pablo sempre foi atraído pelo tipo alto. Creio que terei que tornar a ler as instruções para ele, dá-me a impressão de que estão ao contrário. O que a preocupa?

— Nada!

— Se você sente necessidade de desabafar, sou a pessoa ideal; estou surda como uma parede!

A senhora Kline olhou para Rose, que continuava a ler.

— Você tem filhos? — disse, arrastando a voz.

A Sra. Morrison negou com a cabeça.

— Então não vai poder entender.

— Mas amei homens que os tinham!

— Não tem nada a ver.

— Isso sim me aborrece! — protestou Rose —. As pessoas que têm filhos, olham as que não os têm como se viessem de outro planeta. Amar um homem é tão complicado como educar algumas crianças!

— Não compartilho seu ponto de vista.

— E você é casada?

A senhora Kline olhou sua mão; o tempo tinha apagado o sinal de sua aliança.

— Então, que dores de cabeça sua filha causa a você?

— Como você sabe que não se trata de um rapaz?

— Uma possibilidade de dois!

— Creio que fiz algo errado— murmurou a mãe de Lauren.

A outra senhora inclinou-se sobre seu jornal e ouviu atentamente o que a senhora Kline tanto necessitava confessar.

— Foi muito feio o caso das flores! E por que não quer que ela veja este jovem?

— Porque se arrisca a despertar um passado que pode causar danos aos dois.

A senhora continuou a ler o jornal, o tempo necessário para refletir, e deixou-o sobre o banco.

— Não sei de quem você está falando, mas não se protege uma pessoa com uma mentira.

— Lamento — disse a Sra. Kline —, falo de coisas que você não pode compreender.

Rose Morrison tinha todo o tempo do mundo para compreender. A mãe de Lauren duvidou, mas depois de tudo, que risco corria, confiando naquela desconhecida?

A vontade de afugentar a solidão foi mais forte, tranquilizou-se e lhe contou a história de um homem que tinha raptado uma jovem para salvá-la, enquanto que sua própria mãe renunciara a ela.

— Este jovem, não teria um avô solteiro, por casualidade?

— Quando me devolveu as chaves do apartamento, não tornei a ter notícias dele.

— Desapareceu, sem mais?

— Digamos que nós o empurramos um pouco.

— Nós?

— Um neurocirurgião conceituado se encarregou de explicar-lhe até que ponto a saúde de minha filha era frágil. Soube encontrar mil razões para convencê-lo a se afastar dela.

— Assim foi que, diante de tantas provas, esse homem desapareceu.

A mãe de Lauren deu um suspiro.

— Sim.

— Eu acreditava que o tivesse melhor colocado! — replicou —. Quando estão loucos de amor, os homens perdem grande parte de sua capacidade. E, o que dizia esse professor era verdade?

— Para ser sincera, não tenho a menor ideia. Lauren recuperou-se muito depressa, em poucos meses voltou a ser como era antes.

— Você acha que é muito tarde para falar com sua filha?

— Faço-me esta pergunta todos os dias, e não consigo imaginar sua reação.

— Vi muitas vidas arruinadas por segredos de família. Não tive filhos, apesar de ter mentido, somente para ouvi-la, não sabe até que ponto me fazem falta. Mas me apaixonava frequentemente para ser capaz de tê-los; enfim, era esta minha desculpa para não enfrentar meu egoísmo. Compreendo suas reticências, apesar de estar convencida de que você se equivoca. O amor é feito de tolerância, é o que lhe dá força.

— Gostaria tanto que você tivesse razão.....

— Uma desistência de um homem e se acredita tê-lo esquecido... até que uma lembrança nos faz pensar nele outra vez. Como imaginar então que possamos desfazer-nos do amor que nos une a nossos pais? Perdemos um tempo absurdo sem dizer-lhes que os amamos, para acabar nos dando conta, depois de sua morte, de quanto sentimos sua falta.

A senhora mais velha inclinou-se até a senhora Kline.

— Se este jovem salvou sua filha, você está em dívida com ele.

Assim, vá ao seu encontro.

E Rose tornou a submergir na sua leitura. A senhora Kline esperou alguns instantes, cumprimentou-a, chamou Kali e se afastou pelo parque.

Ao regressar, pegou o ramalhete de flores ao pé da escada. O apartamento estava deserto. Colocou-as num jarro que deixou sobre a mesa de centro e fechou a porta atrás de si.

Os dias da semana corriam regularmente. Cada manhã, Lauren dava um grande passeio sob as árvores do parque do Presídio. Caminhava até a praia que bordeava a orla do Pacífico. Então, se sentava na areia, e mergulhava na tese, à que retornava todas as noites.

O inspetor Pilguez adaptara-se aos horários de Nathalia. Ao meio-dia compartilhavam o almoço.

No meio de uma jornada interrompida por reuniões com o departamento de estúdios e visitas à obra, Paul encontrou-se com Onega, que o esperava num banco em frente à baía.

A senhora Morrison levava Pablo para aproveitar as lindas tardes de verão no parquinho próximo à sua casa.

Às vezes cruzava com a senhora Kline, e, um dia reconheceu Lauren, pela cadelinha que a seguia. Naquela quinta-feira, tão ensolarada, esteve tentada a abordá-la, mas finalmente desistiu de distrair a jovem de sua

leitura. Quando Lauren abandonou a avenida central, seguiu-a com olhar curioso.

À primeira hora da tarde, Pilguez costumava deixava Nathalia diante da delegacia.

Sempre, antes de encontrar-se com Onega para jantar, Paul visitava seu amigo, presenteando-o com esboços de projetos que Arthur corrigia com algumas linhas a lápis ou emendava com algumas anotações sobre a escolha de material e de tonalidades.

Naquela sexta-feira, Fernstein felicitou-se pelo estado de saúde de seu paciente. Lhe faria outro scanner de controle, quando tivesse um vão livre para ele, tal como pensava que ocorreria, tudo era normal, e assinaria a alta.

Nada justificava que ficasse ocupando uma cama de hospital. Depois, teria que ser cauteloso por um tempo, mas a vida não tardaria a recuperar seu curso normal. Arthur agradeceu-lhe por todos os cuidados dispensados.

Fazia pouco que Paul tinha saído. Nos corredores já não ecoavam os passos tumultuosos do dia e o hospital tinha recuperado seu ritmo.

Arthur ligou o televisor, colocado numa mesinha em frente à cama.

Abriu a gaveta da cabeceira e pegou o celular. Com o olhar perdido em seus próprios pensamentos, fez desfilar os nomes de sua agenda e desistiu de incomodar seu melhor amigo. O telefone lhe escapou lentamente da mão e caiu sobre os lençóis, enquanto sua cabeça deslizava sobre o travesseiro.

A porta se abriu e uma interna entrou no aposento. Dirigiu-se aos pés da cama e consultou seu histórico. Arthur abriu os olhos e a olhou, silencioso; parecia muito concentrada.

— Algum problema? — disse.

— Não — respondeu Lauren, levantando a cabeça.

— O que você faz aqui? — perguntou, estupefato.

— Não fale tão alto — sussurrou Lauren.

— Por que você fala em voz tão baixa?

— Tenho meus motivos.

— Segredos?

— Sim!

— Pois confesso, ainda que em voz baixa, que fico contente em vê-la.

— Eu também, bem, quero dizer que me alegro de que você esteja melhor. Lamento muitíssimo não ter diagnosticado a hemorragia no primeiro exame.

— Você nada tem que reprovar-se. Creio que eu não facilitei muito sua tarefa. — disse Arthur.

— Você tinha tanta pressa para sair!

— Esta obsessão pelo trabalho acabará me matando!

— Você é arquiteto, não?

— Sou!

— É um trabalho complicado: muita matemática!

— Sim; enfim, como na Medicina, e logo um deixa que outros façam as contas por ele!

— Outros?

— Os cálculos de portantes, de resistências... tudo isso é tarefa dos engenheiros!

— E que fazem os arquitetos enquanto os engenheiros trabalham?

— Pensam!

— E você? Pensa em quê?

Arthur olhou para Lauren demoradamente, sorriu e apontou com o dedo o ângulo do aposento.

— Fique perto da janela.

— Para quê? — surpreendeu-se Lauren.

— Para fazer uma curta viagem.

— Uma pequena viagem à janela?

— Não, uma pequena viagem a partir da janela!

Ela obedeceu, com um sorriso quase gozador nos lábios.

— E agora?

— Abra-a.

— O quê?

— A janela!

Lauren fez exatamente o que Arthur lhe havia pedido.

— O que você vê? — perguntou.

— Uma árvore! — respondeu ela.

— Descreva-a.

— Como?

— É grande?

— Dois pisos de altura e grandes folhas verdes.

— Agora, feche os olhos.

Lauren se deixou levar pelo jogo, e a voz de Arthur a conduziu a uma obscuridade improvisada.

— Os galhos estão imóveis: a esta hora do dia, os ventos do mar ainda não se levantaram. Aproxime-se do tronco, as cigarras aí se escondem com frequência. Aos pés da árvore, se estende uma almofada de folhas de pinho, que estão queimadas pelo sol. Agora, olhe ao seu redor. Há um jardim enorme, com largas tiras de terra ocre onde foram plantados pinheiros. À esquerda, você verá alguns plátanos, à direita, sequoias, na frente, gramados, e um pouco mais longe, algarrobos, que parecem estender-se até o oceano. Suba pela escada de pedra que acompanha o caminho. Os degraus são irregulares, mas não tenha medo: a inclinação é suave. Olhe à sua direita e você adivinhará os restos de um roseiral; pode vê-lo? Detenha-se abaixo e olhe diante de você.

E Arthur inventou um universo, feito somente de palavras. Lauren viu a casa com os postigos fechados, que ele descrevia. Avançou até a entrada, subiu as escadas e se deteve no alpendre. Abaixo, o oceano parecia querer destroçar as rocas e as ondas carregavam muitas algas entrelaçadas com espinhos. O vento soprava em seus cabelos.

Rodeou a casa e seguiu ao pé da letra as instruções de Arthur, que a guiava passo a passo em seu lugar imaginário.

Sua mão roçou a fachada em busca de um pequeno calce sob um postigo. Fez como ele dizia e o retirou com a ponta dos dedos. O painel de madeira se abriu e pareceu-lhe até ouvir o chiado de seus gonzos. Levantou a janela, desencaixando ligeiramente a armação, que cedeu.

— Não se detenha neste aposento, está escuro demais, atravesse-o e chegará ao corredor.

Avançou com passo lento; cada lugar parecia ocultar um segredo por trás das paredes. Entrou na cozinha. Em cima da mesa tinha um velha cafeteira italiana, com que poderia fazer um excelente café, e diante dela fogões como os que poderiam encontrar-se em outros tempos em moradias antigas.

— Funciona com lenha? — perguntou Lauren.

— Se você o desejar, vai encontrá-la ao abrigo de uma lona.

— Quero ficar na casa e continuar visitando-a — murmurou.

— Então, torne a sair da cozinha. Abra a porta em frente.

Entrou no salão... Um grande piano dormia na escuridão.

Acendeu a luz, aproximou-se, sentando-se no tamborete.

— Não sei tocar.

— É um instrumento especial, trazido de um país distante; se você pensar, muito intensamente, em uma música que goste, ele a tocará, somente é preciso que você coloque as mãos sobre as teclas.

Lauren se concentrou com todas as suas forças, e a partitura “Au clair de lune” de Werther invadiu sua mente.

Tinha a sensação de que alguém estava tocando ao seu lado, e quanto mais se deixava levar por aquele sonho, mais profunda e presente se fazia a música. Visitou assim cada cantinho, subindo até o andar de cima, passando de cômodo em cômodo e, pouco a pouco, as palavras que descreviam a casa se transformaram numa multidão de detalhes que inventavam uma vida ao seu redor. Regressou à peça que ainda não tinha visitado. Entrou no pequeno aposento, olhou a cama e estremeceu. Então, abriu os olhos e a casa sumiu.

— Creio que a perdi — disse.

— Não é tão grave, agora já é sua, pode voltar ali quando lhe apetecer, basta pensar nela.

— Não poderia voltar a pensar sozinha, não sou muito dotada para o mundo imaginário.

— Você se equivoca ao não confiar em si mesma. Creio que por ser a primeira vez, desenvolveu-se muito bem.

— Assim, é nisso que consiste seu trabalho: fecha os olhos e se imagina num lugar.

— Não, eu imagino a vida que terá em seu interior, e é ela quem me sugere o resto.

— É uma maneira estranha de trabalhar.

— Muito estranha.

— Tenho que deixá-lo, as enfermeiras não tardarão a fazer sua ronda.

— Você voltará?

— Se eu puder, sim.

Dirigiu-se à porta e virou-se antes de sair.

— Obrigada pela visita, foi muito agradável, senti-me bem.

— Eu também.

— Essa casa existe?

— Você não acabou de vê-la por um momento?

— Como se estivesse dentro!

— Então, se existe na sua imaginação, é real.

— Você tem uma curiosa forma de pensar.

— Por fecharem os olhos ao que os rodeia, muitos se tornam cegos, sem que se deem conta. Eu consegui aprender a ver, inclusive na escuridão.
— Conheço uma coruja a quem seus conselhos fariam bem.
— Aquela que estava na sua bata na outra noite?
— Você se lembra?
— Não tive ocasião de frequentar muitos médicos, mas fica difícil esquecer-se de um que examina você com uma coruja no bolso.
— Tem medo da luz e seu avô pediu-me para curá-lo.
— Teria que lhe dar um par de óculos de sol para menino, eu tinha um quando era pequeno. É incrível o que se pode ver através deles.
— Por exemplo?
— Sonhos feitos de países imaginários.
— Obrigada pelo conselho.
— Mas, cuidado: quando sua coruja ficar curada, diga-lhe que basta que deixe de crer um só segundo para que o sonho se quebre em mil pedaços.

— Eu lhe direi, conte comigo. E agora, descanse.

E Lauren saiu.

O luar entrava pelas persianas. Arthur foi até a janela. Ficou ali, apoiado no batente, olhando as árvores imóveis do jardim.

Não sentia qualquer desejo de seguir o conselho de seu amigo.

Já tivera paciência por tempo demasiado, e nada tinha podido acabar com a recordação daquela mulher; nem o tempo, nem as viagens a outros lugares. Logo sairia dali.

Capítulo 14

O fim de semana se anunciava belo, parecia que nenhuma nuvem viria perturbar o horizonte. Tudo estava tranquilo, como se a cidade despertasse de uma noite de verão muito curta. Com os pés descalços e o cabelo alvoroçado, vestida com um velho suéter por cima da roupa que usava para andar por casa, Lauren trabalhava em seu escritório, retomando sua investigação de onde a tinha deixado na véspera.

Continuou até metade da manhã, controlando a hora da chegada do correio. Esperava uma obra científica que tinha encomendado dois dias antes, e talvez a encontrasse na caixa de correio.

Atravessou o salão, abriu a porta do apartamento e se sobressaltou lançando um grito.

— Sinto muito, não queria assustá-la — disse Arthur, com as mãos atrás das costas- Consegui seu endereço com Betty.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Lauren, tirando o suéter.

— Nem sequer eu sei.

— Não deveriam tê-lo deixado sair, é muito cedo — disse ela.

— Admito que realmente não lhes dei escolha... posso entrar, já que estou aqui?

Ela convidou-o a se sentar no salão.

— Volto em seguida! — gritou, entrando no banheiro.

“Pareço um Gremlin”, disse a si mesma, tratando de arrumar um pouco seu cabelo. Precipitou-se ao armário e começou a brigar com os cabides.

— Está tudo bem? — perguntou Arthur, surpreendido pelo ruído que ouvia.

— Você quer um café? — gritou Lauren, que procurava, desesperadamente, algo para vestir.

Olhou uma camiseta e a jogou no chão, a blusa branca tampouco ficava bem, assim que fez uma reviravolta e pouco depois um vestido reuniu-se a ele. Em poucos segundos, uma pilha de roupas ficou amontoadas às suas costas.

Arthur avançou até a metade do salão e olhou ao redor.

Deus, que familiar lhe era aquele lugar! As prateleiras de uma biblioteca de madeira clara dobravam-se sob o peso dos livros, e acabariam por ceder se Lauren completasse sua coleção de enciclopédias médicas. Arthur sorriu ao ver que ela tinha instalado o escritório exatamente onde ele tinha colocado, no passado, sua mesa de projetos.

Através das portas encostadas, viu o dormitório e a cama que ficava de frente para a baía.

Ouviu Lauren pigarrear atrás dele e virou-se.

Usava jeans e uma camiseta branca.

Café, com leite e açúcar, sem leite e com açúcar ou sem açúcar e com leite? perguntou-lhe.

— Como você quiser! — respondeu Arthur.

Passou por trás da mesa da cozinha, abriu a torneira de onde brotou um grande jato de água.

— Parece que que tenho um problema — disse, tentando conter a inundação com as mãos.

Arthur mostrou-lhe o registro geral de água, situada no pequeno armário que se achava perto dela. Lauren apressou-se a fechá-lo. Com o rosto cheio de borrifos, olhou fixamente para Arthur.

— Como você sabia?

— Sou arquiteto!

— É um ofício que permite ver através das paredes?

— O encanamento de uma casa não é tão complicado como o do corpo humano, mas nós também temos nossos truques para parar hemorragias. Você tem ferramentas?

Lauren secou o rosto com um guardanapo de papel e abriu uma caixa. Tirou uma velha chave de fenda, uma chave inglesa e um martelo.

Deixou as ferramentas sobre a pia, com gesto aflito.

— Espero que possamos operar — disse Arthur.

— Não creio que esteja qualificada!

— É mais simples do que as que você faz no centro cirúrgico. Você tem um cordão adesivo novo?

— Não!

— Olhe no armário dos fusíveis; não sei o motivo, mas ali sempre se encontram um ou dois debaixo do registro da luz.

— E onde está o armário dos fusíveis?

Arthur assinalou com o dedo a pequena caixa ao lado da porta de entrada.

— Isso é o disjuntor — disse Lauren.

— E é aí que se encontra — disse Arthur com tom divertido.

Lauren se postou diante dele.

Muito bem, já que os armários de minha casa não têm nenhum segredo para você, vá buscar essa coisa, você mesmo, assim ganharemos um pouco mais de tempo!

Arthur se dirigiu à entrada, colocou a mão na caixa e voltou-se para trás.

— O que acontece? — perguntou Lauren.

— Ainda tenho as mãos entorpecidas — murmurou, visivelmente aborrecido.

Lauren foi até ele.

— Não é nada grave — disse, com voz tranquilizadora —. Tenha paciência, não ficarão sequelas, mas ainda falta um pouco de tempo para você se recuperar; a natureza o exige.

— Se você quiser, posso guiá-la e você faz o reparo — disse Arthur.

— Tinha outros planos para esta manhã, além de divertir-me com a torneira. Meu vizinho é um mecânico de primeira, ele instalou quase tudo o que há aqui, ficará feliz por ocupar-se de todas estas coisas.

Foi ele quem teve a ideia de colocar a biblioteca contra a janela?

— Por que não tinha que ser assim?

— Sim, sim — disse Arthur, regressando ao salão.

— Este “sim, sim” significa exatamente o contrário!

— Não, em absoluto! — insistiu Arthur.

— Você mente muito mal!

Convidou Lauren a sentar-se no sofá.

— Dê a volta — disse Arthur.

Lauren obedeceu, sem entender muito bem onde ele queria chegar.

Vê agora? Se essas prateleiras não ocultassem a janela, você teria uma estupenda vista daqui.

— Teria uma vista estupenda, mas às minhas costas! Em geral, só costumo sentar-me no sofá.

— Por isso seria muito mais sensato dar a volta; sinceramente, a porta de entrada não é tão linda assim, não?

Lauren se levantou, colocou as mãos nas cadeiras e olhou para ele.

— Nunca havia pensado nisso. Você saiu do hospital e veio até minha casa para decorá-la?

— Sinto muito — disse Arthur, abaixando a cabeça.

— Não, quem sente muito sou eu — replicou Lauren com voz tranquila — Ultimamente me exalto com muita facilidade. Posso preparar-lhe um café?

— Não tem água!

Lauren abriu a geladeira.

— Sequer tenho um suco para oferecer-lhe.

— Nesse caso, a convido para um lanche.

Ela pediu-lhe que esperasse um segundo, pois teria que descer para ver a caixa de correio. Ouvindo seus passos pelo corredor, Arthur sentiu a irresistível tentação de reconciliar-se com o lugar onde tinha morado. A

lembrança de uma manhã de verão ressurgiu, como que saída das páginas de um livro que tivesse saído de uma biblioteca. Queria que o tempo retroagisse ao dia em que contemplara seu sonho.

Acariciou a colcha com a ponta dos dedos e sentiu o tecido de lã na mão. Entrou no banheiro e olhou os frascos colocados junto à pia.

Um creme, um perfume e poucos artigos de maquiagem. Uma ideia passou por sua cabeça, lançou um olhar ao redor e decidiu satisfazer um antigo sonho. Entrou no armário contíguo e fechou a porta.

Escondido entre os cabides, observou as roupas no chão e as que ainda estavam penduradas, e, tentou imaginar Lauren com algumas daquelas peças. Desejaria ficar ali, à espera de que ela o encontrasse. Talvez assim, recuperasse a memória, talvez duvidasse, só um instante, e se recordasse das palavras que trocavam. Então, a tomaria nos braços, a beijaria como antes, ou melhor, com um beijo diferente. Já nada nem ninguém poderia tirá-la dele. Aquilo era idiotice: se ele ficasse ali, ela ficaria com medo. Quem não ficaria, se alguém se escondesse no seu armário?

Tinha que sair dali, antes que ela voltasse; só mais um pouco; quem poderia repreendê-lo? Que suba a escada devagar, somente uns segundos roubados. A felicidade de estar em sua intimidade.

— Arthur?

— Já vou.

Desculpou-se por entrar em seu banheiro, sem permissão, mas queria lavar as mãos.

— Se não tem água!

— Lembrei-me de abrir o registro! — disse, confuso —. Seu livro chegou?

— Sim, guardarei o pacote na biblioteca e vamos sair, tá bom? Morro de fome.

Passando diante da cozinha, Arthur olhou a tigela de Kali.

— É de minha cadelinha, que está na casa de minha mãe.

Lauren pegou as chaves em cima da pia e saíram do apartamento.

O sol inundou a rua. Arthur sentiu impulso de pegar Lauren pelo braço.

— Onde você quer ir? — ele perguntou, cruzando as mãos nas costas.

Ela estava faminta, e por pura feminilidade, custou a lhe confessar que gostaria de comer um hambúrguer. Arthur a tranquilizou: era muito

natural que uma mulher tivesse apetite.

— Ademais, em Nova Iorque já é hora de comer, e em Sidney, de jantar! — acrescentou ela, radiante.

— É um modo de ver as coisas — disse Arthur, caminhando a seu lado.

— Quando se é plantonista, acabamos por comer qualquer coisa, em qualquer hora.

Conduziu-o até Ghirardelli Square, andaram ao longo do cais e subiram uma colina; erguida sobre as colunas, a sala do restaurante Simbad ficava aberta noite e dia. A garçonete os instalou numa mesa, entregou um menu a Lauren e desapareceu. Arthur não tinha fome, assim não quis vê-lo, quando Lauren o entregou.

Minutos mais tarde um garçom apareceu, anotou o pedido de Lauren e regressou à cozinha.

— Você realmente não quer comer nada?

— Me alimentei a semana toda com soro, e creio que meu estômago diminuiu. Mas gostaria muito de vê-la comer.

— Você terá que voltar a se alimentar!

O garçom colocou uma bandeja enorme com tortinhas sobre a mesa

— Por que veio em minha casa hoje de manhã?

— Para reparar um escapamento de água.

— Fala sério!

— Para agradecê-la por ter salvo minha vida.

Lauren largou o garfo.

— Porque eu queria — confessou Arthur.

Ella o olhou, atenta, e regou sua comida com azeite.

— Só fiz o meu trabalho — disse em voz baixa.

— Me custa acreditar que anestesiar um de seus colegas e roubar uma ambulância seja seu pão de cada dia.

— O acontecido com a ambulância foi ideia de seu melhor amigo.

— Já esperava.

O garçom voltou e perguntou a Lauren se queria algo.

— Não, por quê? — disse Lauren.

— Pareceu-me tê-la visto me chamar — respondeu com tom vaidoso.

Lauren o viu se afastar, encolheu os ombros e retornou à conversa.

— Seu amigo me explicou que se conheceram no internato.

— Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos, éramos muito unidos.

— Você é muito valente. A maioria das pessoas não pronuncia essa palavra, apenas dizem “se foi” ou mesmo “nos deixou”.

— Ir-se ou deixar são ações voluntárias.

— Você cresceu sozinho?

— A solidão pode ser uma forma de companhia. E você? Seus pais são vivos?

— Tenho somente minha mãe, e, desde meu acidente, nosso relacionamento ficou tenso.

— Seu acidente?

— Uma derrapada com o carro, fui projetada para fora e me deram como morta, mas a obstinação de um de meus professores me devolveu a vida, depois de vários meses em coma.

—, Você não conserva qualquer lembrança daquele período?

— Recordo os últimos minutos antes do impacto, mas há um buraco vazio de onze meses de minha vida.

— Ninguém consegue se lembrar algum dia do que ocorreu durante esses momentos? — perguntou Arthur, com a voz cheia de esperança.

Lauren sorriu e olhou o carrinho com sobremesas situado não muito longe dela.

— Enquanto se está em coma? É impossível! — respondeu —. É o mundo do inconsciente, nada ocorre.

— Todavia, a vida continua ao redor, não?

— Realmente lhe interessa? Você não tem qualquer obrigação de se mostrar cortês.

Arthur lhe assegurou que sua curiosidade era sincera. Lauren explicou-lhe que haviam muitas teorias a respeito e muito poucas certezas. Tinham os pacientes alguma percepção do que os rodeava? Do ponto de vista médico, ela não acreditava.

— Você disse do ponto de vista médico? Por que tal distinção?

— Porque eu o vivi desde o interior.

— E tirou outras conclusões?

Lauren vacilou, e apontou o carrinho de sobremesas para o garçom, que se apressou até sua mesa. Escolheu uma mousse de chocolate para ela, e, como Arthur nada pedisse, uma bomba de chocolate para ele.

— Duas sobremesas deliciosas para a senhorita — disse o rapaz, enquanto servia os pratos.

— Em certas ocasiões tenho sonhos estranhos que parecem fragmentos de lembranças, como sensações que me chegam uma vez ou outra, mas também, sei que o cérebro é capaz de transformar em recordações, algo que signifique muito para você.

— E o que lhe dizem tais lembranças?

— Nada em especial: a presença de minha mãe todos os dias, a de Betty, uma enfermeira que trabalha comigo, e outras coisas sem importância.

— Por exemplo?

— Meu despertar, mas já falamos o suficiente de tudo isto, agora você tem que provar as duas sobremesas.

— Não leve a mal, mas sou alérgico a chocolate.

— E não quer outra coisa? Não comeu nem bebeu nada.

— Compreendo sua mãe; exagera um pouco, mas é somente por amor.

— Ela o adoraria, se o ouvisse.

— Eu sei, é um de meus grandes defeitos.

— Qual?

— Sou o tipo de homem com quem as sogras sempre concordam, mas a coisa varia no caso das filhas.

— E essas sogras, como você diz, são muitas? — perguntou Lauren, pegando uma grande colherada de mousse de chocolate.

Arthur a olhou, divertido: tinha restos de chocolate nos lábios.

Estendeu a mão, como que para limpar a flecha do arco de Cupido, mas não se atreveu.

Por trás do balcão, um garçom olhava sua mesa, intrigado.

— Sou solteiro.

— Custa-me acreditar.

— E você? — replicou Arthur.

Lauren escolheu as palavras antes de responder.

— Existe alguém em minha vida, não vivemos juntos, mas está aí. Às vezes é assim, os sentimentos se apagam. Você está solteiro faz tempo?

— Bastante, sim.

— Não acredito.

— Por que lhe parece tão estranho?

— Porque alguém como você não fica sozinho.

— Não estou só.

— Ah! Tá vendo?

— Pode-se gostar de alguém e continuar solteiro!

Basta que o sentimento não seja recíproco, ou que a outra pessoa não esteja livre.

— E alguém pode manter-se fiel a outra pessoa, assim, durante tanto tempo?

— Se a pessoa for a mulher de sua vida, vale a pena, não?

— Assim, você não está solteiro!

— Em meu coração, não.

Lauren tomou um gole de café e fez uma careta. O líquido estava frio. Arthur ia pedir outro mas ela se adiantou e apontou a cafeteira ao garçom.

— A senhorita quer uma ou duas xícaras? — perguntou o garçom, com um sorriso irônico.

— Tem algum problema? — replicou Lauren.

— Eu? Em absoluto — respondeu o rapaz, regressando à cozinha.

— Creio que se aborreceu porque você não comeu ou bebeu nada? disse a Arthur.

— Estava bom? — perguntou ele.

— Divino — disse Lauren, zombando.

— Então, por que você escolheu este lugar? — quis saber Arthur, rindo como ela.

— Gosto de sentir o sopro mar, medir sua tensão e seu humor.

O riso de Arthur se transformou num sorriso impregnado de melancolia; havia tristeza em seu olhar, estrelas de dor, com certo sabor salgado.

— O que se passa? — quis saber Lauren.

— Nada, só uma recordação.

Lauren fez um sinal ao garçom para que trouxesse a conta.

— É uma mulher de sorte — disse, tomando outro gole de café.

— Quem?

— A que você espera faz tanto tempo.

— Deveras? — perguntou Arthur.

— Sim, deveras! O que os separou?

— Um problema de compatibilidade!

— Não se entendiam?

— Sim, e muito bem. Compartilhávamos gargalhadas e desejos. Tínhamos até nos prometido redigir, algum dia, uma lista com as coisas agradáveis que gostaríamos de fazer, ela a chamava de lista “happy to do”.

— O que os impediu de escrevê-la?

— O tempo nos separou.

— Não tornaram a se encontrar?

O garçom deixou a conta sobre a mesa; Arthur quis pegá-la, mas Lauren a pegou com um gesto mais rápido que o dele.

— Aprecio seu cavalheirismo — disse —, mas não pode ser; a única coisa que você consumiu aqui foram minhas palavras. Não sou feminista, mas penso que existam certos limites.

Arthur não teve tempo de discutir, pois Lauren já tinha entregue seu cartão de crédito ao empregado do restaurante.

— Deveria voltar a trabalhar — disse Lauren —, e ao mesmo tempo não estou com vontade.

— Então, vamos dar um passeio, faz um dia magnífico e também não estou com vontade de trabalhar.

Ela afastou a cadeira e se levantou.

— Aceito.

O garçom sacudiu a cabeça quando saíram do estabelecimento.

Ela queria ir ao parque do Presídio, gostava de andar sob as sequoias. Com frequência, descia até a terra saliente onde ficava uma das estacas de Golden Gate. Arthur conhecia bem o lugar. Dali, a ponte suspensa se estendia entre a baía e o oceano como uma linha traçada no céu.

Lauren tinha que pegar sua cadelinha. Arthur prometeu-lhe que a esperaria ali, e, ela saiu; viu-a afastar-se sem dizer nada. Há momentos que têm sabor de eternidade.

Capítulo 15

Esperou-a, sentado num muro de ladrilhos. Naquele lugar, as ondas do oceano se chocavam com as da baía, em um combate que durava desde a noite dos tempos.

— Eu o fiz esperar muito! — desculpou-se ela.

— Onde está Kali?

— Não faço a menor ideia, minha mãe não estava. Você sabe o nome dela?

— Venha, vamos caminhar do outro lado da ponte, quero ver o mar

— disse Arthur.

Subiram uma colina e tornaram a descer pela outra vertente. Abaixo, a praia se estendia quilômetros e quilômetros.

Caminharam juntos até a água.

— Você é diferente — disse Lauren.

— De quem?

— De ninguém em particular.

— Isso não é muito difícil.

— Não seja idiota.

— Há algo em mim que a irrita?

— Não, nada; sempre parece tão sereno, isso é tudo.

— E é um defeito?

— Não, mas fica desconcertante, como se para você nada fosse um problema.

— Gosto de encontrar soluções; é de família, minha mãe era assim também.

— Você tem saudades de seus pais?

— Apenas tive tempo de conhecer meu pai. Minha mãe tinha uma forma especial de ver a vida... diferente, como você diz.

Arthur se abaixou para pegar um pouco de areia.

— Um dia — contou — encontrei no jardim uma moeda de um dólar e me pareceu que eu era incrivelmente rico. Corri até ela com meu tesouro oculto na palma da mão. Falei-lhe, orgulhoso demais, sobre meu descobrimento. Depois de escutar a lista de coisas que eu iria comprar com semelhante fortuna, ela me mandou fechar os dedos sobre a moeda, deu uma volta na minha mão, com delicadeza e me pediu que a abrisse.

— E?

— O dólar caiu no chão. Mamãe me disse: “Isto é que o que acontece quando morremos, inclusive o homem mais rico da terra. O dinheiro e o poder não sobrevivem. O homem só cria a eternidade de sua existência nos sentimentos que compartilha”. E ela estava certa; já se passaram muitos anos desde que morreu, tantos, que deixei de contar os meses sem perder um só dia. Aparece em instantes, no modo como me ensinou a focalizar as coisas, em uma paisagem, em um ancião que atravessa a rua com sua história nas costas. Surge num filete de chuva, num reflexo de luz, na volta de uma palavra durante uma conversação; minha mãe é imortal.

Arthur deixou que os grãos de areia escoassem por seus dedos. Há dores de amor que o tempo nunca apaga e que deixam nos sorrisos cicatrizes imperfeitas.

Lauren se aproximou de Arthur, o pegou pelo braço, o ajudou a se levantar, e logo continuaram caminhando pela praia.

— Como se consegue esperar por alguém tanto tempo?

— Por que você volta a falar nisso?

— Porque fiquei intrigada.

— Vivemos o princípio de uma história, e ela foi como uma promessa que a vida não manteve; mas eu sempre mantenho minhas promessas.

Lauren soltou seu braço e Arthur a observou afastar-se sozinha, até a orla. Esperou alguns instantes antes de ir até ela que estava brincando de chutar a água, com a ponta do pé.

— Disse algo que não devia?

— Não — murmurou Lauren —, pelo contrário. Creio que já é hora de voltar, na verdade tenho muito trabalho.

— E não pode esperar até amanhã?

— Amanhã ou esta tarde, o que muda?

— Um desejo pode mudar tudo, não lhe parece?

— E o que você deseja?

— Continuar passeando por esta praia, em sua companhia.

— Poderíamos jantar juntos esta noite — sugeriu Lauren.

Arthur abriu os olhos como se estivesse duvidando. Ela deu uma palmada em seu ombro.

— Eu escolho o lugar — disse ele, rindo —, só para mostrar-lhe que turismo e gastronomia nem sempre fazem um par errado.

— Onde iremos?

— Cliff House! — disse, apontando ao longe.

— Vivi sempre nesta cidade e jamais coloquei os pés ali!

— Conheci parisienses que jamais subiram à torre Eiffel.

— Você esteve na França? — ela perguntou, com expressão maravilhada.

— Em Paris, e em Veneza, em Tanger...

E Arthur levou Lauren ao redor do mundo, enquanto o mar, cada vez mais alto, apagaria seus passos ao terminar o dia.

A sala, de madeira escura, estava quase vazia. Lauren entrou primeiro. Um maître com libré foi recebê-los. Ela pediu uma mesa para dois. Ele sugeriu-lhe que esperasse seu acompanhante no bar. Surpresa, Lauren se virou. Arthur tinha desaparecido. Retrocedeu e o viu na escada. O encontrou no degrau mais alto, esperando, com um sorriso.

— O que você faz aí?

— A sala abaixo é muito sinistra, esta aqui é muito mais alegre.

— Você acha?

— Este lugar é horrível, você não concorda?

Lauren assentiu com a cabeça.

— Exatamente o que eu dizia. Vamos para outro lugar.

— Mas se a mesa está reservada! — exclamou, sem entender.

— Nesse caso, não diga nada. Esta mesa será a nossa, vamos recordar sempre dela, será o lugar onde compartilhamos nosso primeiro jantar.

Arthur levou Lauren ao estacionamento do estabelecimento e pediu-lhe que chamasse um táxi. Ele não estava com o celular. Lauren assim o fez, chamando a companhia.

Um quarto de hora depois, um Pier 39 os deixou no “malecón”, decididos a experimentar todos os lugares turísticos da cidade. Se não estivessem muito cansados, iriam tomar uma bebida em Chinatown. Arthur conhecia um bar enorme onde chegavam vários estrangeiros até altas horas da noite.

Caminhavam sobre as tábuas, quando Lauren pensou ter reconhecido Paul ao longe, com os cotovelos apoiados na balaustrada, conversando com uma garota linda, de pernas enormes.

— Não é o seu amigo? — perguntou.

— Sim, é ele — respondeu Arthur, dando meia volta.

Lauren o alcançou.

— Não quer ir cumprimentá-lo?

— Não, não gostaria de interromper o passeio. Venha, ficaremos melhor por aí.

— Você receia que nos vejam juntos?

— Que bobagem! Por que você pensa semelhante coisa?

— Porque ficou com cara amedrontada.

— Lhe asseguro que não. Mas meu amigo ficaria terrivelmente receoso se se inteirasse de que minha primeira saída foi com você. Siga-me, vou levá-la a Ghirardelli Square, a antiga chocolateria está repleta de japoneses a esta hora da noite.

No passeio, a festa estava em seu apogeu. Cada ano, os pescadores da cidade comemoram ali, o início da temporada de pesca ao caranguejo.

O dia tinha perdido seus últimos reflexos luminosos e a lua se elevava no céu estrelado da baía. Sobre as fogueiras, grandes caldeirões com água do mar repletos de crustáceos que eram repartidos entre os que passavam. Lauren comeu com apetite seis pinças de caranguejo gigantescas que um marinheiro havia aberto para ela. Arthur a contemplava, encantado. Ela tomou, no jantar improvisado, três copos de um cabernet sauvignon do vale de Nappa. Depois de chupar os dedos, pendurou-se no braço de Arthur, com ar de culpa.

— Creio que acabo de terminar com nosso jantar — disse —: um só bombom de chocolate e arrebento!

— Me parece que você está um pouco piripi.

— É possível. O mar subiu ou sou eu quem balança?

— As duas coisas! Venha, vamos tomar um pouco de ar.

Se afastaram da multidão e sentaram-se num banco iluminado por um velho farol solitário.

Lauren apoiou uma mão no joelho de Arthur e encheu seus pulmões com o ar fresco da noite.

— Esta manhã você não veio só para me agradecer, certo?

— Fui vê-la porque, embora não saiba explicar, senti saudades de você.

— Não diga estas coisas.

— Por quê? Você tem medo?

— Meu pai também dizia frases muito bonitas para minha mãe quando queria seduzi-la.

— Mas você não é ela.

— Não, eu tenho um trabalho, uma carreira, uma meta a alcançar, e nada pode me desviar. Sou livre.

— Eu seu, por esse motivo, eu...

— Você, o quê? — disse ela, interrompendo-o.

— Nada, mas penso que não é somente o lugar onde alguém vai, o que dá um sentido à vida, mas também a maneira de se chegar ali.

— É o que dizia sua mãe?

— Não. É o que eu penso.

— Então, por que você rompeu com aquela mulher de quem sente tanta falta? Por algumas incompatibilidades?

— Digamos que passamos muito próximos um do outro. Eu fui tão somente um inquilino dessa felicidade e ela não pode renovar o contrato.

— Qual dos dois rompeu?

— Ela me deixou e eu a deixei partir.

— Por que não lutou?

— Porque a luta causaria dano a ela. Tratava-se de uma pergunta que enchia de pranto a inteligência do coração. Sobrepor a felicidade do outro em detrimento da própria é um motivo belo, não?

— Mas você ainda não está curado.

— Não estava enfermo!

— Eu me pareço com essa mulher?

— Você tem alguns meses mais do que ela.

Do outro lado da rua, um comerciante fechava seu trailer para turistas. Guardava os postais.

— Teríamos que ter comprado um — disse Arthur —, eu teria escrito algumas palavras e você leria quando sentisse saudades.

— Você realmente acredita que se possa amar a uma mesma pessoa durante toda a vida? — perguntou Lauren.

— Nunca tive medo do cotidiano, o costume não é uma fatalidade. Pode-se reinventar todos os dias o luxo e a banalidade, o incomum e o comum. Creio na paixão que vai se desenrolando em memória do sentimento. Lamento, tudo isto é culpa de minha mãe, que me encheu de ideais amorosos. Isto coloca a lista muito alta.

— Para o outro?

— Não, para um mesmo. Sou muito antiquado, não?

— O antigo tem seu encanto.

— Procurei preservar uma parte de minha infância.

Lauren levantou a cabeça e olhou Arthur nos olhos. Seus rostos se aproximaram imperceptivelmente.

— Tenho vontade de beijá-la — disse Arthur.

— Por que você me pede, em lugar de fazê-lo — respondeu Lauren.

— Já lhe disse que sou terrivelmente antiquado.

A persiana da tenda chiou sobre as raízes metálicas.

Soou um alarme. Arthur se endireitou, retendo a mão de Lauren na sua, e se levantou de um salto.

— Tenho que ir embora!

Os traços de Arthur tinham mudado e Lauren adivinhou em seu rosto os vestígios de uma dor repentina.

— Algo vai mal?

O alarme da tenda soava cada vez mais forte, zoava no interior de seus ouvidos.

— Não posso explicar-lhe, mas é necessário que eu me vá.

— Não sei onde você vai, mas vou acompanhá-lo! — disse ela, enquanto se levantava.

Arthur a pegou em seus braços, com os olhos fixos nela, incapaz de prolongar o abraço.

— Escute-me, cada segundo conta. Tudo o que eu disse para você é certo. Se você puder, queria que se recordasse de mim. Eu não vou esquecê-la. Outro instante com você, ainda que fosse muito breve, valeria a pena.

Arthur se afastou.

— Por que você diz outro instante? — gritou Lauren, aterrorizada.

— Agora o mar está cheio de caranguejos.

— Por que você diz outro instante, Arthur? — exclamou Lauren.

— Cada minuto com você foi como um momento roubado. Nada poderá tirá-lo de mim. Faça girar o mundo, Lauren, o seu mundo.

Deu mais uns passos e começou a correr. Lauren gritou seu nome e Arthur deu a volta.

— Por que você disse outro instante com você?

— Sabia que você existia! Eu a amo, mas é algo que não lhe diz respeito.

E, Arthur desapareceu nas sombras de uma ruela.

A persiana metálica finalizou lentamente seu trajeto até a extremidade da calçada. O comerciante deu a volta na chave do pequeno cadeado e a

sirene infernal se calou. No interior da tenda, a central de alarme continuava emitindo um bip com intervalos regulares.

Um monitor deixava uma luz verde na penumbra do aposento. O eletroencefalógrafo emitia uma série de ruídos estridentes a intervalos regulares. Betty entrou no aposento, acendeu a luz e se precipitou até a cama. Consultou o papel que saía da pequena impressora e pegou o telefone de imediato.

— Reanimação no 307! Localize Fernstein, esteja onde estiver, e diga-lhe que venha o mais breve possível. Avisem a cabina de neuro, e que suba um anestesista!

A névoa se estendia por todos os bairros baixos da cidade.

Lauren abandonou o banco e atravessou a rua, onde tudo parecia branco e negro. Quando entrou em Green Street, a noite estava se enchendo de nuvens. A chuva fina foi substituída por um temporal de verão. Lauren levantou a cabeça e olhou o céu. Sentou-se num muro e ali permaneceu, sob a chuva, contemplando a casa vitoriana erguida no alto de Pacific Heights.

Quando cessou o aguaceiro, entrou no vestíbulo, subiu a escada e entrou no seu apartamento.

Tinha os cabelos ensopados, deixou toda a roupa no salão, colocou um lenço nos cabelos, enrolando-se numa manta.

Na cozinha, abriu um armário e desarmou uma garrafa de bordeaux. Serviu-se de um copo grande, foi até o quarto, contemplando as torres de Ghirardelli Square, lá embaixo. Longe, ecoou na baía a sirena de um grande cargueiro que zarpava para a China. Lauren olhou de soslaio para o sofá que lhe abria os braços. Ignorou-o e avançou com passos decidido até a pequena biblioteca. Pegou um livro, deixou-o cair aos seus pés, começou com outro, e dominada por uma cólera fria, deixou cair todos os manuais no chão.

Quando as prateleiras ficaram vazias, empurrou a biblioteca e liberou a janela que se escondia por trás. Logo foi a vez do sofá e, lançando mão de toda sua força, o fez girar noventa graus. Titubeante, recuperou o copo que havia deixado no quarto e se deixou cair em cima do tapete. Arthur tinha razão: dali, a vista dos telhados das casas era esplêndida. Bebeu o vinho quase que de um trago só.

Na rua ainda úmida, uma senhora que passeava com seu cão levantou os olhos até uma casa onde uma só janela ainda dispensava um raio de luz na noite cinzenta. A mão de Lauren, entorpecida pelo sono, se abriu lentamente e o copo vazio rodou até os pés do sofá.

- Levem-no à cabine — gritou Betty ao plantonista de anestesia.
- Deixe que primeiro suba sua pressão.
- Não temos tempo.
- Diabos, Betty, eu sou o interno aqui.
- Doutor Stern, eu era enfermeira quando você ainda usava fraldas.

E se subirmos sua saturação sanguínea ao mesmo tempo que o levamos para cima?

Betty empurrou a maca até o corredor e o doutor Philipp Stern a seguiu arrastando o carro de reanimação.

- O que aconteceu? — perguntou —. Tudo estava normal.

Se tudo fosse normal, estaria em sua casa e consciente! Esta manhã estava sonolento e preferi submetê-lo à observação encefálica, que é o trabalho da enfermeira, mas saber o que se passou é tarefa do médico.

As rodas da maca giravam a toda velocidade; as portas do elevador estavam a ponto de fechar-se quando Betty gritou:

- Esperem! É uma emergência!

Um interno parou os batentes metálicos, Betty entrou na cabine e o doutor Stern fez girar o carro de reanimação.

- Que espécie de emergência? — interrogou o médico, curioso.

Betty o olhou de baixo para cima e respondeu: -- da de alguém que necessita de uma cama — e apertou o botão do quinto andar.

Enquanto a cabina se elevava, quis pegar o celular, que estava no bolso da bata, mas as portas do elevador logo se abriram no Serviço de Neurologia. Empurrou a maca com todas as forças até a cabine situada no outro extremo do corredor. Granelli a esperava na entrada da sala de pré-operatório. Inclinou-se sobre o paciente.

- Já nos conhecemos, não?

E como Arthur não respondesse, Granelli olhou para Betty.

- Eu o conheço, não?

- Redução de um hematoma subdural fulgurante, segunda passada.

- Ah, nesse caso temos um probleminha. Você avisou Fernstein?

- Já deve estar aqui! — disse o cirurgião, entrando por sua vez —.

Suponho que não vamos ter que operá-lo todas as semanas.

— Opere-o de uma vez por todas! — gritou Betty, abandonando o lugar.

Correu para o corredor e desceu com toda pressa ao andar de Urgência.

O barulho do telefone arrancou Lauren de seu sonho. Pegou o aparelho às tontas.

— Finalmente! — disse a voz de Betty —. É a terceira vez que chamo; onde você estava?

— Que horas são?

— Fernstein vai me matar se souber que a avisei.

Lauren se ajeitou no sofá e Betty lhe explicou que tinha subido para cirurgia o paciente do 307, que ela operara recentemente. O coração de Lauren começou a bater a mil por hora.

— Mas por que vocês o deixaram sair tão cedo? — perguntou, encolerizada.

— Do que você está falando? — interrogou Betty.

Não deveriam tê-lo autorizado a sair do hospital esta manhã, e você sabe muito bem do que estou falando, você lhe deu meu endereço!

— Você bebeu?

— Um pouquinho de nada, por quê?

— O que você está me contando? Não deixei de me ocupar do seu paciente, ele nem sequer se levantou de sua cama. Além do mais, eu nada lhe disse, em absoluto!

— Mas eu almocei com ele!

Houve um momento de silêncio e Betty pigarreou.

— Eu sabia, não deveria tê-la avisado!

— Suponho que sim, por quê?

— Porque, conhecendo-a como a conheço, você vai chegar aqui em meia hora, e, embriagada não vai adiantar nada.

Lauren olhou a garrafa que tinha deixado na pia da cozinha; só faltava o conteúdo de um copo grande de vinho, nada mais.

— Betty o paciente de quem você está falando, é...?

— Sim! E se você me disser que tomou lanche com ele quando se encontrava em observação esta manhã, vou hospitalizá-la quando você chegar aqui, e não em sua casa!

Betty desligou. Lauren olhou ao redor. O sofá não estava no mesmo lugar e quando viu os livros amontoados ao pé da biblioteca, acreditou que alguém tinha entrado para roubar seu apartamento. Negou-se a se abandonar à absurda sensação que a invadia. Havia uma explicação racional para o que estava vivendo, só tinha que encontrá-la. Sempre havia uma. Ao

levantar-se, pisou no copo e fez um grande corte no calcanhar. Seu sangue manchou o tapete.

— Só me faltava isto.

Foi pulando sobre uma perna só até o banheiro, mas a água não saía da torneira. Colocou o pé na banheira, estendeu o braço até o armário, pegou o frasco de álcool e o esvaziou sobre o ferimento. Sentiu uma enorme dor, respirou fundo para afastar a vertigem e retirou um por um os pedaços de vidro presos na carne. Curar os outros era uma coisa, mas intervir no próprio corpo era outra. Transcorreram dez minutos sem que conseguisse conter a hemorragia. Olhou o corte de novo; uma simples compressão não bastaria; teria que suturar. Levantou-se e abriu todos os frascos de uma estante em busca de um pacote de gases esterilizadas, mas não havia. Enrolou o pé numa toalha de banho, deu um nó que apertou o melhor que pode e saiu mancando, em direção ao roupeiro.

— Ele dorme como um anjo! — disse Granelli.

Fernstein consultou as imagens da ressonância magnética.

— Temia que se tratasse dessa pequena anomalia que não operei, mas não é o caso; o cérebro supurou, retiramos a drenagem muito cedo. É uma pequena pressão intracraniana. Aplico uma nova via de extração e tudo deverá ficar bem. Coloque uma hora de anestesia nele.

— Com muito gosto, estimado colega — respondeu Granelli, com humor excelente.

— Esperava dar-lhe alta na segunda, mas teremos que prolongar sua permanência, pelo menos mais uma semana, e não gosto disso — protestou Fernstein, fazendo uma incisão.

— E por quê? — perguntou Granelli, enquanto comprovava os sinais vitais nos monitores.

— Tenho meus motivos — disse o velho professor.

Colocar os jeans não foi tarefa fácil. Com um pé calçado e outro nu, Lauren fechou a porta do apartamento. De imediato, a escada pareceu-lhe mais hostil. No segundo andar, a dor aumentou muito para manter-se erguida. Sentou-se nos degraus e se deixou cair como se estivesse numa jornada caótica. Mancou até o carro e acionou o comando da garage. Sob um céu tormentoso, o velho Triumph circulou em direção ao Hospital San Francisco Memorial. Cada vez que precisava mudar a marcha, a dor era tanta que quase a fazia perder a consciência. Abaixou a janela em busca de um pouco de ar fresco.

O Saab de Paul descia a California Street a toda velocidade. Desde que saíram do restaurante, não tinha pronunciado palavra. Onega apoiou a mão em sua perna e o acariciou suavemente.

— Não se preocupe, não pode ser tão grave.

Paul não respondeu, virou na Market Street e subiu até a rua Vinte. Estavam jantando no alto da torre do Bank of America, quando tocou o celular de Paul. Uma enfermeira lhe disse que o estado de saúde de Paul tinha piorado; o paciente não se encontrava em condições de autorizar a intervenção à qual deveriam submetê-lo. Como Paul figurava na sua ficha de admissão, deveria apresentar-se ali, o mais breve possível, e assinar a autorização para a intervenção cirúrgica. Autorizou, por telefone, e, depois de abandonar precipitadamente o restaurante, correu para lá, em companhia de Onega.

El Triumph estacionou sob a marquise de Emergência. Um segurança se acercou da porta para indicar à condutora que não podia estacionar naquele lugar. Lauren apenas teve tempo de responder que era interna do hospital e que estava ferida. O agente pediu ajuda através do walkie-talkie: Lauren acabara de desmaiar.

Granelli inclinou-se sobre o monitor de controle e Fernstein detectou de imediato a inquietação que endurecia os traços do anestesista.

— Algum problema? — perguntou.

— Uma ligeira arritmia ventricular. Quanto antes terminarmos, melhor, desejaria despertá-lo o mais breve possível.

— Faço tudo o que posso, estimado colega.

Por trás do vidro, Betty, que tinha conseguido que a substituíssem uns minutos, não perdia um detalhe do que estava ocorrendo no centro cirúrgico. Consultou o relógio: Lauren não tardaria.

Paul se apresentou na recepção de Urgência. A auxiliar pediu-lhe que aguardasse na sala de espera. A enfermeira chefe estava em outro andar e não tardaria a voltar. Onega rodeou sua cintura com um braço e o levou para uma poltrona. Deixou-o por alguns instantes e colocou uma moeda na máquina de bebidas quentes. Escolheu um café curto, sem açúcar e foi até Paul, com o copo na mão.

— Tome — disse-lhe com sua voz bela e grave —, você não teve tempo de bebê-lo no restaurante.

— Lamento nossa noite — disse Paul com tristeza, levantando a cabeça.

— Você não tem porque se lamentar, e além do mais o pescado não estava muito bom.

— Verdade? — perguntou Paul, com aspecto preocupado.

— Não. Mas ao menos passaremos a noite juntos. Beba, antes que esfrie.

— Aconteceu no único dia em que não vim vê-lo!

Onega acariciou com infinita ternura os cabelos revoltos de Paul, enquanto ele a olhava com ar de menino abandonado no meio de um universo de adultos.

— Não posso perdê-lo; só tenho a ele.

Onega ouviu sem dizer nada; sentou-se ao lado de Paul e o apertou em seus braços.

— Em nossa terra temos uma canção que diz que enquanto pensamos numa pessoa, esta pessoa não morre nunca. Assim, pense nele, não em sua dor.

O doutor Stern entrou na cabina número 2, foi até a maca e pegou a ficha de admissão da paciente.

— Você me é familiar — disse.

— Trabalho aqui — respondeu Lauren.

— Sim, mas eu acabo de chegar; na quinta passada, todavia era residente em Boston.

— Então jamais nos vimos, eu estou de baixa forçada fazem oito dias e jamais coloquei os pés em Boston.

— Falando de pés, o seu está em péssimo estado; como se feriu assim?

— Da forma mais idiota.

— que significa...?

— Pisando num copo de cristal... descalça!

— E o conteúdo do copo está em seu estômago?

— Mais ou menos.

— Sua análise fala por si mesma: tem um pouco de álcool no sangue.

— Tampouco precisa exagerar — disse Lauren, tentando endireitar-se —, só bebi um copo de bordeaux.

Sua cabeça girou, sentiu que estava com náuseas e o interno teve o tempo certo de colocar uma bacia diante dela. Estendeu-lhe um lenço de papel e sorriu.

— Deixe que eu duvide, estimada colega. Segundo os resultados do laboratório que tenho aqui, eu diria também que você ingeriu a metade dos caranguejos da baía e uma garrafa de cabernet sauvignon. Muito má ideia misturar essas duas cores em uma mesma noite. O tinto e o branco não são bons amigos!

— O que você está dizendo...? — disse Lauren.

— Eu, nada; seu estômago...

Lauren deitou-se e sustentou a cabeça com as mãos, sem compreender o que estava ocorrendo.

— Tenho que sair daqui o quanto antes possível.

— Farei o que puder — disse Stern, mas primeiro tenho que costurá-la e aplicar uma vacina antitetânica. Você prefere anestesia local ou...?

Lauren o interrompeu para que começasse a cuidar do ferimento logo. O jovem residente procurou um kit sutura e sentou-se ao seu lado, num banco. Estava dando o terceiro ponto quando Betty entrou na cabina.

— Mas, o que aconteceu? — perguntou a enfermeira chefe.

— Creio que um bom corte! — respondeu o médico.

— Que ferimento mais feio — comentou Betty, olhando para o pé de Lauren.

— Como ele está? — perguntou Lauren, ignorando o interno.

— Acabo de descer do centro cirúrgico. Ainda não é certo, mas creio que vai sair dessa.

— O que aconteceu?

— Transpiração encefálica pós-operatória, retiraram-lhe a drenagem muito cedo.

— Betty, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Acaso tenho outra alternativa?

Lauren agarrou o pulso do Dr. Stern e pediu-lhe que as deixasse só por um momento. Ele pretendia primeiro terminar seu trabalho. Betty tirou-lhe a agulha dos dedos, ela mesmo concluiria a sutura. No vestíbulo de Emergência, tinha uma multidão de pacientes que necessitavam mais dele do que Lauren.

Stern olhou para Betty. Desceu do banco. Ela somente teria que encarregar-se do término do curativo e da vacina antitetânica. As enfermeiras-chefe dos serviços hospitalares tinham certa autoridade sobre os jovens residentes. Betty sentou-se junto a Lauren.

— Sou toda ouvidos — disse-lhe.

— Sei que vai parecer estranho o que vou lhe perguntar, mas, é possível que o paciente do 307 tenha escapado à sua atenção no dia de hoje? Juro que isso ficará apenas entre nós.

— Seja mais direta! — disse Betty, em tom quase indignado.

— Não sei, mas poderia talvez ter colocado um travesseiro ou vários em sua cama, para parecer a você que estivesse ali, e então, desaparecer algumas horas sem que você se desse conta. Ele é muito capaz de algo assim.

Betty ergueu os olhos para cima.

---Sinto muito por você, querida!

Stern reapareceu na cabina.

— Está certa de que já não nos vimos antes? Fiz alguns trabalhos aqui, fazem cinco anos e...

Fora! — ordenou Betty.

O professor Fernstein consultou seu relógio.

— Cinquenta e quatro minutos! Já pode despertá-lo — disse Fernstein enquanto saía da mesa.

O professor cumprimentou o anestesista e saiu de mal humor.

— O que acontece? — perguntou Granelli.

— Está cansado — respondeu Norma com voz triste.

A enfermeira se encarregou da venda, enquanto Granelli devolvia Arthur à vida.

As portas da cabina do elevador se abriram no andar de Emergência. Fernstein atravessou o corredor com passo rápido. Então, ouviu uma voz que chamou sua atenção. Receoso, colocou a cabeça pela cortina da cabina e descobriu Lauren sentada na maca, conversando com Betty.

— Você ainda não entendeu? Seu acesso neste hospital está proibido! Espero que não tenha se reintegrado às suas funções!

— Reintegrei-me eu mesma, como paciente.

Fernstein a olhou, em dúvida. Lauren ergueu, orgulhosamente a perna no ar, e Betty confirmou ao professor que acabara de lhe aplicar sete pontos de sutura no calcanhar.

Fernstein resmungou.

— Realmente, você é capaz de fazer qualquer coisa, só pelo prazer de me contrariar.

Lauren sentiu vontade de replicar, mas Betty, que estava de costas para o professor, lhe fez um sinal com os olhos para que se calasse.

Fernstein já tinha desaparecido e seus passos soavam no corredor. Atravessou o vestibulo e avisou, com tom autoritário à recepcionista que ia para casa; não queria ser incomodado, nem que o governador da California partisse o crânio durante a aula de ginástica.

— O que lhe fiz eu? — perguntou Lauren, entristecida.

— Não ligue! Desde que ele a suspendeu, trata assim a todo mundo. Aqui todos o aborrecem, menos você.

— Tá certo, mas preferiria que não me tratasse assim. Você ouviu como ele falou comigo?

Betty recolheu as vendas que sobraram e as guardou numa das gavetas do armário.

— Pois você, querida, tampouco pode se dizer que anda com um bom vocabulário! O curativo está pronto, você já pode andar por onde quiser, exceto nos andares superiores deste hospital.

— Você acha que já o colocaram no quarto?

— Quem? — inquiriu Betty com voz hipócrita enquanto voltava a fechar a porta do armário.

— Betty!

— Irei verificar, se você me jurar que não sairá daqui, enquanto eu não trazer a informação.

Lauren prometeu, fazendo um gesto com a cabeça e Betty saiu.

Fernstein atravessou o estacionamento. A dor o atingiu de novo, quando estava a poucos metros de seu carro. Era a primeira vez que tinha se manifestado durante uma operação. Sabia que Norma tinha adivinhado em seus traços a pontada que sentira na parte baixa do ventre. Os seis minutos que tinha ganho na cirurgia, só foram para seu paciente. Grossas gotas molhavam sua frente e a a vista se nublava um pouco mais, a cada passo. Um sabor metálico invadiu-lhe o paladar. Dobrado, levou a mão à boca, teve um acesso de tosse e o sangue se filtrou entre seus dedos. Somente mais uns metros, rezava Fernstein para que o segurança não o visse. Apoiou-se na porta e apertou o comando no bolso. Reunindo as poucas forças que lhe restavam, sentou-se ao volante e esperou a crise passar. A paisagem desapareceu por trás de um véu opaco.

Betty não estava. Lauren deslizou furtivamente pelo corredor e foi até o vestuário. Abriu um armário e pegou a primeira bata que encontrou, antes de tornar a sair, tão discretamente como tinha entrado. Abriu uma porta de serviço, atravessou um largo corredor onde um monte de canos desfilava

em cima de sua cabeça e apareceu no serviço de pediatria, na outra ala do prédio. Pegou o elevador da parte oeste até o terceiro andar, um caminho, destinado somente aos médicos, em sentido contrário, e, por fim saiu no serviço de neurologia. Deteve-se na porta do número 307.

Paul se colocou de pé num salto, com o rosto aturdido pela inquietação. Mas o sorriso de Betty, que se dirigia a ele, era apaziguador.

— O pior já passou — disse.

A cirurgia tinha se desenrolado a contento e Arthur repousava em seu aposento. Nem sequer precisou ficar na recuperação. O incidente dessa noite não mais era que uma pequena complicação pós-operatória, sem consequências.

Poderia fazer-lhe uma visita no dia seguinte. Paul queria ficar a noite toda ao seu lado, mas Betty o tranquilizou de novo; não tinha qualquer motivo para preocupar-se. Ela tinha seu número e o chamaria se acontecesse qualquer coisa.

— Mas, você me promete que nada de grave vai acontecer com ele?
— perguntou Paul com voz febril.

— Venha! — disse Onega, pegando seu braço— vamos para casa.

— Tudo está sob controle — afirmou Betty — vá descansar, você está branco como papel. Uma noite de sono lhe cairá muito bem. Eu cuidarei dele. Paul pegou a mão da enfermeira e a sacudiu energicamente, desmanchando-se em agradecimentos e desculpas, enquanto Onega quase teve que empurrá-lo à força para a saída.

— Se eu soubesse, queria estar no papel de seu melhor amigo; você é muito mais expressivo neste terreno! —disse ela, enquanto atravessavam o estacionamento.

— Nunca tive ocasião de cuidar de você doente — respondeu ele com uma espantosa calma, enquanto lhe abria a porta.

Paul instalou-se por trás do volante e olhou perplexo o carro estacionado ao lado do seu.

— Não vamos? — perguntou Onega.

— Veja este sujeito à direita: não está com aspecto muito bom.

— Estamos no estacionamento do hospital e você não é médico! Seu tonelzinho de San Bernardo já está vazio por hoje, Vamos embora.

El Saab abandonou seu lugar e saiu.

Lauren empurrou a porta e entrou. O lugar silencioso estava mergulhado na penumbra. Arthur entreabriu os olhos, pareceu sorrir-lhe e

tornou a dormir no mesmo instante. Ela avançou até o pé da cama, e o olhou, atentamente. Algumas palavras de Santiago surgiram em sua lembrança: ao abandonar o quarto de sua filha, havia voltado uma última vez, para dizer, em espanhol: “Si la vida fuese como un largo sueño, los sentimientos serían su orilla”.(Se a vida fosse um longo sonho, os sentimentos seriam sua margem). Lauren avançou na penumbra, inclinou-se e disse no ouvido de Arthur: — Hoje tive um sonho muito estranho. E desde que acordei, sonho em voltar a ele, sem saber porque e como fazê-lo. Gostaria de tornar a ver você, aí, onde você está dormindo.

Beijou sua fronte e a porta se fechou lentamente, atrás de seus passos.

Capítulo 16

O dia raiava sobre a baía de San Francisco. Fernstein reuniu-se com Norma na cozinha, sentou-se no banco, pegou a cafeteira e encheu os copos.

— Você chegou tarde ontem? — disse Norma.

— Tinha trabalho.

— Em troca, você saiu do hospital antes de mim.

— Tinha que tratar de assuntos na cidade.

Norma voltou-se com os olhos avermelhados.

— Eu também tenho medo, mas você nunca vê meu temor, somente pensa no seu. Você acredita que não me aterroriza a ideia de sobreviver sem você?

O professor abandonou seu tamborete e estreitou Norma nos braços.

— Lamento, mas jamais pensei que morrer fosse tão difícil.

— Você lida com a morte toda sua vida.

— Com a dos outros, não com a minha.

Norma susteve o rosto do amante entre as palmas das mãos e beijou sua face.

— Somente peço que você lute para conseguir uma prorrogação: dezoito meses, um ano... ainda não estou preparada.

— Para ser franco, tampouco eu.

— Então, aceite esse tratamento.

Ele se aproximou da janela. O sol raiava por trás das colinas de Tiburón. Inspirou profundamente.

— Quando Lauren obtiver o título, apresentarei minha demissão. Iremos a Nova Iorque, onde tenho um amigo que vai se encarregar de mim. Teremos sorte.

— Isso está certo? — perguntou Norma, com lágrimas nos olhos.

— Deixo que desconfie; mas, jamais menti a você!

— Por que não agora mesmo? Vamos amanhã.

— Eu disse que quando Lauren obtiver o título. Quero demitir-me de minhas funções, mas ao menos não vou deixar tudo de cabeça para baixo. E agora, você me prepara uma torrada com manteiga?

Paul deixou Onega em sua casa. Estacionou em fila dupla, desceu e deu a volta no carro com toda pressa. Pegou a porta, impedindo que ela a abrisse. Onega o olhou, sem compreender o que estava fazendo. Ele bateu no vidro e fez-lhe sinal para que abrisse a janela.

— Fique com o carro, vou pegar um táxi e voltar para o hospital. No chaveiro está a chave de minha casa. Fique com ela, eu tenho outra, no bolso.

Onega o olhou, intrigada.

— Bem, admito que é uma forma estúpida de dizer-lhe que adoraria que morássemos juntos — acrescentou Paul —. Se fosse por mim, inclusive todas as noites ficaria muito feliz, mas agora você tem sua chave, e, você decide, faça o que quiser.

— Sim, a verdade é que você tem razão: é uma forma estúpida — respondeu ela com voz suave.

— Eu sei, está última semana, perdi alguns neurônios. Mas a questão é que você parece gostar de mim, inclusive quando faço besteiras.

— É uma boa notícia.

— Vá, ou você perderá o despertar dele.

Paul olhou para o interior.

— Tenha cuidado, é muito delicado, sobretudo a embreagem.

Beijou Onega com frenesi, correu ao cruzamento e pegou um táxi.

Rumaram para o Hospital San Francisco Memorial.

Quando contasse para Arthur o que tinha acabado de fazer, com certeza ele lhe emprestaria seu velho Ford.

Lauren acordou ao compasso das marteladas que ecoavam em sua cabeça. As pontadas no pé obrigaram-na a tirar o curativo para comprovar como estava ferida.

— Merda! — disse, ao ver que inflamara —. Só me faltava isto!

Levantou-se, foi ao banheiro, mancando; abriu o armarinho, tirou a tampa da garrafa de antisséptico e colocou no calcanhar. A dor foi tão violenta, que soltou o frasco de álcool e este foi parar dentro da banheira. Lauren sabia muito bem que assim nada conseguiria. Tinha que limpar o ferimento em toda sua profundidade e tomar antibióticos. Uma infecção de tal natureza podia ter terríveis consequências. Vestiu-se e chamou a companhia de táxis. Não era aconselhável dirigir em tal estado.

Dez minutos mais tarde chegou ao hospital. Um paciente que esperava sua vez, fazia muito tempo, sugeriu-lhe com veemência que se sentasse como todo o mundo.

Ela mostrou-lhe sua credencial e entrou.

— O que você faz aqui? — perguntou Betty —. Se Fernstein a vir...

— Trate do meu pé, dói horrores.

— Para que você se queixe, tem que ser algo sério. Sente-se nesta cadeira de rodas.

— Não precisa exagerar, que cabine está livre?

— A três. E se apresse, estou aqui fazem vinte horas, nem sei como me aguento de pé.

— Você não pode descansar um pouco esta noite?

— Fiz uma pausa de alguns minutos ao amanhecer.

Betty a fez sentar-se na maca e retirou o curativo para ver o ferimento.

— Como você fez para que infeccionasse tão depressa?

Preparou uma injeção de lidocaína. Enquanto a anestesia local tinha liberado Lauren da dor, separou as bordas da cicatriz e limpou meticulosamente os tecidos infeccionados. Depois, preparou um novo kit de sutura.

— Você quer que eu faça ou você mesma o faz?

— Melhor você, mas primeiro faça-me uma drenagem, não quero correr qualquer risco.

— Sinto, mas vai ficar uma grande cicatriz.

— Uma a mais não faz mal.

Enquanto a enfermeira trabalhava, Lauren pegou o lençol com os dedos. Quando Betty lhe deu as costas, aproveitou para fazer-lhe uma pergunta que ardia em seus lábios.

— Como está ele?

— Acordou em plena forma. Esteve, a ponto de morrer durante a noite e a única coisa que lhe interessa saber é quando poderá sair daqui. Juro a você que neste serviço vemos de tudo!

— Não aperte muito o curativo.

— Estou fazendo o que posso, e proíbo-a de subir ao andar onde ele está.

— E se eu me perder nos corredores?

Lauren, não faça tolices! Você está brincando com fogo. Faltam apenas poucos meses para acabar o internato, não coloque tudo a perder, agora.

— Pensei muito nele, esta noite, e de uma forma bem estranha.

— Muito bem, pois continue pensando esta semana e você o verá no próximo domingo. A princípio, ele terá alta no sábado. Contrariamente a seu fantasma da Ópera, este tem uma identidade, um endereço e um telefone. Se você quiser voltar a vê-lo, chame-o quando ele sair.

— É o meu sujeito — replicou Lauren com voz tímida.

Betty levantou seu queixo e a olhou, enternecida.

— Diga-me uma coisa: você não está sofrendo um derrame sentimental? Nunca ouvi você pronunciar palavras tão doces.

Lauren tirou a mão de Betty.

— Não sei muito bem o que se passa comigo, só desejo vê-lo e comprovar por mim mesma que ele está bem. Não deixa de ser meu paciente!

— Tenho uma ligeira ideia do que se passa, você quer que eu explique?

— Pare de zombar de mim. Não é tão simples!

Betty começou a rir.

— Não estou zombando, mas você está desconcertante; bem, vou deixá-la e, tentarei repousar um pouco. Não faça bobagens.

Pegou uma pequena tábua e a colocou sob o pé de Lauren.

— Com isto, você andarás melhor. Pegue antibióticos na farmácia central. Tem um par de muletas neste armário.

Betty desapareceu atrás da cortina e regressou em seguida.

— E, se por acaso você não mais souber orientar-se neste hospital, a farmácia central está no sótão, não vá confundir com o serviço de neurologia: são os mesmos elevadores!

Lauren a ouviu afastar-se pelo corredor.

Paul estava diante da cama de Arthur. Abriu uma bolsa cheia de croissants e pasteizinhos de chocolate.

— Foi muito feio retornar ao centro cirúrgico em minha ausência. Espero que tenho sabido trabalhar sem mim. Como você está hoje?

— Muito bem, deixando de lado que já estou farto. E você? Seu aspecto não é muito bom.

— Você me fez passar uma noite terrível.

Lauren pegou o bloco de receitas do mostruário e se prescreveu um potente antibiótico. Assinou a folha e a entregou ao empregado.

— Não é para andar com meninas, está tratando uma infecção generalizada?

— Meu cavalo tem muita febre!

— Com isto, estará de pé num dia!

O empregado foi para trás das prateleiras e voltou instantes depois com um frasco na mão.

— Tome-o com cautela, de qualquer forma; gosto dos animais, e com isto, você poderá matá-lo.

Lauren não respondeu, apenas pegou o medicamento e voltou ao elevador. Pensou muito antes de apertar o botão no terceiro andar. No andar inferior, um técnico entrou na cabina empurrando um aparelho de eletroencefalografia. A tela estava rodeada por uma tira de plástico amarela.

— Qual andar? — perguntou Lauren.

— Neurocirurgia.

— Está estragada?

— Estas máquinas são cada vez mais sofisticadas, mas também, mais caprichosas. Esta, ontem, cuspiu a bobina de papel com um traço incompreensível. Não registrava hiperatividade cerebral, senão a corrente de uma central elétrica. O pessoal da manutenção passou três horas com ela e dizem que nada tem. Interferências, seguramente.

— O que você fez ontem à noite? — perguntou Arthur.

— Que curiosidade, não? Jantei com uma garota.

Arthur olhou seu amigo com ar inquisidor.

— Onega — confessou Paul.

— Continuam se vendo?

— Mais ou menos.

— O que significa este tom estranho?

— Temo ter cometido uma bobagem.

— De que tipo?

— Dei a ela as chaves de minha casa.

O rosto de Arthur se iluminou; quase tinha se esquecido de que queria fazer Paul se enraivecer, mas este se levantou e foi para a frente da janela com a expressão inquieta.

— É o que você lamenta?

— Receio tê-la assustado, talvez tenha ido muito depressa.

— Você está enamorado?

— Não seria impossível.

— Então, fie-se no seu instinto. Se você fez isso foi porque o desejava, e ela não notará. Não há porque se envergonhar de compartilhar os sentimentos, acredite em mim.

— Então, não dei um fora? — perguntou Paul, com o rosto esperançoso.

— Nunca o vi nesse estado. Não há qualquer razão para você se preocupar.

— Ela não me telefonou.

— Desde quando?

Paul consultou seu relógio.

— Fazem duas horas.

— Tanto? Você está apaixonado! Dê-lhe tempo para saborear seu gesto, e também, para que deixe livre, sua linha telefônica: ela tem que ligar para todas as suas amigas, para contar-lhes que fez cair o solteiro mais cobiçado de San Francisco.

— Sim. Muito bonito, agora é tarde, mas eu gostaria de vê-lo na minha pele; não sei muito bem o que acontece, mas sinto frio, calor, tenho as mãos úmidas, me dói a barriga e minha boca está seca.

— Você está enamorado!

— Eu sabia que não tinha sido feito para isso: me sinto doente.

— Você verá que os efeitos secundários são magníficos.

Uma interna passou diante do vidro.

Paul abriu os olhos, estupefato.

— Incomodo? — perguntou Lauren, entrando.

— Não — disse Paul.

Disponha-se a ir buscar um café na máquina. Ofereceu um a Arthur, e Lauren respondeu em seu lugar, que não era muito recomendável. Paul se eclipsou.

— Você se feriu? — se inquietou Arthur.

— Um acidente absurdo — confessou Lauren, pegando a folha do histórico ao pé da cama.

Arthur olhou a tábua.

— O que aconteceu?

— Uma indigestão na festa do caranguejo!

— E alguém pode ferir o pé com isso?

— Não é mais que um corte traiçoeiro.

— Eles as pegaram com as pinças, os caranguejos?

— Você não tem a menor ideia sobre o que estou falando, não é assim?

— Não muita, é verdade. Mas se você me explicasse um pouco mais...

— E você, como passou a noite?

— Foi muito movimentada.

— Saiu de sua cama? — perguntou Lauren, cheia de esperança.

— Eu me fundi com ela; meu cérebro esquentou demais, e tiveram que levar-me urgentemente ao centro cirúrgico.

Lauren o olhou atentamente.

— O que foi? — perguntou Arthur.

— Nada, uma estupidez.

— Tem algum problema com meus resultados?

— Não, não se preocupe, não tem nada a ver com isso — disse ela com voz suave.

— Então, do que se trata?

Lauren se apoiou na ponta da cama.

— Você não se lembra de...?

— De quê? — a interrompeu Arthur, febril.

— Deixe, é completamente ridículo, não faz qualquer sentido.

— Diga-me de qualquer jeito!

Lauren foi até a janela.

— Eu nunca bebo álcool, e já vejo, creio que peguei o maior pileque de minha vida.

Arthur permaneceu em silêncio; ela se virou e as palavras surgiram de sua boca, sem que pudesse sequer detê-las.

— Não é muito simples de...

Uma mulher entrou, oculta por trás de um imenso ramo de flores. Deixou-o sobre a mesa de rodas e avançou até a cama.

— Deus meu, quanto me apavorei! — exclamou Carol Ann, enquanto abraçava Arthur.

Lauren observou a aliança carregada de diamantes que ornava o dedo anular da mão esquerda da mulher.

— Era uma besteira — murmurou Lauren —, só queria saber como você estava, deixo-o com sua prometida.

Carol Ann abraçou Arthur mais forte ainda, e acariciou suas faces.

Você sabia quem alguns países, você pertence para sempre à pessoa que salvou sua vida?

— Carol Ann, você está me afogando.

A jovem, um pouco confusa, afrouxou o abraço, se endireitou e arrumou a saia. Arthur procurou o olhar de Lauren, mas ela já não estava ali.

Paul, que vinha pelo corredor, viu Lauren ao longe, avançando até ele. Ao cruzar com ela, deu-lhe um sorriso cúmplice que ela não lhe retribuiu. Ele encolheu os ombros e prosseguiu seu caminho até onde estava Arthur e não acreditou quando viu Carol-Ann sentada na cadeira junto à janela.

— Bom dia, Paul — disse Carol Ann.

— Meu Deus! — ele gritou, deixando cair o café.

Abaixou-se para pegar o copo de plástico.

— As catástrofes nunca chegam sozinhas — disse, enquanto se endireitava.

— Devo tomar como um cumprimento? — perguntou Carol Ann em um tom rompido.

— Se eu fosse bem-educado, diria que sim, mas você já me conhece; sou de natureza grosseira!

Carol Ann se levantou da cadeira, ofendida, e olhou para Arthur.

— E você, não diz nada?

— Carol Ann, realmente me pergunto se você não me traz má sorte.

Ela pegou o ramo de flores e saiu batendo a porta.

— E agora, o que você vai fazer? — continuou Paul.

— Sair daqui o mais rápido possível!

Paul deu uma volta no aposento.

— O que foi?

— Não me perdoe.

— O quê?

— Ter demorado tanto para compreender...

E Paul começou a andar de um lado para o outro.

— Você entenderá, que eu nunca os tinha visto juntos, enfim, quero dizer, ambos conscientes ao mesmo tempo. Não deixa de ser algo bastante complicado para os dois.

Mas, ao ver os dois através do vidro, Paul tinha compreendido: talvez nem sequer eles mesmo o soubessem, mas era evidente que Lauren e Arthur formavam um casal único.

— Assim, não sei o que você deve fazer, mas faça-o, Arthur.

— E o que você quer que eu lhe diga? Que nós queremos um ao outro até o ponto de planejar juntos todos os projetos do mundo, mas que ela não se lembra?

— Diga-lhe, que para melhor protegê-la, você foi construiu um museu do outro lado do oceano e que não podia deixar de pensar nela; diga-lhe que ao regressar da viagem, você estava tão apaixonado por ela, como antes.

Arthur tinha um nó garganta e já não podia responder ao seu amigo. Então, a voz de Paul se elevou ainda mais.

— Você sonhou de tal forma com ela, que me convenceu a entrar no seu sonho. Um dia você me disse: “Enquanto alguém faz cálculos e analisa os prós e os contras, a vida passa, sem que se passe nada.” Assim, pense depressa. Foi, graças a você que dei minhas chaves para Onega. Ela continua sem me telefonar, e, todavia, jamais me senti tão leve, em toda minha vida. Agora, deixe que eu lhe devolva o favor, amigo. Não renuncie a Lauren antes de ter tido tempo sequer de amá-la na vida real.

— Estou num beco sem saída, Paul. Jamais poderia viver ao lado dela, na mentira, mas tampouco posso lhe explicar tudo o que aconteceu realmente... a lista é grande! Curiosamente, com frequência nos cansamos da pessoa que nos conta uma verdade difícil de escutar ou impossível de se crer.

Paul aproximou-se da cama.

— O que o assusta é dizer-lhe a verdade a respeito da mãe dela, meu amigo. Lembre-se do que nos dizia Lili: é melhor lutar para tornar realidade um sonho do que um projeto.

Paul levantou-se e foi até a porta, apoiou uma rodinha no piso, e com um sorriso nos lábios, declamou: “Se o amor vive de esperança, também

morre com ela! Boa noite, Don Rodrigo!”

E saiu.

Paul estava procurando as chaves do carro no fundo do bolso, e só encontrou o celular. Uma pequena mensagem estava na tela. Era de Onega e dizia: “Até agora? Se apresse!” Paul olhou para o céu e lançou um grito de alegria.

— Por que tanta alegria? — perguntou Lauren, que estava esperando um táxi.

— Porque lhe emprestei meu carro! — respondeu Paul.

Que cereais você tomou esta manhã no desjejum? Ela disse, imitando-o no sorriso.

Um táxi da Yellow Cab Company parou diante deles. Lauren abriu a porta e fez sinal para que Paul subisse.

— Vamos!

Paul instalou-se ao seu lado.

— Green Street! — disse ao motorista.

— Mora nesta rua? — perguntou Lauren.

— Eu não, mas você sim!

Lauren o olhou, desconcertada. Paul tinha uma expressão pensativa e sussurrava com voz baixa: “Vai me matar; se faço isso, vai me matar!”

— Se você fizer o quê? — perguntou Lauren.

— Aperte, primeiro o cinto — aconselhou Paul.

Ela o olhou fixamente, cada vez mais intrigada. Paul vacilou uns segundos, respirou fundo e se aproximou dela.

— Antes de tudo, um esclarecimento: a louca furiosa do aposento de Arthur com o ramo de flores imundas era uma de suas ex, uma ex que data da pré-história, em resumo, um erro.

— O que mais?

— Não posso. Realmente vai me assassinar, se continuo.

— Seu companheiro é perigoso a tal ponto? — se inquietou o motorista do táxi.

— Mas, o que estou dizendo? Se Arthur não mata sequer uma mosca! — disse Paul com tom irritado.

— É verdade? — perguntou Lauren.

— Está convencido de que sua mãe é a reencarnação de uma mosca!

— Ah! — disse Lauren, olhando para longe.

— É absolutamente estúpido que tenha dito isso, vai parecer-lhe muito estranho, não é? prosseguiu Paul, com voz irritada.

— Agora que você o disse — interrompeu o motorista —, semana passada levei meus filhos ao zoo e o menor me disse que um dos hipopótamos era igualzinho à sua avó. Talvez retorne para vê-lo melhor!

Paul o fustigou com o olhar pelo retrovisor.

— Enfim, eu me arrisco — disse, pegando a mão de Lauren — Na ambulância que nos levava ao San Pedro, você me perguntou se alguém próximo a mim, tinha estado em coma, lembra-se?

— Sim, perfeitamente.

Pois bem, neste mesmo instante, essa pessoa está sentada ao meu lado! Já é hora de que lhe explique duas ou três coisas.

O veículo abandonou o Hospital San Francisco Memorial e subiu até Pacific Heights. Em algumas ocasiões, o destino necessita de um pequeno empurrão; aquele dia, era uma questão de amizade segurar-lhe a mão.

Paul lhe contou como, em uma noite de verão, tinha se disfarçado de enfermeiro e Arthur de médico para levarem a bordo de uma velha ambulância o corpo de uma jovem que estava em coma, e a quem queriam desligar, no hospital, os aparelhos que a mantinham com vida.

As ruas da cidade desfilavam do outro lado do vidro.

De vez em quando, o motorista lançava um olhar perplexo pelo retrovisor. Lauren ouvia o relato, sem interromper em nenhum momento. Na realidade, Paul não tinha traído o segredo de seu amigo. Se bem que, agora, Lauren conhecesse a identidade do homem que a estava velando quando despertou, continuava ignorando tudo o que tinha vivido com ele, enquanto ela se encontrava em coma.

— Pare! — suplicou Lauren com voz trêmula.

— Agora? — perguntou o motorista.

— Não me sinto bem.

O veículo estacionou com um estridente ruído de pneus. Lauren abriu a porta e foi mancando até o acostamento de grama que seguia a calçada.

Inclinou-se para resistir melhor às náuseas que a fustigavam. Sentia um ardor no rosto, uma sensação de calor, ainda que estivesse tremendo. O enjoo não a deixava respirar.

As pálpebras lhe pesavam e os ruídos lhe chegavam amortecidos. Tremiam-lhe as pernas, vacilou e o motorista e Paul a ampararam.

Caiu de joelhos sobre a relva e apertou a cabeça com as mãos, justo antes de perder a consciência.

— Temos que pedir ajuda! — exclamou Paul, tomado de pânico.

Deixe que me ocupo. Tenho o diploma de primeiros socorros, o farei boca a boca — respondeu o motorista, mais calmo.

— Vamos esclarecer: se você colocar seus lábios nesta moça, você vai ver!

— Eu o disse, para ajudar! — respondeu o motorista com enfado.

Paul aproximou-se de Lauren e bateu em suas faces, suavemente.

— Senhorita? — sussurrou ele, com voz delicada.

— Estupendo! Assim eu lhe asseguro que ela não despertará!

Resmungou o condutor.

— Ouça, vá fazer o boca a boca no hipopótamo de sua mãe e me esqueça!

Paul colocou as mãos no queixo e pressionou com todas as forças sobre a articulação das mandíbulas de Lauren.

— Mas, o que você está fazendo? Vai deslocar sua mandíbula!

— Sei perfeitamente o que faço! — disse Paul —. Sou cirurgião interino!

Lauren abriu os olhos e olhou Paul e o motorista de cima para baixo, com expressão mais do que satisfeita.

Os dois homens ajudaram-na a subir novamente no carro.

Havia recuperado a cor. Abaixou a janela e aspirou bastante.

— Sinto muito, já estou melhor.

— Não deveria ter lhe contado tudo isso, não é verdade? — prosseguiu Paul com voz excitada.

— Se você tem outras coisas para me contar, e já que chegamos até aqui... prossiga, agora é o momento!

— Creio que isso é tudo.

Quando o táxi entrava na Green Street, Lauren perguntou a Paul sobre os motivos de seu amigo. Por que tinha corrido tantos riscos?

— É um segredo que não posso trair. Agora, estou me perguntando se Arthur me afogará ou se me imolará com fogo, quando souber que eu contei para você; não, talvez, também, compre uma urna para minhas cinzas!

— Creio que o fez porque estava apaixonado por você — afirmou o motorista, cada vez mais embevecido pela conversa.

O veículo parou diante da casa de Lauren e o motorista voltou-se para seus clientes.

— Se vocês quiserem, desligo o taxímetro, e podemos dar umas voltas pelo quarteirão. Assim, passeamos um pouco, somente no caso de terem mais coisas para contar.

Lauren inclinou-se por cima de Paul para abrir sua porta. Ele a olhou, surpreso.

— É você quem mora aqui, não eu — disse-lhe.

— Eu sei — respondeu ela —, mas quem desce é você, eu mudei de destino.

— Onde você vai? — quis saber Paul, inquieto, enquanto saía do táxi. A porta se fechou e o táxi desapareceu por Green Street.

— E eu, posso saber onde vamos, senhorita? — perguntou o chofer.

— Ao mesmo lugar do qual viemos — respondeu Lauren.

A senhora Morrison tinha escondido Pablo em seu bolso para atravessar o vestíbulo do hospital. O cãozinho se instalou nos joelhos de Arthur. Na tela do televisor que estava na parede, Scarlett O'Hara descia os degraus de uma grande escadaria e Pablo, sobre a cama, abanava o rabo. Quando Rhett Butler entrou na casa e se aproximou de Scarlett, o cão se ergueu nas patas traseiras e se pôs a grunhir.

— Nunca o havia visto assim — comentou Arthur.

— Também me surpreende: não gostou nada do livro — replicou Rose.

Scarlett olhava Rhett, desafiante, quando tocou o telefone. Arthur atendeu sem desviar a vista da tv.

— Incomodo? — perguntou Paul com voz trêmula.

— Sinto, não posso falar agora, estou com os médicos. Chamo depois.

E Arthur desligou, deixando Paul, sozinho, no meio de Green Street.

— Merda! — exclamou este último enquanto caminhava com as mãos nos bolsos.

O filme dos dez Oscars terminara. A senhora Morrison colocou Pablo no bolso e prometeu a Arthur que voltaria a visitá-lo brevemente.

— Não precisa, sairei dentro de alguns dias.

Ao sair, Rose cruzou no corredor com uma interna, que vinha em sentido contrário. Onde a tinha visto antes?

Capítulo 17

Está tudo bem? — perguntou Lauren aos pés da cama —. Não ficará ruim se eu me sentar nesta cadeira? Acrescentou, com voz quebrada.

— Claro que não — disse Arthur, endireitando-se.

— E se eu ficar quinze dias, também não o molestarei?

Arthur a fitou, desconcertado.

— Levei seu amigo Paul no meu táxi e tivemos uma pequena conversa...

— Ah, sim? E o que ele lhe disse?

— Quase tudo!

Arthur baixou o olhar.

— Lamento.

O quê? Salvar-me a vida ou fazer como se nada houvesse acontecido? Quando o curei pela primeira vez, você me reconheceu, não foi? Porque espero que não sequestre mulheres, com tanta frequência, de modo a não ter reconhecido meu rosto.

— Jamais a esqueci.

Lauren cruzou os braços.

— E agora, você terá que me explicar porque fez tudo aquilo.

— Para que não desligassem os aparelhos!

— Isso já sei, o que seu amigo fez, foi negar— se a me dizer o resto.

— Que resto?

— Por que eu? Por que correu tantos riscos por uma desconhecida?

— Você fez o mesmo por mim, lembra-se?

— Mas você era meu paciente, maldição! Eu, quem era eu para você?

Arthur não respondeu. Lauren se aproximou da janela. Um jardineiro aparava a grama. A jovem virou-se bruscamente; sua expressão mostrava sua cólera.

— A confiança é o que há de mais precioso neste mundo, e também o mais frágil. Sem ela, nada é possível. Ninguém confia em mim, e se você também segue por esse caminho, não temos muita coisa a nos dizer. O que se constrói sobre a mentira não pode durar.

— Sei perfeitamente, mas tenho meus motivos.

— Gostaria de respeitar seus motivos, mas também dizem respeito a mim, não? É o cúmulo: foi a mim que você sequestrou!

— Você também me sequestrou, estamos empatados!

Lauren o fuzilou com o olhar e se dirigiu à porta. Antes de sair, deu a volta e lhe disse com voz resoluta: — Você gosta de mim, imbecil!

Bateu a porta e Arthur ouviu como seguia.

O telefone tocou.

— E agora, o incomodo? — indagou a voz de Paul.

— Você tinha algo para me dizer?

— Você vai rir, mas creio que dei um fora.

— Suprima o “Você vai rir”: ela acaba de ir embora

Arthur podia ouvir a respiração de Paul, que estava buscando as palavras adequadas.

— Você me odeia?

— Onega telefonou para você? — perguntou Arthur como resposta.

— Janto com ela à noite — murmurou Paul timidamente.

— Então, vá se preparar e me deixe refletir.

— Ficamos assim.

E os dois amigos desligaram.

— Foi tudo bem? — perguntou o motorista para Lauren.

— Eu não sei.

— Durante sua ausência, chamei minha mulher e lhe falei que chegaria tarde, estou à sua inteira disposição. Assim, para onde vamos agora?

Lauren perguntou se poderia lhe emprestar o telefone. Encantado, o chofer lhe entregou o aparelho e Lauren discou o número de um apartamento situado não muito longe de Marina.

A senhora Kline atendeu de imediato.

— Você tem partida de bridge essa noite? — quis saber Lauren.

— Sim— respondeu a senhora Kline.

— Pois cancele-a e se arrume. Vou levá-la para jantar no restaurante, passarei para pegá-la em uma hora.

O motorista deixou Lauren em sua casa e esperou enquanto ela se trocava.

Lauren atravessou o salão enquanto se despia, deixando a roupa cair no assoalho. Seu vizinho tinha reparado a fuga. Na ducha, procurou manter o pé direito fora d’água. Instantes depois, saiu, enrolou uma toalha em volta da cintura e outra nos cabelos; abriu a porta do armário do banheiro e começou a cantarolar sua canção favorita, Fever, de Peggy Lee. Hesitou

entre jeans e um vestido leve, e para agradar à sua convidada daquela noite, optou pelo vestido.

Já pronta e pouco maquilada, foi até a janela do salão; o táxi continuava na rua. Sentou-se, então, no sofá, pensativa, desfrutando, pela primeira vez o magnífico pôr do sol que entrava por aquela janela da esquina.

Eram sete horas da noite, quando o taxi fez soar a buzina diante da casa da Sra. Kline. A mãe de Lauren entrou no carro e olhou para sua filha. Fazia anos que não a via vestida assim.

— Posso fazer uma pergunta? — murmurou-lhe ao ouvido —. Como é possível que o taxímetro marque oitenta dólares?

— Vou explicar, enquanto jantamos. Vou deixar que você pague a corrida, nunca levo dinheiro vivo. Mas a janta é por minha conta.

Espero que não seja num fast food

— Para o Cliff House — disse Lauren ao motorista.

Paul subiu de quatro em quatro os degraus da escadaria que conduzia ao seu apartamento. Onega estava sobre o tapete, chorando muito.

— O que foi? — perguntou ele, enroscando-se ao lado dela.

— Tolstoi — disse, fechando o livro —. Jamais conseguirei terminar Ana Karenina!

Paul a abraçou e lançou o livro até a outra extremidade da casa.

— Levante-se, temos algo a celebrar!

— O quê? — perguntou, enxugando os olhos.

Paul foi à cozinha e voltou com dois copos e uma garrafa de vodca.

— A Ana Karenina — disse, brindando.

Onega esvaziou o copo e esboçou o gesto de lançá-lo por cima do ombro.

— Você teme por seu tapete?

— É um tapete persa de 1910! Vamos jantar fora?

— Se você quiser, já sei onde quero ir.

E Onega levou Paul e a garrafa de vodca para o dormitório. Fechou a porta com a ponta do pé.

O professor Fernstein deixou a maleta de Norma na mansão espetacular de Wine Country Inn. Durante meses tinham combinado esta escapada ao vale de Nappa.

Depois de almoçar em Sonoma, rumaram para Calistoga e essa noite dormiriam em Santa Helena. A decisão merecia ser celebrada. Na véspera,

Fernstein tinha redigido uma nota ao Conselho do Hospital Memorial, anunciando sua vontade de antecipar a aposentadoria, alguns meses. Em outra carta endereçada à direção geral do serviço de Emergência, tinha recomendado que a doutora Lauren Kline obtivesse seu título o quanto antes possível, pois seria lamentável se outro hospital desfrutasse das qualidades de sua melhor aluna.

Na próxima segunda, Norma e ele pegariam o avião para Nova Iorque. Mas antes de reencontrar-se com a cidade que o havia visto nascer, estava decidido a aproveitar seus últimos dias na Califórnia.

Às nove em ponto, George Pilguez deixou Nathalia diante da delegacia do sétimo distrito.

— Preparei bolachas para você e coloquei-as no seu bolso.

Ela beijou seus lábios e saiu do veículo. Pilguez abaixou a janela e a chamou enquanto subia a escadaria da delegacia.

— Se algum de meus antigos colegas quiser saber quem fez estas maravilhosas bolachas, resista: este plantão só dura quarenta e oito horas...

Nathalia fez um pequeno gesto e desapareceu no interior do prédio; Pilguez permaneceu alguns instantes no estacionamento, perguntando-se se seria a idade ou a aposentadoria o que fazia da solidão algo cada vez menos suportável. “Talvez uma mistura de ambas as coisas”, disse para si próprio, enquanto arrancava.

Era uma noite estrelada. Lauren e a senhora Kline passeavam com Kali pela Marina.

— A janta estava deliciosa. Fazia tempo que não desfrutava tanto. Obrigada.

— Queria convidá-la eu, por que não me deixou pagar?

— Porque seu salário não o permite, e porque ainda sou sua mãe.

No pequeno porto desportivo, os mastros dos veleiros chiavam ao ritmo da brisa ligeira. O ar era agradável. A senhora Kline atirou para longe o pedaço de pau que tinha na mão e Kali correu em sua perseguição.

— Você queria celebrar uma boa notícia?

— Não especialmente — respondeu Lauren.

— Então, qual o motivo desse jantar?

Lauren parou para olhar a mãe de frente e pegou suas mãos entre as suas.

— Você está com frio?

— Não especialmente — respondeu a senhora Kline.

— Eu teria tomado a mesma decisão no seu lugar; teria pedido, eu mesma teria feito o pedido a você.

— O que você me teria pedido?

— Que desligassem as máquinas!

Os olhos de Emily Kline se encheram de lágrimas.

— Desde quando você sabe?

— Mamãe, quero que nunca mais você torne a ter medo de mim; nós duas temos caráter, somos diferentes e nossas vidas não serão iguais. Mas, apesar de meus estouros, de meu gênio, jamais a julguei nem irei fazê-lo nunca. Você é minha mãe, e é assim que a sinto em meu coração, e, aconteça o que acontecer, será o lugar que você ocupará até o fim de meus dias.

A Sra. Kline estreitou sua filha nos braços, enquanto Kali regressava e se colava entre as duas mulheres. Depois de tudo, ela também ocupava um lugar.

— Você quer uma carona? — perguntou a senhora Kline, secando os olhos com as costas da mão.

— Não, vou caminhar, preciso fazer a digestão.

Lauren se afastou, saudando sua mãe com um gesto. Kali hesitou alguns instantes, voltando a cabeça à direita e à esquerda. Apertando o pau entre suas mandíbulas com todas suas forças, lançou-se à dona. Lauren se abaixou, acariciou sua cabeça e murmurou no ouvido da cadelinha: — Vá com ela; não quero que ela fique só esta noite.

Pegou o pedaço de madeira e o lançou até sua mãe. Kali se afastou, latindo, até Emily Kline.

— Lauren?

— Sim?

— Ninguém acreditava, foi um milagre.

— Eu sei!

Sua mãe se aproximou.

— As flores de seu apartamento... não fui eu quem as deu para você.

Lauren a olhou, intrigada. A senhora Kline colocou a mão no bolso e tirou uma carta enrugada que entregou à sua filha.

Entre as dobras do papel, Lauren leu as duas palavras escritas.

Sorriu e beijou sua mãe, antes de sair apressadamente.

Os primeiros clarões do dia cintilavam na baía.

Arthur estava acordado. Levantou-se e se aventurou pelo corredor. Percorreu o piso de linóleo, saltando de um quadro negro para um branco como num tabuleiro de xadrez, sem fim.

A enfermeira do andar saiu de seu posto para ir ao seu encontro. Arthur lhe assegurou que se encontrava bem. Ela recebeu a notícia com satisfação e o acampanhou, de novo, ao seu aposento. Devia ter um pouco mais de paciência: no final da semana, poderia sair.

Quando a enfermeira desapareceu, Arthur pegou o telefone e discou um numero. Paul atendeu.

— Incomodo?

— Em absoluto — mentiu Paul — ; não quero olhar o relógio!

Você tinha razão! — disse Arthur, entusiasmado —. Vou devolver a cor à casa, restaurarei a fachada, arrumarei as janelas, lixarei e envernizarei todos os pisos, incluindo o do alpendre; faremos que aquele artesão do qual me falaste, lustra todos os ladrilhos; vou reformá-la por inteiro, será como antes, até o balanço recobrará sua juventude.

Paul se estirou. Com os olhos fechados pelo sono, olhou o despertador em cima da mesa de cabeceira.

Você está numa reunião de obra às 05h45 da manhã?

— Reconstruirei o telhado da garage na zona alta do jardim, plantarei outra vez as roseiras e devolverei a vida àquele lugar.

— Você quer fazê-lo agora ou pode esperar um pouquinho? perguntou Paul cada vez mais enervado.

— Você começará a fazer os cálculos na segunda — prosseguiu Arthur com entusiasmo —, as obras se iniciarão dentro de um mês e eu irei todos os finais de semana para ver como está, até que termine. Você me ajudará?

— Agora vou dormir. Se nos meus sonhos eu cruzar com um carpinteiro, pedirei um orçamento e tornarei a chamar você, quando acordar; papagaios!

E desligou.

— Quem era? — quis saber Onega, chegando-se para perto dele.

— Um louco!

A tarde definhava sob o calor estival. Lauren estacionou atrás da zona reservada aos veículos policiais. Entrou na delegacia e explicou ao agente de plantão que queria ver um inspetor que estava aposentado; seu nome era

George Pilguez. O policial apontou para um banco que estava adiante. Pegou o telefone e discou um número.

Depois de alguns minutos de conversação, rabiscou um endereço num bloco de notas e fez um sinal para que Lauren se aproximasse.

— Tome — falou, estendendo-lhe uma folha —. Ele a espera.

A casinha ficava no outro extremo da cidade, entre as ruas Quinze e Dezesesseis. Lauren estacionou na avenida. George Pilguez estava no jardim, oculto entre as tesouras de podar e as rosas que acabara de cortar.

— Quantos semáforos você avançou? — disse, olhando o relógio —. Eu nunca consegui fazer esse tempo, mesmo com a sirene.

— Bonitas flores! — respondeu Lauren.

Incômodo, o inspetor propôs a Lauren que se sentasse sob a pérgola.

— O que posso fazer por você?

— Por que não o deteve?

— Devo ter perdido algo: não compreendo sua pergunta.

— O arquiteto! Sei que foi você quem me devolveu ao hospital.

O velho inspetor olhou para Lauren e se sentou fazendo uma careta.

— Você aceita uma limonada?

— Preferiria que respondesse à minha pergunta.

— Dois anos aposentado, e o mundo já gira ao contrário. Só me faltava ver médicos interrogando policiais!

— Tão embaraçosa é a resposta?

— Tudo depende do que você saiba ou não.

— Sei de quase tudo!

— Então, por que você veio?

— Porque me aterroriza esse “quase”!

— Eu já sabia que você seria muito simpática! Vou pegar os refrescos e volto em seguida.

Deixou as flores na cozinha e tirou o avental. Depois de pegar as latas na geladeira, fez uma breve parada diante do espelho do corredor, o tempo justo para por em ordem os últimos cabelos que lhe restavam.

— Estão geladas! — disse, sentando-se à mesa.

Lauren agradeceu.

— Sua mãe não apresentou qualquer denuncia, assim não tinha motivo para deter seu arquiteto!

— Por um sequestro, o Estado deveria ter apresentado uma acusação civil, não é assim? — perguntou Lauren, bebendo um gole de limonada.

— Sim, mas tivemos um probleminha: a pasta se extraviou. Já sabe como são estas coisas: às vezes, as delegacias estão muito desordenadas!

— Você não quer me ajudar?

— Você não me disse o que está buscando!

— Tento compreender.

— A única coisa que você tem que compreender é que ele salvou sua vida.

— E por que o fez?

— Não me compete responder. Pergunte a ele. O tem com você: é seu paciente.

— Não quer me dizer nada.

— Tem suas razões, suponho.

— E você, quais tem?

— Eu, como você, doutora, devo segredo profissional. Duvido muito que quando alguém se aposenta, fique livre desta obrigação.

— Só quero conhecer os motivos dele.

— Não lhe basta que ele tenha salvo sua vida? Você faz o mesmo, cada dia por pessoas desconhecidas... Não vá censurá-lo por ele tê-lo feito uma vez!

Lauren tirou a toalha.

Agradeceu ao inspetor tê-la recebido e se dirigiu ao carro. Pilguez a seguiu.

— Esqueça-se de minha lição de moral: era uma pretensão. Não vou contar a você o que sei, porque você me tomaria por um louco; você é médica e eu sou um homem velho, e não fico feliz que me prestem serviços sociais.

— Deve ao segredo profissional, concorde!

O inspetor, então, resolveu, parado na porta do carro, explicar-lhe a mais louca aventura que já tinha vivido em toda sua vida, a história começava numa noite de verão, em uma casa junto ao mar, na baía de Carmel...

— Que mais posso dizer-lhe? — prosseguiu Pilguez —, trinta graus do lado de fora e quase outros tantos no interior da casa. E fiquei com calafrios, doutora! Você estava dormindo na cama daquele pequeno escritório, muito perto do lugar onde nos encontrávamos, enquanto ele me contava, eu ao seu lado, e às vezes, incluído; era como se você estivesse sentada ao meu lado. Então, eu acreditei. Provavelmente, porque desejava

fazê-lo. Não é a primeira vez que dou voltas nesse assunto. Mas como explicá-lo? Mudou meu modo de ver tudo, e inclusive mudou um pouco minha vida. Assim, tanto pior se você me toma por um velho extravagante.

Lauren colocou sua mão sobre a dele. Seu rosto irradiava luz.

— Eu também acreditei ter ficado louca. Um dia, eu prometo, vou contar-lhe uma história igualmente incrível que ocorreu na festa da pesca do caranguejo.

Inclinou-se para beijar sua face e o carro desapareceu pela rua.

— O que ela queria? — perguntou Nathalia, que acabava de aparecer diante da porta da casa, sonolenta.

— Trata-se daquela velha história.

— Reabriram a investigação!

— Ela sim. Vamos, vou preparar seu desjejum.

Capítulo 18

No dia seguinte, Paul chegou ao hospital na metade da manhã. Arthur o esperava em seu aposento, já vestido.

— Você demorou!

— Cheguei faz uma hora. Me disseram que você não poderia sair antes da visita dos médicos, e esta é as dez, assim, não pude subir antes.

— Já passaram.

— Estava também o velho mal humorado?

— Não, não o vi mais desde minha operação, quem me trata é um de seus colegas. Vamos? Não posso ficar aqui nem mais um minuto.

Lauren atravessou o vestíbulo com passo decidido. Colocou sua credencial no leitor magnético e passou para o outro lado do mostrador da recepção. Betty ergueu os olhos de suas fichas.

— Onde está Fernstein? — perguntou-lhe com determinação.

— Conheço a expressão “procurar problemas”, mas é você quem os traz.

— Responda à minha pergunta!

— Vi-o subir ao seu consultório, tinha que pegar uns papéis, mas me disse que voltaria em seguida.

Lauren agradeceu a Betty e se dirigiu aos elevadores.

O professor estava sentado atrás de sua mesa, escrevendo uma carta. Chamaram à porta. Deixou sua caneta e se levantou para abri-la. Lauren

entrou sem esperar.

— Creio que este edifício ainda está vetado a você! Talvez tenha contado mal o prazo— disse o professor.

— Que sanção se aplicaria a um médico que mentisse a seus pacientes?

— Depende se for do interesse do enfermo.

— Mas, se fosse do interesse do médico?

— Eu trataria de compreender seus motivos.

— E se o paciente também for um de seus alunos?

— Então, perderia toda credibilidade. Neste caso, creio que o aconselharia a se demitir ou a se aposentar.

— Por que você me ocultou a verdade?

— Estava escrevendo para você, agora.

Estou na sua frente, assim fale comigo!

— Com certeza pensa neste louco, que passava o dia em seus aposentos. Depois de ficar em dúvida se deveria interná-lo por demência precoce, me conformei em neutralizá-lo. Se tivesse permitido que lhe contasse sua história, você teria que fazer sessões de hipnose para chegar até o fundo! Se a tirei do coma, não foi para que voltasse a cair nele, sozinha.

— Mentira! — gritou Lauren, golpeando com o punho a mesa do professor Fernstein —. Diga-me a verdade!

— Realmente quer sabê-la? Advirto-a que não será fácil escutar.

— Para quem?

Para mim! Enquanto eu a mantinha com vida em meu hospital, ele assegurava que vivia com você em outra parte! Sua mãe me disse que vocês dois não se conheciam antes do acidente, mas, quando ele me falava de você, cada uma de suas palavras me mostrava o contrário. Você quer escutar o mais incrível de tudo? Mostrou-se tão convencido, que estive a ponto de acreditar nessa fábula!

— E se fosse o certo?

— Aí está o problema: teria me ultrapassado!

— E por isso mentiu para mim todo este tempo?

— Eu não menti para você, a não ser para protegê-la de uma verdade impossível de admitir.

— Você me subestimou!

— Seria a primeira vez, assim não pode reprovar-me.

Por que você não tentou compreendê-lo?

E para quê? Foi a mim que subestimei. Você tem diante de si toda a vida para arruinar sua carreira elucidando este mistério. Conheci vários estudantes brilhantes que quiseram fazer avançar a medicina muito depressa, e todos eles se perderam. Um dia, você vai se dar conta de que, em nossa profissão, o gênio não se distingue ampliando os limites do saber, mas sim, fazendo-o num ritmo que não desequilibre nem a moral nem a ordem estabelecidos.

— Por que renunciar?

— Porque você vai viver muito tempo e eu vou morrer muito cedo. Uma simples equação temporal.

Lauren se calou. Olhou para seu professor, à beira das lágrimas.

— Eu o suplico: não me faça passar por isto! Por isso preferi escrever-lhe. Passamos juntos alguns anos maravilhosos, não vou deixar-lhe como última lembrança um velho professor patético.

A jovem interna rodeou o consultório e estreitou Fernstein contra ela. Ele se abandonou, com os braços soltos. Logo, meio perturbado, acabou por abraçar sua aluna, sussurrando em seu ouvido: — Você é meu maior orgulho, meu maior logro. Não desista jamais! Enquanto estiver aqui, eu continuarei vivendo através de você. Mais adiante, será sua vez de ensinar; você tem atitude e talento para isso. Seu único inimigo será seu gênio, mas com o tempo, vai se acomodar. Veja, não lhe fiz tanto mal. Se me tivesse conhecido quando tinha sua idade! Vamos, agora saia daqui sem olhar para trás. É muito provável que eu chore por sua causa, mas não quero que você veja.

Lauren abraçou Fernstein com todas as suas forças.

O que vou fazer sem você? Com quem vou discutir? Disse ela, soluçando.

— Você se casará!

— Não estará aqui na segunda?

— Ainda não estarei morto, mas já terei saído. Não tornaremos a nos ver, ainda que pensemos sempre um no outro, estou certo disso.

— Lhe devo tantas coisas...

— Não — disse Fernstein, afastando-se um pouco —. Só as deve a si mesma. O que eu lhe ensinei, qualquer outro professor poderia ter ensinado, mas a diferença está em você. Se não cometer os mesmos erros que eu, será uma grande médica.

— Você não cometeu nenhum erro.

— Fiz Norma esperar um longo tempo; se tivesse permitido que ela entrasse antes em minha vida, se eu tivesse entrado antes na dela, teria conseguido ser muito mais do que um grande professor.

Lhe deu as costas e fez um gesto com a mão: já era hora de sair. E, tal como tinha prometido, abandonou o consultório sem olhar para trás.

Paul tinha levado Arthur para casa. Quando a senhora Morrison apareceu em companhia de Pablo, ele escapuliu até o escritório. A jornada de sexta sempre era muito curta e tinha muito trabalho atrasado. Antes de sua partida, Arthur pediu-lhe um último favor, algo com que sonhava durante vários dias.

— Já veremos como você vai estar amanhã de manhã. Passarei para vê-lo, hoje à noite. Agora, descanse!

— Mas, se não faço outra coisa!

— Muito bem, pois continue descansando!

Lauren encontrou um embrulho em sua caixa de correio. Abriu -o, enquanto subia as escadas. Ao entrar em seu apartamento, tirou dele uma grande foto, acompanhada de uma nota.

“No decorrer de minha carreira, resolvi a maior parte dos enigmas, buscando a solução na cena do crime. Aqui tem a foto e o endereço da casa onde eu a encontrei. Conto com sua descrição. Esta pasta se perdeu por descuido...”

Boa sorte!

George Pilguez Inspetor de polícia, aposentado.

P. D.: Você não mudou nada nada”.

Lauren tornou a fechar o envelope, consultou seu relógio e em seguida foi ao armário. Enquanto preparava sua sacola de viagem, chamou sua mãe.

— Não é uma boa ideia. A última vez que você foi passar o fim de semana em Carmel...

— Mãe, só lhe peço que você fique com Kali mais um pouco.

— Você me fez prometer que não eu não teria medo, mas não pode me proibir de que eu tenha medo por você. Seja prudente e me telefone, para dizer-me que você chegou bem.

Lauren desligou. Voltou ao armário e se colocou na ponta dos pés para pegar outras sacolas. Começou a enchê-las com roupas para vestir... e com muitas outras coisas.

Arthur tinha colocado uma calça e uma camisa. Deu os primeiros passos na rua, de braço dado com Rose Morrison.

Atrás deles, Pablo arrastava sua coleira, freando com as quatro patas.

Veremos o final do filme quando você tiver feito o que tem que fazer!
— disse a Sra. Morrison ao seu cãozinho.

A porta do apartamento se abriu. Robert entrou no salão, Lauren estava de costas e a estreitou em seus braços. Ela se sobressaltou.

— Não queria assustá-la!

— Pois o fez.

Robert olhou a bagagem arrumada no meio do aposento.

— Você vai viajar

— Somente o final de semana.

— E vai precisar de todas essas maletas?

— Somente a pequena e a vermelha que estão na entrada; as outras são suas.

Aproximou-se dele e colocou as mãos em seus ombros.

— Você disse que as coisas mudaram desde o meu acidente, mas não é certo. Tampouco, éramos felizes antes. Mas, eu tinha meu trabalho e não podia ver claramente. O que me espanta é que você não tenha podido ver.

— Tal vez porque eu a amo.

— Não, você ama é esta nossa relação; nos protegemos um ao outro da solidão.

— Não é de todo ruim.

— Se você fosse mais sincero, seria mais lúcido. Queria que você fosse embora, Robert. Arrumei todas as suas coisas para que você as leve para sua casa.

Robert a olhou, desamparado.

Então, você decidiu... Está tudo terminado?

— Não, creio que o decidimos juntos, mas eu fui a primeira a formulá-lo, é tudo.

Você não quer nos dar uma segunda oportunidade?

— Seria a terceira. Já faz muito tempo que nos conformamos em estar juntos, mas este conformismo não é suficiente, agora, eu necessito amar.

— Posso ficar aqui esta noite?

— Você está vendo? O homem de minha vida jamais teria feito tal pergunta.

Lauren pegou sua bolsa. Beijou a face de Robert e saiu do apartamento sem olhar para trás.

O motor do velho carro inglês respondeu de imediato. A porta da garagem se ergueu e o Triumph foi em direção a Green Street. Fez a volta na esquina da rua. Na calçada, um jack russell corria até o parque, e um homem e uma senhora passavam perto de um plátano.

Eram quase quatro da tarde, quando chegou à estrada 1, a que margeia o Pacífico.

Ao cair do dia, Lauren chegou a uma cidade quase deserta. Deixou o carro no estacionamento junto à praça, e ficou sentada. Grandes nuvens ocultavam o horizonte. Ao longe, o céu mudava de malva para preto.

Quando a noite começava, chegou à pousada Carmel Valley Inn.

A recepcionista entregou-lhe as chaves de um bangalô que dava para a baía de Carmel. Lauren desfez sua bagagem quando os primeiros raios rasgaram o céu. Correu para fora, para colocar o Triumph sob o abrigo de um telhado e voltou debaixo de uma chuva torrencial. Encolhida num edredom de algodão grosso, pegou uma bandeja e se instalou diante da televisão. Na ABC estava passando seu filme preferido, Tu e Eu. Deixou-se embalar pelas gotas que golpeavam os vidros das janelas. Com o beijo que Cary Grant deu, por fim, nos lábios de Deborah Kerr, pegou o travesseiro e o apertou contra seu corpo.

A chuva cessou na última hora da madrugada. As árvores gotejavam na relva, e, Lauren não conseguia dormir. Vestiu-se, colocou uma gabardina sobre os ombros e saiu.

O carro percorria os últimos minutos daquela grande noite, e os faróis iluminavam as riscas alaranjadas e brancas que se alternavam entre cada curva na parte côncava da estrada. Adivinhou ao longe, os contornos da propriedade e foi por um caminho de terra batida.

Depois de uma curva estacionou num vão, escondendo o carro atrás de uma fileira de ciprestes. O portão verde de ferro forjado erguia-se diante dela. Empurrou a grade fechada com a corrente de um letreiro que indicava o caminho de uma agência imobiliária da baía de Monterrey. Lauren deslizou entre os dois batentes.

Contemplou a paisagem que a rodeava. Largas tiras de terra ocre, onde estavam plantados alguns pinheiros pioneiros e plátanos, sequóias, gramados e algarrobos, que pareciam estender-se até o mar. Subiu pela pequena escada de pedra que bordeava o caminho, e, na metade do trajeto,

adivinhou à sua direita, os restos de um roseiral. O jardim estava abandonado, mas uma imensidão de perfumes intermesclados despertavam, a cada passo, um carrossel de lembranças. As folhas das árvores vibravam com o vento leve.

Diante dela, viu a casa de postigos fechados. Avançou até a escada, subiu os degraus e parou embaixo do alpendre. O oceano parecia querer destruir os rochedos, e as ondas traziam montes de algas entrelaçadas com galhos. O vento desarrumou seus cabelos.

Rodeou a casa, procurando o modo de entrar nela. Acariciou a fachada com a mão e seus dedos se detiveram num calce, na parte inferior de um postigo. Retirou-o e o painel de madeira se abriu, guinchando ao girar sobre suas dobradiças.

Lauren apoiou a cabeça contra o vidro. Tentou levantar a janela: insistiu, desencaixando ligeiramente a armação, que cedeu e deslizou sobre seus trilhos. Já nada a impedia de entrar no interior.

Fechou outra vez o postigo e a janela atrás dela. Logo, atravessou o pequeno escritório, lançou um olhar furtivo à cama e saiu.

Foi avançando com passos lentos pelo corredor; por trás das paredes, cada lugar continha um segredo. E, Lauren se perguntava, se aquela sensação íntima surgia de uma narrativa que ouvira num aposento de hospital, ou se vinha, ainda, de mais longe.

Entrou na cozinha e seu coração batia cada vez mais forte; olhou ao redor com os olhos úmidos. Em cima da mesa, uma velha cafeteira italiana lhe pareceu familiar. Vacilou, pegou o objeto e o acariciou, antes de deixá-lo.

A porta seguinte dava para o salão. Um grande piano dormia na escuridão do lugar. Aproximou-se, tímida, e se sentou no tamborete; seus dedos pousados no teclado tentaram as primeiras e frágeis notas de “Au Clair de Lune” de Werther. Depois, se enroscou na almofada e sua mão acariciou a superfície de lã.

Repassou cada canto, subiu, indo de aposento em aposento; e, pouco a pouco, as recordações da casa se transformaram em instantes presentes.

Um pouco mais tarde, desceu e regressou ao escritório. Olhou a cama, aproximou-se do armário e estendeu a mão. Apenas o tinha roçado, quando a maçaneta começou a girar. Sob seus olhos, brilhavam os fechos de uma pequena maleta preta.

Lauren sentou-se, cruzando as pernas, abriu a maleta.

Seu interior estava repleto de objetos de todos os tamanhos: cartas, algumas fotos, um avião de pasta de sal, um colar de conchas, uma colherinha de prata, dois dentes de bebê e um par de óculos de sol de criança. Tinha um envelope com papel timbrado de Rives, que tinha seu nome. Pegou-o, o olhou, abriu e começou a ler.

As palavras que ia descobrindo com mão trêmula, os fragmentos de recordações, recompuseram, por fim, a história...

Avançou até a cama e apoiou a cabeça no travesseiro para ler uma vez, mais uma, a última página, que dizia:

“... E assim termina a história, com seus sorrisos e o tempo que dura uma ausência. Todavia ouço os seus dedos sobre o piano de minha infância. Busquei-a por todas as partes, inclusive as mais longínquas. Encontrei-a, e esteja você onde estiver, sempre durmo com seu olhar. Sua carne é minha carne. Com nossas metades tínhamos feito promessas; juntos, éramos nossas manhãs. Desde agora, sei que os sonhos mais loucos se escrevem com a tinta do coração. Vivi ali, onde as lembranças se constroem entre apenas dois, ao abrigo dos olhares, no segredo de uma só confiança, onde você ainda reina.”

“Você me deu o que eu não conhecia: um tempo onde cada segundo de você contará em minha vida, muito mais do que qualquer outro segundo. Eu pertencia a todos os povos, mas você inventou um mundo. Você vai acordar algum dia? Eu amei você como jamais imaginei que fosse possível. Você entrou em minha vida, como se entra no verão.”

“Não sinto raiva nem arrependimento. Os momentos que você me deu têm um nome: MARAVILHA. Todavia, eu os levo e estão cheios de sua eternidade. Mesmo sem você, jamais tornarei a ficar só, já que você existe em algum lugar.”

Arthur”

Lauren fechou os olhos e apertou a folha contra ela. Mais tarde, o sono finalmente a invadiu.

Era meio-dia e uma luz dourada se filtrava entre as persianas. Os pneus de um carro frearam, justo diante do alpendre. Lauren sobressaltou-se. Em seguida, procurou um lugar onde se esconder.

— Vou buscar a chave e venho abrir para você — disse Arthur, enquanto abria a porta do Saab.

— Você não quer que eu vá? — propôs Paul.

— Não, você não saberia abrir o postigo, tem um truque.

Paul desceu do carro, abriu o porta-malas e tirou a caixa de ferramentas.

— O que você está fazendo? Perguntou Arthur enquanto se distanciava.

— Vou desmontar o letreiro de “Vende-se”. Feche os olhos.

— Um minuto e eu já abro — repetiu Arthur, indo até o postigo fechado.

— Perde seu tempo, amigo! — disse Paul, com uma chave inglesa na mão.

Arthur fechou a janela e foi pegar a chave que havia na maleta preta. Abriu a porta do armário e teve um sobressalto. Uma pequena coruja branca o olhava na escuridão na extremidade de um braço, e com o olhar protegido por um par de óculos infantis, que Arthur reconheceu de imediato.

— Creio que já está curado. Nunca mais terá medo da luz do dia — disse uma voz tímida, oculta nas sombras.

— Acredito: eu usava esses óculos, e com eles vemos maravilhas de cores.

— Parece isso! — respondeu Lauren.

— Não gostaria de ser indiscreto, mas, o que vocês dois fazem aqui? Ela avançou um passo e saiu da escuridão.

— O que vou dizer-lhe, não é fácil entender e é impossível de aceitar, mas se você quiser ouvir nossa história, se você quiser confiar em mim, talvez termine por crer, e isto é muito importante, porque agora eu sei: você é a única pessoa do mundo com quem posso compartilhar este segredo.

E, Arthur, entrou, finalmente, no armário.....

Epílogo

Paul e Onega mudaram-se no Natal para um apartamento na Marina.

A senhora Kline ganhou o torneio de bridge da cidade, e no verão seguinte, o do estado da Califórnia. E, começou com o pôquer. No momento, está disputando a semifinal do campeonato nacional em Las Vegas.

O professor Fernstein morreu em um hotel de Paris. Norma o levou para a Normandia, para que descansasse não muito longe de seu tio, morto na guerra, em território francês, um dia de junho de 1944.

George Pilguez e Nathalia casaram-se em uma pequena capela veneziana. Em Da Ivo, um pequeno e maravilhoso lugar, jantaram, sem saber, na mesa em frente ao doutor Lorenzo Granelli. Agora, prosseguem sua viagem pela Europa. A comissária do sétimo distrito recebeu, recentemente, um postal que enviaram de Istambul.

A senhora Morrison conseguiu o impossível: cruzar Pablo com uma fêmea jack russel, que se revelou, depois do nascimento dos cãezinhos, ser um fox terrier. Pablo cria dois de seus seis filhos.

Betty continua como enfermeira-chefe de Emergência do Hospital San Francisco Memorial.

Enquanto isso, Arthur e Lauren pediram para não ser perturbados...
Durante algum tempo...

FIM